

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
LUIZA HELENA MORAIS BARBOSA**

**O COTIDIANO IMPRESSO: O FOLHETIM E A CRÔNICA NAS PÁGINAS DO
JORNAL O LEOPOLDINENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Juiz de Fora
2017

LUIZA HELENA MORAIS BARBOSA

**O COTIDIANO IMPRESSO: O FOLHETIM E A CRÔNICA NAS PÁGINAS DO
JORNAL O LEOPOLDINENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Fialho Silva

Juiz de Fora
2017

Ficha Catalográfica

B238

Barbosa, Luiza Helena Moraes,

O cotidiano impresso: o folhetim e a crônica nas páginas do jornal O Leopoldinense no final do século XIX; orientador Rodrigo Fialho Silva. – Juiz de Fora : 2017.

122 p. : il.

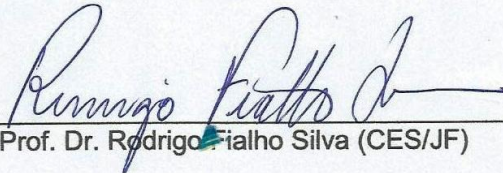
Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2017.

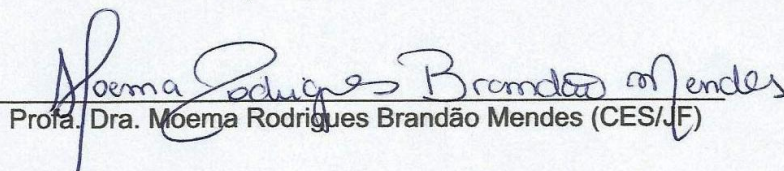
1. Cotidiano. 2. Jornalismo literário. 3. O Leopoldinense
4. Séc. XIX. I. Silva, Rodrigo Fialho, orient. II. Título.

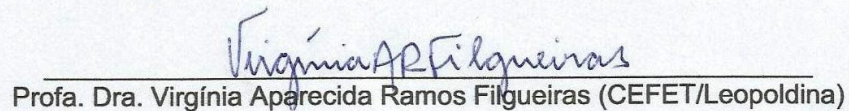
CDD: 070.4498

BARBOSA, Luiza Helena Moraes. **O cotidiano impresso: o folhetim e a crônica nas páginas do jornal O Leopoldinense** no final do século XIX. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Rodrigo Fialho Silva (CES/JF)


Profa. Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF)


Profa. Dra. Virgínia Aparecida Ramos Filgueiras (CEFET/Leopoldina)

Examinado (a) em 07/08/2017.

AGRADECIMENTOS

Peço licença poética a Gonzaguinha para utilizar os seguintes versos: "viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz".

Às pessoas que contribuíram para meu exercício de aprendiz durante o percurso vivido na condição de filha, irmã, mãe e avó.

Início com aquele que foi o responsável por me trazer à vida. Obrigada a meu pai pelas marcas escriturísticas deixadas em seus 13 filhos, como a da responsabilidade, da seriedade, do compromisso e do valor ao trabalho.

Àquela que foi e ainda é a mãe que acolhe e abriga os filhos, os netos, os amigos, os amigos dos amigos com prazer e alegria de viver.

Aos meus doze irmãos, pelo companheirismo, solidariedade, amizade e pelas gargalhadas nos encontros cotidianos.

Ao Antônio Carlos, pelo amor, zelo, confiança, amizade e companheirismo.

Aos filhos Marcelo, Felipe e Ana Luisa, por terem me dado a oportunidade de dar a luz e, conseqüentemente, a chance de ensinar e aprender seguindo o melhor caminho para se conduzir a vida.

À Sofia, que aos seis anos de idade é mensageira da sabedoria própria de grandes filósofos, com capacidade de indicação dos vários sentidos da vida.

Aos amigos, pela reserva da minha cadeira cativa durante toda minha ausência nas oficinas de orações semanais.

À professora Dra. Virgínia Aparecida Ramos Filgueiras pela contribuição no direcionamento da pesquisa e pelas notas de incentivos que me fizeram caminhar com confiança e segurança no decorrer da investigação.

À coordenadora do programa de Mestrado do CES/JF, professora Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes pela lição de competência, responsabilidade, comprometimento e menções de carinho externado sempre com o uso da expressão "cuidando de vocês".

Ao professor orientador Dr. Rodrigo Fialho Silva pela oportunidade que me deu de beber na fonte de seus conhecimentos.

A todos os professores do programa de Mestrado que, por meio do incentivo e dedicação, orientaram os caminhos para a concretização do objetivo da pesquisa. Em especial à professora Dra. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, por ter me acolhido

nesta Instituição de Ensino dando-me oportunidade de absorver parte dos conhecimentos de todos os professores do Programa.

Por fim, a Ele, criador do universo, que, por meio de um sopro, recarrega nossas baterias para dar sentido às nossas vidas.

Ainda parafraseando o poeta citado quanto à inocência da resposta de uma criança sobre a vida eu repito, repito e repito que ela é bonita.

RESUMO

BARBOSA, Luiza Helena Moraes. **O cotidiano impresso**: o folhetim e a crônica nas páginas do jornal **O Leopoldinense** no final do século XIX. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

Esta dissertação tem como objetivo analisar os elementos formadores de um cotidiano literário presentes em **O Leopoldinense**, periódico hebdomadário de formato *in-fólio* da cidade de Leopoldina, interior da Zona da Mata mineira no período compreendido entre 1879 a 1896. Folha produzida em material de boa qualidade, com tiragem de 2000 exemplares semanais, reveladora do pensamento e das inquietações da população brasileira referente a principal temática do momento histórico vivido: a abolição da escravatura e a emancipação da lavoura. Nas edições garimpadas, foram analisados 72 textos na rubrica de folhetim e 28 na de crônica. Pesquisa quantitativa, qualitativa e exploratória de caráter bibliográfico e documental com análise em fontes primárias que compõem os elementos formadores do arquivo, tem como finalidade estudar o jornalismo do final do século XIX na perspectiva do gênero literário e apreender no cotidiano das páginas do jornal, nos fragmentos das notícias, se os gêneros textuais publicados nas colunas folhetim e crônica podem ser considerados literários. A partir das análises das proposições teóricas de Antônio Olinto e Alceu Amoroso Lima em relação à abordagem sobre jornalismo e literatura em consonância com os estudos da vida cotidiana de Michel de Certeau e Agnes Heller, busquei estabelecer um diálogo entre os encaminhamentos epistemológicos da Literatura e da História, considerando a linha de pesquisa Literatura brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, na qual se insere o presente estudo. A partir de 1879, ano de criação de **O Leopoldinense**, a sociedade leopoldinense conta com o registro dos acontecimentos sociais, políticos, religiosos e culturais por meio de suas páginas impressas, que registram o fazer cotidiano. Esse jornal foi um dos principais veículos de informação capaz de mobilizar as opiniões nos espaços públicos e privados da cidade e região. Entendido como fonte para estudos acerca da literatura brasileira, em uma perspectiva regional e local. Seu repertório evidencia o potencial literário como documento e reconhece o jornalismo como gênero literário.

Palavras-chave: Cotidiano. Jornalismo literário. O Leopoldinense. Século XIX.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to analyse the elements that form a daily literary life in the newspaper called **O Leopoldinense**, a weekly newspaper with a folio format, from the city of Leopoldina, inside of Zona da Mata region of the State of Minas Gerais, from 1879 to 1896. Sheet produced in good quality material, with a weekly circulation of 2000 copies, revealing the thoughts and concerns of the Brazilian population regarding the main theme of the historical moment: the abolition of slavery and the emancipation of agriculture. In the editions, were analysed 72 feuilletons and 28 chronicles. This is a quantitative, qualitative and exploratory research based on bibliographical and documentary character with analysis in primary sources that compose the elements of this archive. Its purpose is to study journalism from the perspective of the literary genre at the end of the 19th century, as well as to apprehend in the daily pages of the newspaper, in the fragments of the news, whether the textual genres published in the columns of the feuilletons and the chronicles can be considered literary. From the analyses of the theoretical propositions by Antonio Olinto and Alceu Amoroso Lima in relation to the approach to journalism and literature in consonance with Michel de Certeau's and Agnes Heller's studies of the daily life, I sought to establish a dialogue between the epistemological referents of Literature and History, considering the line of research Brazilian Literature: transdisciplinary and transdisciplinary approaches, in which this study is inserted. In 1879, the year of creation of **O Leopoldinense**, the society started having the social, political, religious and cultural events printed on its pages. This newspaper was one of the main information vehicles capable of mobilizing opinions in the public and private spaces of the city and region. Understood as a source for studies about Brazilian literature, from a regional and also local perspective. This newspaper evidences the literary potential as a document and recognizes journalism as literary genre.

Key-words: Daily, Literary journalism, O Leopoldinense, XIX century.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Ano de publicação, local e quantidade de edições entre os anos de 1880 a 1896 de O Leopoldinense	19
TABELA 2 - Localidades ao alcance de O Leopoldinense no ano de 1883	26
TABELA 3 - Dados estatísticos do movimento cotidiano das ruas de Leopoldina em 1881.....	39
TABELA 4 - Nomes e pseudônimos dos folhetinistas e o número de publicações no período pesquisado do gênero folhetim	55
TABELA 5 - Nomes e pseudônimos dos cronistas de O Leopoldinense no período pesquisado com o número de publicações do gênero crônica	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Número de publicações de O Leopoldinense e edições disponíveis para pesquisa	20
GRÁFICO 2 - Publicações entre os anos de 1881-1896 de folhetim, crônica e literatura em O Leopoldinense	43

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Edição número 51 de O Leopoldinense , de 07/11/1880	20
FIGURA 2 - Edição número 00013 de O Leopoldinense , de 10/04/1892.....	22
FIGURA 3 - Edição número 19 de O Leopoldinense , de 16/09/1894.....	23
FIGURA 4 - A árvore da força	99

LISTA DE SIGLAS

APM - Arquivo Público Mineiro

BN/SOR - Biblioteca Nacional - Seção de Obras Raras

SIAAPM - Sistema Integrado de Acesso ao Arquivo Público Mineiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 JORNAL O LEOPOLDINENSE	18
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS	18
2.1.1 A literatura nos jornais oitocentistas	33
2.1.2 O surgimento da imprensa no Brasil.....	35
2.2 ASPECTOS LITERÁRIOS	37
3 O JORNALISMO COMO GÊNERO LITERÁRIO	45
3.1 OS FOLHETINS E O COTIDIANO.....	51
3.2 AS CRÔNICAS DO DIA A DIA	64
4 ESCRITAS DO COTIDIANO: pessoas e lugares	79
4.1 O ESPAÇO DAS RUAS IMPRESSAS	88
4.2 GENTE COMUM NO FINAL DO OITOCENTOS: o tempo e as pessoas.....	90
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O incidente com a literatura no ano de 2015 foi decisivo. Ela passou a fazer parte da minha existência quando do encontro com a obra **Bagagem**, de Adélia Prado (2014), que, sob um olhar feminino, fala de coisas do cotidiano. Ao cursar a disciplina Literatura Brasileira: interfaces interdisciplinares, ministrada pelo professor Doutor Rodrigo Fialho Silva, no Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, me foi apresentada a figura de João do Rio e a sua **Alma encantadora das ruas**, advindo daí também o fascínio total pela literatura e sua relação com o cotidiano.

A participação no grupo de pesquisa **Ler, publicar e civilizar: usos da imprensa para a difusão da Literatura e da História em Minas Gerais no século XIX** colocou-me frente a frente com uma fonte primária: os jornais oitocentistas, uma vez que, até então, eu não tinha a expertise da sua riqueza e nem sabia que, por intermédio da leitura dos textos das colunas de folhetim e da crônica, era possível identificar o acontecer histórico, reportando a cotidianidade e revelando os acontecimentos de uma época.

É importante ressaltar a contribuição da Professora Doutora Moema Rodrigues Brandão Mendes, cuja disciplina Arquivos brasileiros e memória me conduziu às fontes históricas condutoras de heranças materiais e imateriais para a referida pesquisa.

A fonte escolhida para investigação, o jornal **O Leopoldinense**, um periódico oitocentista, contém um baú de surpresas capaz de aguçar os órgãos dos sentidos em lembranças que remetem à traça, ao ácaro, ao bolor, à cor sépia, à ortografia da época e à ironia dos escritores. Esse veículo informativo e histórico contribuiu para este estudo com seus elementos literários que compuseram o cotidiano e as histórias da vida social mineira e leopoldinense.

Durante os anos de 1879 a 1896, recorte temporal da pesquisa, identifica-se o registro nas páginas de **O Leopoldinense** da vida cultural, social, política, religiosa e econômica da sociedade de Leopoldina. Por meio das publicações, especialmente os folhetins e as crônicas, é possível revisitar aquela temporalidade, na tentativa de reconhecer os elementos literários que faziam parte do cotidiano local daquela época.

Inicialmente, algumas considerações devem ser feitas sobre a metodologia de tratamento das fontes da presente pesquisa. Nas publicações do periódico pesquisado, foram levantadas as colunas designadas ao folhetim, a crônica e a literatura. Foram considerados gêneros literários o folhetim e a crônica para análise da presença de elementos que pudessem fornecer informações da vida cotidiana do período.

Para se analisar o periódico em tela e atender aos objetivos do estudo ora realizado, adotei como referência teórica as obras: **Jornalismo e literatura** de Antônio Olinto (1954), com destaque às questões que fazem do jornalismo uma manifestação de literatura; **O jornalismo como gênero literário** de Alceu Amoroso Lima (1969) e seu reconhecimento do jornalismo como um legítimo gênero literário; **O cotidiano e a história** de Agnes Heller (2014) e suas proposições sobre a estrutura e história da vida cotidiana; e **A invenção do cotidiano: artes de fazer** de Michel de Certeau (1998), que nos faz caminhar em um plano de análise fundamentado no estudo das práticas cotidianas como modos de ação e operações realizadas pelo indivíduo no processo de interação social. Foram utilizados também outros autores que abordam e contribuem para a discussão da temática.

A partir da relação entre o referencial teórico e a análise empírica, estudei o jornalismo como gênero literário no sentido de delinear os elementos inventivos do cotidiano. A investigação busca no jornalismo do oitocentos elementos para compreensão deste como gênero também literário e a percepção de uma certa cotidianidade em suas páginas para desvelar a hipótese inicialmente formulada no projeto desta pesquisa: Até que ponto a realidade observada nos fragmentos das notícias nos folhetins e nas crônicas podem ser entendidas como elementos reveladores do cotidiano de uma época. Por meio dos gêneros textuais na rubrica do folhetim e da crônica, recursos importantes foram encontrados para a pesquisa historiográfica e literária no jornal, fonte primária facilitadora para análise qualitativa dos elementos formadores da vida cotidiana capaz de estreitar os laços entre a Literatura e o Jornalismo.

Esta dissertação foi estruturada em cinco seções. Na introdução, apresento os principais colaboradores e incentivadores desta pesquisa, faço alusões ao valor das fontes primárias bem como a importância do arquivo para implementação de uma investigação literária. Destaco também o marco temporal da pesquisa, o

corpus, os objetivos, a metodologia e os referenciais teóricos que contribuíram para discussão do tema proposto.

A segunda seção versa sobre o jornal **O Leopoldinense** no período de 1879 a 1896. Algumas considerações foram feitas sobre o nascimento da imprensa e as dificuldades das práticas de leitura no Brasil à época. A imprensa jornalística como agente de transformação e o desempenho do jornalismo literário como veículo de informação e de entretenimento também foram discutidos. Sobre o jornal, foram analisados os aspectos históricos da cidade de Leopoldina e região, o seu período de circulação, o contexto econômico, político e social, as tendências político-partidárias, os editores e redatores e a disponibilidade das edições para o tratamento da pesquisa.

Para sustentação teórica, foram desenvolvidas considerações relacionadas à metodologia de tratamento de fontes históricas, com contribuições precisas de José D'Assunção Barros (2012). Sobre os aspectos literários, os estudos passaram por um cotejo dos gêneros textuais como a propaganda, divulgações e anúncios e os gêneros narrativos, crônica e folhetim, com os quais os jornalistas buscaram para, no cotidiano da época, enunciar e materializar os textos escritos nas colunas reservadas para tal finalidade. Inicialmente, no período selecionado, encontra-se o folhetim, inserido em um espaço reservado no rodapé da primeira página. Primeiro, o folhetim-romance, editado em capítulos, seguido do folhetim-semanal. Surge, logo após, a seção de crônica; depois a variedade, seguindo o mesmo estilo da crônica e, por fim, a seção literatura. Além de tomarem o cotidiano como referência, elas buscam inspirações nas paisagens naturais, nos sentimentos humanos e nas relações sociais do dia a dia.

Após levantamento das publicações do jornal nos arquivos da Biblioteca Nacional e no Arquivo Público Mineiro foi elaborado um gráfico sobre o número de edições publicadas e as disponíveis para esta pesquisa.

Na terceira seção foi abordado o jornalismo como gênero literário. Para isso, foi feita uma análise da interatividade entre a produção literária e a jornalística tratada por Lúcia Granja e Lise Andries (2015), a evolução do jornalismo descrita por Felipe Pena (2016) e a discussão sobre o jornalismo como gênero literário a partir das proposições de alguns críticos, como Alceu Amoroso Lima (1969), Antônio Olinto (1954). Em seguida, partiu-se para análise dos folhetins publicados no jornal **O Leopoldinense**, com destaque para as contribuições de Marlyse Meyer (1996).

Logo após, foi feita uma análise das crônicas publicadas pelo jornal em tela, no período em foco. Para tanto, buscou-se auxílio nos autores Massaud Moisés (1983), que trata da essência da criação em prosa, Carlos Simon (2011) com abordagem sobre o local de publicação da crônica e Afrânio Coutinho (1986), em Literatura e jornalismo, que versa sobre a não dissociação dos dois termos.

Na quarta seção, foram propostas reflexões e análises sobre a estrutura da vida cotidiana, tendo como suporte teórico Agnes Heller (2014), que a trata como um sistema dinâmico das categorias da atividade e pensamento cotidiano, e Michel de Certeau (1998), que estuda as práticas cotidianas como modo de ação e operações realizadas no processo de interação social. Contribui também para esse momento Mikhail Bakhtin (1997), com suas argumentações sobre os atos de criação que incidem na combinação de uma produção nova a partir de acontecimentos anteriores, e, ainda, a abrangência do diálogo, o discurso e sua heterogeneidade e a leitura pensada como prática social quando autor e leitor interagem numa situação de enunciação. Por fim, após a conceituação do vocábulo **rua** foi feita uma análise da formação, dos acontecimentos e das personagens contidas nos textos dos folhetins e das crônicas como componentes do cotidiano das ruas da cidade de Leopoldina, no final do século XIX. Na última seção, a conclusão da presente pesquisa.

A importância da pesquisa detém-se na relação entre o referencial teórico e a análise empírica e no estudo do jornalismo como gênero literário capaz de traçar os elementos inventivos do cotidiano, por meio das publicações literárias do jornal **O Leopoldinense**, compreendidas como fonte de pesquisa e agente histórico de transformação de uma realidade, em uma perspectiva transdisciplinar entre Literatura e História. Mesmo com a distância aparentemente observada entre a Literatura e o Jornalismo, ao longo de um determinado tempo, estas disciplinas podem ser consideradas com certas afinidades pelas características homogêneas na produção da arte.

A página seguinte versará sobre o corpus desta pesquisa, o jornal **O Leopoldinense**, seu formato, conteúdo e o enfoque nos aspectos históricos e literários.

2 JORNAL O LEOPOLDINENSE

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

O jornal **O Leopoldinense**, um hebdomadário de formato *in-fólio* nasce na cidade de Leopoldina, em 1879. Fundado pelo alferes Francisco da Costa Sobrinho, sua sede localizava-se à rua do Rosário número 37, juntamente com uma casa de negócios. Os colaboradores e produtores das notícias se espalhavam pela região da zona da Mata mineira e da Corte, na cidade de São Sebastião, hoje Rio de Janeiro. As notícias da Corte, assim como as do interior de Minas Gerais, eram transmitidas por meio das colunas de crônicas, folhetins, literatura, variedades e outras. Os cronistas escreviam e compartilhavam nessas seções as notícias cotidianas, como os festejos mais badalados da época, quais sejam, as festas religiosas, o carnaval, os bailes e as festas dançantes (É PARA...,1881, ed. 00011, p.1- 4, c. 1- 4).¹

Quanto às publicações de **O Leopoldinense**, não era mantida uma regularidade nas colunas e páginas sobre um determinado assunto, o que não o difere de outros periódicos da mesma época. Esse jornal teve importante participação no suprimento das necessidades culturais de seus leitores. "Era a primeira folha que aparecia na vasta região percorrida pelos comboios da estrada de ferro Leopoldina" (O LEOPOLDINENSE, 17..., 1883, ed. 00029, p. 5, c.1,2).

A busca pelas edições remanescentes do jornal **O Leopoldinense** em bibliotecas particulares e públicas foi bastante criteriosa. No período delimitado da pesquisa (1879-1896), não foram localizados os exemplares dos anos de 1879, 1884-1888 e 1893, perfazendo, assim, um total de sete anos sem consulta dessa fonte documental. No período compreendido entre 1880-1883 e 1889-1896, estão disponíveis 217 edições. A tabela a seguir registra as edições localizadas no período de 1880 a 1896 e os referidos locais para pesquisa.²

¹ As edições de **O Leopoldinense** utilizadas na presente pesquisa foram consultadas *on-line* na seção de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional e no Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro SIA/APM. O jornal **O Leopoldinense** possui várias edições ao longo de um ano, por isso a necessidade de destacar cada uma das edições, pois não existe uma sequência de páginas, ou seja cada edição é composta por quatro ou cinco páginas. Dessa maneira, informamos que serão utilizados os critérios de citação da fonte da seguinte forma: autoria, nome do jornal, ano de publicação, edição, página e coluna, de acordo com a sua disposição tipográfica e nas referências será inserida a localidade de publicação.

² Legenda: APM (Arquivo Público Mineiro) e BN (Biblioteca Nacional).

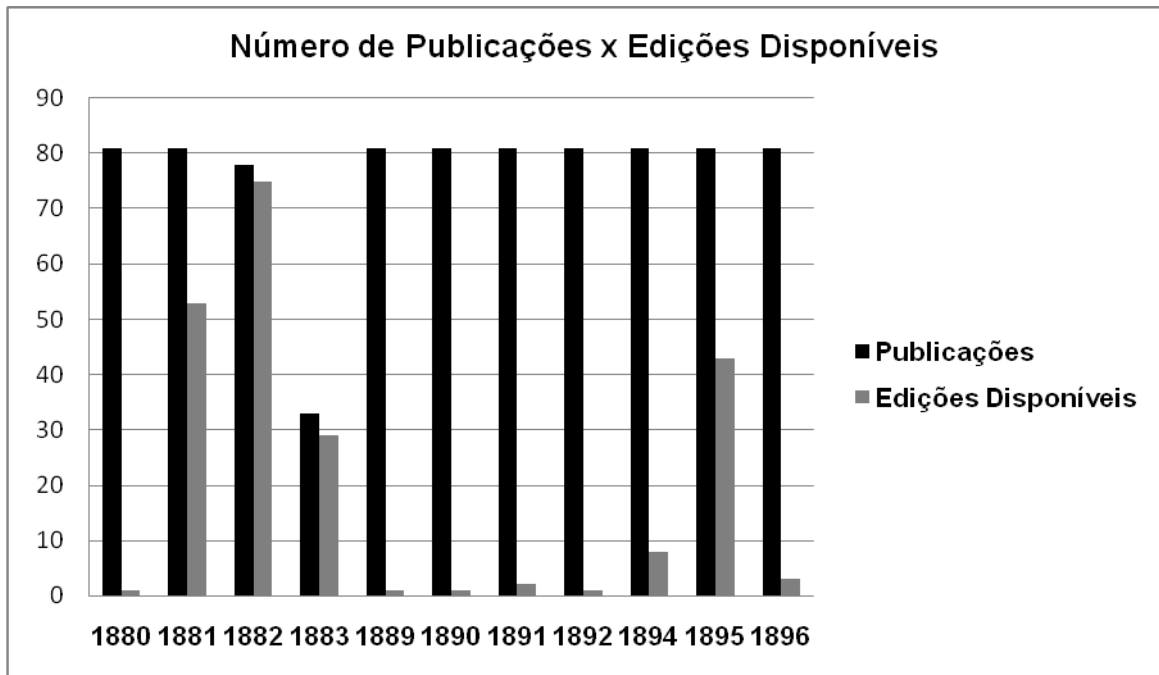
TABELA 1 - Ano de publicação, local e quantidade de edições entre os anos de 1880 a 1896 de **O Leopoldinense**

ANO DE PUBLICAÇÃO	LOCAL	QUANTIDADE EDIÇÕES
1880	APM	01
1881	BN	53
1882	BN	75
1883	BN	29
1889	APM	01
1890	APM	01
1891	APM	03
1892	APM	01
1894	BN	08
1895	BN	42
1896	BN	03
TOTAL DE EDIÇÕES		217

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

As edições estão disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - Hemeroteca Digital Brasileira, seção de obras raras, no portal de periódicos nacionais, e na Hemeroteca do Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro (SIAAPM). O gráfico a seguir aponta o número de publicações e as edições disponíveis encontradas:

GRÁFICO 1 - Número de publicações de **O Leopoldinense** e edições disponíveis para pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Mesmo com a falta das edições (que se perderam), as remanescentes indicam caminhos que, por meio de um minucioso garimpo, esclarecem pontos chaves para compreensão da história da publicação.

FIGURA 1 - Edição número 51 de **O Leopoldinense**, de 07/11/1880



Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM). **O Leopoldinense**, 1880, ed. 51. 7 nov. 1880. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 19 ago. 16.

O recorte anterior (Figura 1) constitui o primeiro exemplar localizado e está disponível no Arquivo Público Mineiro, por meio do *site* indicado. A razão social era Costa Sobrinho & C, e podem ser observadas informações sobre o editor, o gerente e o proprietário. Denominado em sua primeira fase como "Folha Commercial Agrícola e Noticiosa, dedicada à causa pública e social", consagrado aos interesses

dos municípios de Leopoldina e Cataguases como seu público alvo declarado, era fruto de uma sociedade anônima que contava com o Alferes Francisco Costa Sobrinho, um representante da opinião pública, nas funções acumuladas de diretor e gerente (CIDADE..., 1880, ed. 51, p.1, c. 1- 4).

Segundo notas publicadas pela redação, a folha cumpria um programa jornalístico traçado contra os interesses partidários, em uma época em que "desfralda-se arrogante uma audaciosa bandeira da corrupção" (FINDOU...1883, ed. 00029, p. 5, c. 1). Por isso, segundo o redator, foi difícil manter acesa a vida do jornal com neutralidade, sem interferência de interesses partidários, sendo que o objetivo almejado era tão somente contribuir favoravelmente com aquilo que pudesse trazer prosperidade ao país.

No ano de 1882, a Sociedade Anônima foi desfeita, conforme nota publicada. Dissolvida a sociedade, os negócios e a tipografia ficaram a cargo de Francisco da Costa Sobrinho no mesmo endereço, mantendo seu *slogan* "Dedicado à Causa Pública e Social" e os mesmos posicionamentos e equipe editorial anterior (A SOCIEDADE..., 1882, ed. 00039, p.1, c.1).

No seu quarto ano de existência, a redação ainda era confiada a um único responsável. Com perspicácia e popularidade, segundo notas coletadas, Francisco Costa Sobrinho trabalhava com obstinação para cumprir a realização dos seus propósitos. Importante destacar que no dia primeiro de janeiro de 1879 a tipografia foi inaugurada, fazendo com que o alferes trocasse a espada que o consagrou como servidor em defesa da pátria na campanha do Paraguai (1865-1870), pela pena jornalística e literária, com escritos carregados de ideais de liberdade e defesa dos direitos humanos (A REDAÇÃO..., 1883, ed. 00029, p. 5, c.1,3).

A ausência das edições do periódico em seus dois primeiros anos deixou uma lacuna na orientação didático-metodológica da pesquisa, porém, não impossibilitou a construção de um panorama crítico literário para se atingir os objetivos desejados.

A data de criação do jornal **O Leopoldinense**, devido à ausência de exemplares em arquivos públicos, foi difícil precisar, mas, a partir de alguns indícios, como o apresentado no trecho extraído da edição nº 00078, de primeiro de janeiro de 1883, quando o redator da coluna noticiário fala sobre os trabalhos efetuados, homenageando e parabenizando o jornal e seus assinantes pelos seus quatro anos de vida, dão clareza às investigações: "Entra hoje O Leopoldinense no quarto ano de sua existência pelo bom acolhimento que teve por parte de seus ilustrados

assinantes" (ENTRA..., 1883, ed. 00078, p.1, c. 1). Isso confirma a data divulgada por Luiz Eugênio Botelho (1963, p. 21) em sua obra **Leopoldina de Outrora**: "Em 1879, apareceu em Leopoldina o seu primeiro jornal: O Leopoldinense, pertencente ao meu pai - coronel Luiz Botelho Falcão".

Transcorridos 13 anos de existência, o jornal sofreu novas mudanças, agora com alteração no formato da primeira folha, com configurações tipográficas diferentes, conforme se pode observar no recorte a seguir da edição número 00013, de 10 de abril de 1892 (Figura 2).

Nessa edição aparece pela primeira vez o nome de Luiz Botelho Falcão, leopoldinense que nasceu em 1851 e faleceu em 1893. cursou Humanidades no Colégio Pinheiro, no Rio de Janeiro, e, por ter sido acometido por asma cardíaca, não conseguiu seguir carreira. Foi presidente do Conselho Distrital, (Solicitador da Justiça) comandante da Guarda Nacional, membro do Conselho Fiscal do Banco de Leopoldina por duas vezes, presidente da Beneficência Portuguesa e comerciante. Em uma nota de expediente, na primeira página, há informações como endereço e nome do seu representante:

FIGURA 2 - Edição número 00013 de **O Leopoldinense**, de 10 de abril de 1892



Fonte: Arquivo Público Mineiro. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1892, 10 abr. 1892. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>. Acesso em: 19 ago.16.

Contrariando a afirmativa de Luiz Eugênio Botelho (1963), que designa a propriedade dessa folha a seu pai, o coronel Luiz Botelho Falcão, não existe nenhum indício para confirmação desse fato, o que não condiz com a realidade contida nas edições do próprio jornal que ora se pesquisou. Em artigo publicado no

atual **Jornal Leopoldinense** de 22 de setembro de 2016, Luja Machado e Nilza Cantoni³ dão o seguinte parecer para esse impasse:

Luiz Botelho teria assumido a empresa em 1892, naquela que se poderia chamar terceira das quatro fases conhecidas d'O Leopoldinense. Por outro lado, entre setembro e novembro de 1886, quando Carlos Wehrs esteve em Leopoldina, informaram-lhe que Luiz Eugênio seria o proprietário do jornal. Uma das hipóteses prováveis é a de que, com a morte do fundador Francisco da Costa Sobrinho, Botelho Falcão tenha adquirido a empresa e só alguns anos depois o periódico tenha voltado a circular (MACHADO; CANTONI, 2016. Não paginado).

Apesar de a família Botelho ter delegado ao seu patriarca o pioneirismo jornalístico leopoldinense, isso não se confirma, porque só há indicativo de que Luiz Botelho Falcão tenha estado à frente do periódico por cerca de dois anos, vendendo-o para outro grupo em 1894 (MACHADO; CANTONI, 2016. Não paginado).

Sua última administração pertenceu a Randolpho Fernandes das Chagas e Valério Barbosa de Rezende. O primeiro, promotor de justiça de Minas Gerais, e o segundo, bacharel em Direito, filho do memorialista Francisco de Paula Ferreira de Rezende, autor do livro **Minhas Recordações** (1944). Ambos exerceram as funções de proprietários e redatores, respectivamente.

FIGURA 3 - Edição número 19 de **O Leopoldinense**, de 16 de setembro de 1894



Fonte: Biblioteca Nacional. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1894, ed. 19. 16 set. 1894. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervodigital/leopoldinense/706957>> Acesso em: 19 ago.2016.

³ Membros da Academia Leopoldinense de Letras e Artes (ALLA) da cidade de Leopoldina, MG.

A publicação, sob nova administração, continua uma vez por semana, agora com sede à rua Barão de Cotegipe, número 10. A gerência e toda a parte administrativa foi atribuída ao Tenente José de Oliveira Martins. Para os proprietários, todos aqueles que recebiam um exemplar do jornal e não o devolviam à redação eram considerados assinantes. As colunas eram franqueadas aos assuntos de interesse público, a critério da redação (É GERENTE... 1894, ed. 00019, p.1, c. 1).

Nessa administração não se admitia o uso do anonimato nas publicações, o que era recorrente nas anteriores. Na imprensa oitocentista, tal prática, segundo Rodrigo Fialho Silva (2013, p. 101), apresenta-se como "uma estratégia de manifestação das opiniões na medida em que resguarda a verdadeira identidade de quem escreve para os periódicos, configurando uma rede de 'discursos cruzados' capaz de alimentar as discussões políticas cotidianas".

As primeiras letras de **O Leopoldinense** circularam em meio a um movimento político que marcou presença no cenário municipal, regional e nacional, em uma época de conturbações e manifestações públicas sobre ser favorável ou não à libertação dos escravos, à lei do ventre livre e aos embates entre os idealistas monarquistas e republicanos (SEMPRE...,1883, ed. 00029, p. 5, c. 2).

Destaca-se que foi feita uma menção nesta dissertação somente ao primeiro proprietário, cuja permanência, dentro do recorte temporal ora utilizado, foi mais duradoura, além de ter sido o seu fundador. Dentre os responsáveis pelo jornal, o Alferes Francisco Costa Sobrinho é o que mais tempo esteve à frente do periódico. Foi prestador de serviços relevantes à pátria e à província de Minas Gerais, além de combatente na guerra do Paraguai e referenciado pela alta Corte brasileira, pelos relevantes serviços militares prestados à pátria, por pessoas do Comércio e Comunidade Acadêmica e, mais ainda, pela imprensa.

Tal afirmativa é procedente de notas de regozijos publicadas no **Diário do Comércio**⁴, com a citação de jornais como Gazeta da Tarde, Diário do Brasil e

⁴ Nasceu em 01.10.1827. É o segundo periódico diário brasileiro mais antigo ainda em circulação, e, também um dos mais antigos da América Latina. Criado pelo tipógrafo Pierre René François Plancher de La Noé, parisiense, que, fugido de seu país por sua convicção bonapartista, instalou-se na Corte brasileira em 1824. Após criar sua própria oficina, a Imperial Typographia, no Rio de Janeiro (RJ), passou a produzir. De natureza comercial, como seu próprio nome sugere. A sua linha conservadora, foi, provavelmente, o fator relevante que permitiu sua longevidade (BRASIL, Bruno). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>. Acesso em 23 jun. 2016.

Gazeta de Notícias, com alusões dispensadas ao alferes em ocasião de uma visita à Corte. São notas de elogios em deferência ao profissional e também à pessoa afável e de fino trato, como se pode observar na seguinte nota: "Viemos apenas a esta sagrada tribuna, render o devido preito ao jornalista imparcial protótipo da honradez, amizade e cavalheirismo" (FONSECA, 1882a, ed. 00074, p.1, c. 3, 4).

Costa Sobrinho, após a guerra do Paraguai, é incorporado à unidade militar do 33º Corpo de Voluntários da Pátria no Rio de Janeiro. Obteve "foros de jornalista consciente" e visibilidade como bibliotecário da sociedade Phenix Literária (FONSECA, 1882, ed. 00074, p. 1, c. 3). Foi um homem das letras que privilegiou, com sua influência, popularidade e carisma, a população leopoldinense, publicando informações locais, regionais e, principalmente, da Corte. Fez parte do grupo pioneiro da redação do jornal e contemplou o município com a montagem de uma tipografia, o que gerou, conseqüentemente, o nascimento do jornal **O Leopoldinense** (A 20...,1882, ed. 00074, p.1, c.1-4).

As notícias eram divulgadas alcançando uma pequena parcela da população urbana, uma vez que a maior parte dos moradores de Leopoldina se concentrava em áreas rurais (NOGUEIRA, 2011). De estilo simples, popular e dizendo-se liberal, o jornal era vendido inicialmente por assinaturas com pagamento adiantado, cujas cobranças eram publicadas em todos os exemplares semanais do periódico, na maioria das vezes em primeira página. Transcreve-se aqui uma evocação de cobrança em estilo poético, utilizado por seus redatores.

Temos contas que pagar e assinante não pagas!
 Tu nos fazes zangar [...]
 Vamos, pois, te intimar a dar a culpa que aflagas! [...]
 É sem graça o teu calote. Com assinatura não se engraça [...]
 Sua graça é sem chalaça. Parece Dantas - filhote! [...]
 É sem graça o teu calote!
 Ó assinante querido. Tu não pagas o jornal?
 O calote é proibido. Ó assinante querido
 Tanto te temos distraído, e de cobre nem sinal.
 (TEMOS...,1882, ed. 00043, p. 1, 2, c. 3).

Em uma linguagem conotativa, com o uso do verbo no imperativo, no intento de convencimento, de forma poética e com galhardia, é cobrada dos assinantes a responsabilidade do ato das assinaturas, com advertência de que quem deve e não paga é caloteiro, enfatizando o valor do jornal não somente como fonte de

informação, mas também de distração. No período de circulação do jornal de 1879 a 1896, para sua elaboração, as notícias garimpadas para impressão, que chegavam até a redação, eram procedentes de várias localidades circunvizinhas, muitas delas através de cartas enviadas pelos correspondentes. O trecho seguinte ilustra o estilo dessas relações: "Caro Chico [...] envio munição para a tua caixa de guerra [...] de vez em quando pode contar comigo com algumas tiras de papel rabiscadas que te relatarão os locais cá da terra (SILVA, Z., 1883, ed. 00002, p. 4, c.1).

Mesmo com as dificuldades de meios de transportes, das estradas e dos problemas nos correios, esse veículo de comunicação se disseminou por duas províncias. Por meio das chamadas cobranças das mensalidades das edições, foi possível levantar e precisar o nome das localidades que estavam ao alcance da folha e seu raio de circulação. Foram identificadas dezessete localidades no estado de Minas Gerais e 6 pertencentes à província do Rio de Janeiro, incluindo a capital. Dentre as localidades relacionadas, 74% pertencia às localidades da província de Minas Gerais e o restante ao Rio de Janeiro (A NOSSA... 1883, ed. 00004, p.1,c.1, 2).

TABELA 2 - Localidades ao alcance de **O Leopoldinense** no ano de 1883

Angú	Minas Gerais
Barbacena	Minas Gerais
Campos	Rio de Janeiro
Capivara	Minas Gerais
Cataguases	Minas Gerais
Chiador	Minas Gerais
Corte - cidade de São Sebastião	Rio de Janeiro
Juiz de Fora	Minas Gerais
Leopoldina	Minas Gerais
Mar de Espanha	Minas Gerais
Monte Alegre do Mar de Espanha	Minas Gerais
Piedade	Minas Gerais
Pirapetinga	Minas Gerais
Porto Novo	Rio de Janeiro
Presídio	Minas Gerais
Rio Pardo	Minas Gerais
Resende	Rio de Janeiro

Sant'Anna do Sapé	Minas Gerais
Santo Antonio de Pádua	Rio de Janeiro
São Geraldo	Minas Gerais
São Fidelis	Rio de Janeiro
São João do Paraíso	Minas Gerais
Ubá	Minas Gerais

Elaborada pela autora (2017). Fonte: BN/SOR. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00004, p. 1, c. 1, 2.

Na enciclopédia e dicionário ilustrado Koogan/Houaiss (1996), regionalismo se refere ao sentimento ou expressão própria de uma região; caráter de uma obra de um artista que se volta particularmente para um local. Antonio Candido (1975) afirma que a noção de regionalismo é construída historicamente e se manifesta em diversos momentos da história da literatura brasileira. Nas crônicas encontradas no jornal em estudo, observa-se uma literatura híbrida proveniente de regiões diferentes mesclada de sentimentos de cronistas e folhetinistas mineiros interioranos que escreveram debaixo das mangueiras e os anseios dos mineiros que se tornaram homens das letras e escreveram da Corte no Rio de Janeiro. Estes autores buscaram no Rio de Janeiro os conhecimentos para obtenção de um título de homem das letras e/ou outra formação de nível superior e lá permaneceram e contribuíram com o jornal **O Leopoldinense**. Fato observado em alguns autores quando descrevem poeticamente, que deixa claro em suas produções, a simplicidade e as curiosidades da vida no campo, como por exemplo, Elycio Balthazar, folhetinista e cronista, deixa claro em suas crônicas o conhecimento cotidiano dos episódios que envolvem a população do arraial de Pirapetinga, em Minas Gerais. S. Petit (1881) descreve a forma de envio de um filho de fazendeiro para a Corte em busca de um curso superior: "- Há de ir porque eu quero você *gente*, e não um estúpido, que não saiba coisa alguma!" (PETIT, 1881, ed. 00070, p. 1, c. 1) e as lembranças deste estudante durante o tempo que lá permaneceu: "[...] o estudante via a casa da fazenda, com as suas janelas verdes, o terreiro onde brincavam [...]. Lá no pasto os bois gordos pastando silenciosamente [...]. Ouvia o bater da enxada dos pretos alinhados no eito e a sua cantiga vagarosa, tristonha" (PETIT, 1881a, ed. 00070, p. 1, c. 4).

A semelhança na valorização da natureza, na vida do campo, nos detalhes da vida simples e da saudade da roça nos textos daqueles que escrevem da Corte

identifica os autores como mineiros, que têm a oportunidade de escrever episódios urbanos como, por exemplo, acontecimentos descritos por J. A.⁵ (1882) na rua do Ouvidor.

[...] apareceram os soldados do piquete da cavalaria, precedidos e ladeados de uns certos tipos, que inspiram terror, e fazem-nos abotoar o frak. A banda de imperiais marinheiros atirava aos ares os sons marciais [...]. O estandarte da escola da marinha balanceava-se garboso, sustentado por um aspirante [...] (J. A., 1882, ed. 00038, p.2, c. 2).

O periódico mineiro sofreu influências dos jornais franceses como também os da Corte brasileira. A influência francesa pode ser observada em **O Leopoldinense** pelo estilo da escrita dos folhetins no formato e no conteúdo, como o exemplo do recorte a seguir do folhetim, um *fait divers*, de J. A. (1882). **Sob o Cipreste.**

[...] venhas comigo palmilhar, silenciosos e tristes, as ruas da cidade dos mortos. Não nos importamos com esses mausoleus faustosamente aristocratas, que aí estão... Avante! [...]. Sob essa terra revolta, ainda umedecida por lágrimas sentidamente derramadas, dorme o sono da morte, o eterno sono [...] um nosso mestre [...]. Lembraste dele! Parece-me ver passar aquele moço magro, moreno, de olhar cintilantemente vivo [...] e ir sentar-se na cadeira da aula de Francês!... [...] inteligência forte, esclarecida que ia abrir de par em par todos os tesouros que andam a encantar a gente quando se balbuciam as primeiras linhas, as primeiras palavras da língua de Victor Hugo (J. A., 1882, ed. 00070, p.1, c.1).

O autor faz a divulgação de uma informação ou uma notícia sensacionalista com utilização de uma narrativa romanceada que visa causar emoções e reações individuais extraordinárias e surpreendentes nos leitores.

Para elucidação da existência de uma relação cordial da literatura entre brasileiros e franceses, Silviano Santiago (2009, p. 17), em artigo sobre a presença da língua e da literatura francesa no Brasil, argumenta que o relacionamento se iniciou "na sala patriarcal e se estendeu por décadas a fio de aprendizado e de leituras nos bancos escolares. Língua e literatura francesa estão na base da formação moral e intelectual de brasileiros privilegiados [...]".

Antonio Candido (1977), por sua vez, em ensaio que trata a língua francesa como língua de desenvolvimento público, afirma que foi por meio das traduções francesas que os brasileiros oitocentistas leram autores clássicos da literatura mundial, citando Goethe, Byron, Schiller como exemplos.

⁵ A sequência das letras J. A. serão assim mantidas nas referências, pois trata-se de um pseudônimo.

Outra passagem observada em relação às influências sofridas são as dos jornais da Corte, fato percebido quando o editor faz referência ao baixo valor do jornal dizendo que, adota para cobrança das publicações do jornal **O Leopoldinense** os preços moderadíssimos como os do **Diário do Brasil**, entre outras informações, como o anúncio de venda de livros, tais como "Discursos parlamentares do Conselheiro José Bonifácio, Métodos de Ensino para escolas, Romances, Histórias, Poemas, tudo pelo preço da Corte, nesta tipografia, à rua do Rosário número 37" (DISCURSOS..., 1881, ed. 00011, p. 4, c. 4).

O jornal também se preocupa com questões sociais, como a criação de escolas para proporcionar educação e instrução a uma parcela menos favorecida da sociedade, pugnando pelo desenvolvimento dos transportes, estudos sobre o clima, qualidade do solo, qualidade de vida e liberdade individual. "[...] liberdade, igualdade e fraternidade, não como muitos a querem, mas sim como nós a compreendemos [...] ver a par da verdadeira prosperidade do país" (VIEIRA, J. B. 1883, ed. 00029, p. 5. c. 2).

Em uma época bastante conturbada no Brasil, quando as bandeiras da insatisfação diante da questão da emancipação do elemento servil, isto é, a libertação dos escravos, eram agitadas por todas as províncias, sua redação discorre sobre as dificuldades em manter a seriedade das notícias que, contrárias aos interesses partidários, prezava pela prosperidade do país. Em 17 de julho de 1883, o redator, inspirado nas ideias de Rousseau, delineia o seguinte conceito sobre política:

[...] política - é achar uma forma de associação, que defenda e proteja com toda a força comum a pessoa e os bens de cada associado e pela qual cada um unindo-se a todos não obedeça senão a si mesmo, e que fique tão livre como dantes (A POLÍTICA..., 1883, ed. 00029, p. 5, c. 1).

O redator tenta mostrar aos leitores a importância do convívio harmônico com seus semelhantes em tempos difíceis pelos quais passa o país, sem corromper a própria alma do indivíduo.

Nessa mesma edição, a rubrica **Questão do dia**, coluna comum nas edições, publica um artigo com o título "O elemento servil no Brasil considerado debaixo do seu verdadeiro ponto de vista" (PERMITA..., 1883, ed. 00029, p. 1, c. 1). Originalmente

produzido para a *Gazeta de Notícias*⁶, tem um teor que considera adequada a extinção da escravatura no Brasil de qualquer forma. Pacheco (1883), lavrador e fazendeiro dono de escravos, favorável à lei do Ventre Livre, escreve na mesma publicação, em contraposição às ideias do texto. Rejeita veementemente a abolição da escravatura em um discurso eloquente, dizendo ser de pouca retórica, mas com conhecimento na prática da luta de um trabalhador da lavoura, mostrando quanto a abolição prejudicaria o país, pois traria, por exemplo, a morte da lavoura, sua principal fonte de riqueza.

[...] Permita V. Exa. esta franqueza e liberdade com que o contrariamos mas, creia que quem vive no meio das matas [...] não pode e nem tem estas palavras pomposas [...] diz as coisas como são sem nenhum rebuço, nem sofismas (PACHECO, 1883, ed. 00029, p. 1, c. 1- 4; p. 2, c. 1,2).

A redação do jornal tenta mostrar imparcialidade, quando cita o autor do artigo intitulado “A emancipação do elemento servil, considerada em suas relações morais e econômicas”, escrito por Henrique de Beaurepaire Rohan⁷ e publicado na **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro, no ano de 1882, na edição de número 00153, transcrito pelo **O Leopoldinense**.

Após algumas considerações à privilegiada inteligência do autor, considerando-a superior, e suas contribuições para a abolição da escravatura, como "um dos apóstolos da libertação dos escravos no Brasil" (ORA..., 1883, ed. 00029, p.1, c. 2), dá continuidade ao texto de Pacheco (1883) que, em um discurso de visão contrária, em uma linguagem carregada de subjetividade, busca conquistar o leitor por meio de uma mensagem cujo objetivo é a de que seja considerado o ponto de vista do próprio escritor. Toda a narrativa é construída em primeira pessoa, da introdução feita pelo redator à conclusão, dificultando, assim, a diferenciação entre o eu que narra, o sujeito, e o eu que age, o objeto.

O periódico chegou às mãos de leitores de uma sociedade formada, em sua maioria, por fazendeiros, agricultores, colonos, escravos e imigrantes, em um período no qual a bandeira republicana era desfraldada no país. A preocupação da

⁶ Periódico que circulou no RJ, com edições do período de 1880-1889 nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. BN-SOR, seção de obras raras. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁷ Henrique de Beaurepaire Rohan. Pseudônimo: Visconde de Beaurepaire, 1812-1894 (RJ). Foi militar, físico, matemático e escritor. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. V. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=15269>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

população e os discursos proferidos nos meios de comunicação daquela época eram sobre a emancipação da escravidão, ato desejado e reconhecido por todos. No entanto, a verdadeira questão discutida eram os meios utilizados para a libertação dos escravos.

Uma pequena amostra de artigo extraído de uma publicação, em 21 de abril de 1881, dois anos após a criação do jornal, escrito pelo Dr. José Maximiano Lagôa, ilustra o cotidiano do momento histórico. O articulista fazia parte do Instituto Hahnemaniano do Brasil - IHB⁸. O texto mostra a preocupação do autor em relação à possível situação de vulnerabilidade dos indivíduos libertados, como de que forma conviveriam com as sequelas e provações pelas quais passaram. Contudo, ao mesmo tempo, faz um julgamento preconceituoso quando questiona o comportamento dos escravos libertos, incentivados pelo preconceito racial e social que lhes foram impostos.

Que farão estes escravos, amanhã livres, sem educação, sem fé e sem crenças; lembrando-se dos castigos e humilhações que provaram, aguilhoados pelo ódio de raças, principalmente quando se acharem superiores a nós e disporem dos mesmos recursos? será ou não o caos? (LAGÔA, 1881, ed. 00028, p. 2, c. 2).

Este recorte transmite o pensamento e a inquietação do momento histórico vivido e a percepção dos redatores, que, em uma situação discursiva, fazem um julgamento sobre a emancipação e a lavoura, preocupando-se com a insegurança e a provável instalação de crise social no país.

Segundo os idealizadores de **O Leopoldinense**, seu nascimento foi uma semente lançada em terreno extremamente fértil devido à sua aceitação, tanto pelo público leitor quanto por seus colaboradores e escritores, como J. Ramos, Herculano Bastos, Dr. Theophilo Ribeiro, Elysio Balthazar, Dr. José Maximiano Lagôa, T. Affonso, Antonio Augusto Machado, Francélio Marques, M. Freitas Pacheco, José Vidal Leite Ribeiro, Dr. João das Chagas Lobato, Caetano Dragueiro; Antonio Silva e Vigário J. F. Santos Durães, reconhecidos integrantes da sociedade do período.

⁸ **IHB** - Instituto Hahnemanniano do Brasil é uma sociedade civil, de caráter científico cultural, sem fins lucrativos, fundado em 02 de julho de 1859, reconhecido de Utilidade Pública pelo Decreto Lei numero 3.540, de 25/09/1918, com sede própria à rua Frei Caneca, 94 - Centro - Rio de Janeiro - Brasil. Estatuto Social. Disponível em: <<http://www.ihb.org.br/interna.asp?p=quemsomos&ol=1>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

Com uma tiragem de dois mil exemplares, utilizava-se, de acordo com seus redatores, de um dos melhores papéis comprados no Rio de Janeiro (A FOLHA..., 1883, ed. 00029, p. 5, c. 2). Desde o seu segundo ano de existência, foi privilegiado com duas assinaturas importantes: uma do conde e a outra da condessa D'Eu⁹. Considerado por grande número de leitores, o jornal era "o líder da imprensa provinciana" (O CONDE..., 1883, ed. 00029, p. 5, c. 1, 3).

A cidade de Leopoldina, berço da publicação, é localizada em uma região que, durante o período colonial, foi chamada de Sertões Proibidos, uma vez que era utilizada como rota para contrabandistas, que retiravam ilegalmente ouro e pedras preciosas das minas, usando a localidade como rota para a sonegação de impostos ao governo. O nome foi uma estratégia criada pela administração colonial para "afugentar colonos e manter a área isolada", com argumentação de que era uma área perigosa, de mata muito densa e com a presença de índios selvagens (NOGUEIRA, 2011, p. 13).

Cabe notar que o local assiste ao surgimento da imprensa na segunda metade do século XIX e foi um dos centros cafeeiros mais bem-sucedidos de Minas Gerais e da região da Zona da Mata, com grandes fazendas produtivas. Com a chegada da ferrovia e a promoção da imigração, destaca-se significativamente no contexto econômico da região. Além disso, foi um dos maiores planteis de escravos da região: em 1872, de uma população de 41.886 habitantes, 15.253 eram escravos (NOGUEIRA, 2011).

J. A. (1882), sai da província mineira para estudar no Rio de Janeiro e, da Corte, escreve crônicas para o jornal **O Leopoldinense**. Em seus escritos valoriza a terra natal e destaca a qualidade de vida na região. Em um texto escrito em primeira pessoa, dá testemunho da saudade e a tristeza de viver longe da família e da sua roça. Diz que, logo após ter saído de uma aula de alemão, "sentia desejos de mandar a academia ao diabo e com a minha pessoa livre [...] iria para a roça plantar batatas, ou mesmo ficar o dia inteiro de papo para o ar contando as tábuas do teto" (J. A., 1882, ed. 00042, p.1, c.1).

Em outra edição, o colunista demonstra a saudade que sente da vida bucólica do campo, descrevendo a simplicidade do viver campestre, quando, em uma viagem

⁹ Princesa Isabel, filha primogênita de D. Pedro II, herdeira do trono no Brasil/Princesa Regente do Brasil - esposa de Gastão de Orléans, o **Conde d'Eu**, personagem da história brasileira (VEIGA, José Pedro Xavier da. Efemérides Mineiras, 1664-1897, p. 77).

de férias, escreve em meio a matas e cafezais de Minas Gerais: "Quando se está cansado do *modus vivendi* do Rio a gente lembra-se com saudade de sua vida modestamente simples do campo [...] toma-se o trem e vem se gozar dos ares salutarríanos, frescos que andam a vivificar os moradores do interior (J. A., 1882, ed. 00061, p. 1, c.1).

2.1.1 A literatura nos jornais oitocentistas

Os jornais no século XIX apresentam características de uma escrita peculiarmente jornalística, percebida em sua forma. A Literatura nos periódicos oitocentistas, inicialmente, se encontra nas colunas destinadas ao Folhetim e à Crônica. Outros gêneros literários são observados em rubricas como a de variedades, poesias e seção livre. No Brasil do oitocentos, as práticas de leitura seguiam, na medida do possível, os padrões europeus, porém, com maior complexidade, devido às dificuldades históricas da época e um destacado índice de analfabetismo. O periódico **O Leopoldinense** conquista, nesse momento, seu público leitor, com publicações que ocupavam a seção de folhetim, crônica e variedades, valendo-se do cotidiano para elaboração e divulgação das notícias de uma forma que proporcionasse um grande número de assinantes e de leitores na região, com uma leitura próxima da realidade social daquela sociedade.

Na intenção de construir um panorama crítico por meio de uma leitura dos gêneros textuais contidos no periódico estudado, observa-se que as edições incompletas que se perderam não inviabilizaram o trabalho do pesquisador. Marcus Vinicius de Freitas (2013) compartilha dessas angústias lacunares e vai mais além em seu texto **A Literatura na Província**: todos os gêneros.

Apointa problemas para a construção de um panorama crítico literário no século XIX devido à precariedade e aos poucos estudos para investigar e elencar problemas historiográficos, bibliográficos e metodológicos. "Ao lado da dificuldade de acesso às fontes, avulta um problema crítico-bibliográfico: poucos são os estudos com os quais podemos contar para uma investigação sólida sobre a literatura de Minas Gerais no século XIX" (FREITAS, M.V. 2013, p. 224).

Ainda segundo o estudioso, esses periódicos mineiros são importantes fontes de informações que marcaram dois momentos significativos da nossa história: o Período Imperial e o início da República Velha. Portanto, não devem ser vistos

somente como veículos admissíveis para a literatura, mas "enquanto objetos a serem considerados na sua especificidade" (FREITAS. M.V, 2013, p. 223).

Sobre a dispersão das fontes, o autor confirma o posicionamento de Alexandre Eulálio sobre a necessidade da recuperação de periódicos e de outras fontes dispersas.

[...] se torna indispensável insistir até o fastio é na rebusca e recuperação continuada dos dispersos - poesia, prosa, teatro, outros, todos os gêneros - dos autores secundários, em relação aos quais não dispomos, com frequência, de dados mínimos exatos, às vezes relativos mesmo à naturalidade, filiação, datas de nascimento e de morte. Concomitantemente, temos que levar avante, com indispensável cuidado, a reedição, em leituras apuradas, dos textos desses escritores [...] (EULÁLIO, apud FREITAS, M.V., 2013, p. 223 e 224).

José D'Assunção Barros (2012), em **Fontes Históricas**: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica, denomina como fonte histórica toda produção humana ou os mínimos sinais da interferência do homem capazes de proporcionar uma visita ao passado humano. São incluídas como possibilidades documentais históricas desde os resquícios da arqueologia e outras fontes de cultura material, as representações pictóricas até a cultura oral. Para o autor, essas fontes são portadoras de várias possibilidades, incluindo as crônicas, as narrativas, os poemas, a literatura de ficção, a prosa etc., entre as que normalmente se prestam mais a uma análise qualitativa que à serialização. Em **O Leopoldinense**, os textos são pautados nas histórias da vida cotidiana que sinalizam para o pesquisador explorar estas fontes reais por demonstrarem encarar a realidade de frente. Estes enunciados, pautados nas histórias de vida das pessoas comuns e não na ficção, se constituem obras de arte da palavra do senso comum.

Nas fontes literárias do século XIX, encontram-se gêneros textuais de naturezas distintas, como o texto teatral, a poesia, a literatura em prosa, o ensaio e as crônicas, pertencentes a uma autoria, isto é, a existência de um autor que sobre elas se anuncia. As fontes literárias citadas passaram a ser exploradas recentemente pelos historiadores como fontes históricas, chegando à denominação de fontes realistas. Para uma diferenciação entre elas, o autor explicita que

o que distingue das 'fontes literárias' as 'fontes realistas' [...] - é o fato de que esses textos pretendem se referir, de alguma maneira, à realidade, não se tratando de pura ficção ou criação livre. O que há em comum entre eles

[...] é o seu vínculo em maior ou menor medida com a realidade efetiva (BARROS, 2012, p. 153).

Segundo Hérís Arnt (2004), foi no final do século XIX, período do nosso estudo, que se desenvolveu o jornalismo literário, distinguindo o papel dos escritores na imprensa mundial, com a publicação nos jornais dos folhetins e das crônicas. Foi no galpão das tipografias que se iniciou o debate cultural, uma das características do jornalismo. Desde seus primórdios, tal área tem importante papel na formação de leitores, sendo um dos seus principais legados a lição semeada a partir do século em estudo, quando os periódicos eram lidos para satisfação e deleite, e não somente pela busca de um produto ou de uma informação. Supre as necessidades culturais de seus consumidores e ocupa esse espaço com a publicação dos folhetins, romances e contos.

2.1.2 O surgimento da imprensa no Brasil

No Brasil, a imprensa surge a partir de decreto do príncipe regente D. João, que cria a Imprensa Régia em 1808. Para Clara Miguel Asperti (2006, p. 45), o retardo do surgimento dos jornais no Brasil, em relação aos países da Europa e América, "talvez seja justificado pelo também atraso da implantação da imprensa no Brasil".

A primeira produção jornalística e gráfica tem início, então, quando da chegada da família real em terras brasileiras, período no qual começaram a ser impressos folhetos e livros. Contudo, ressalta-se que a impressão régia era submetida à condição de monopólio do governo, sendo quaisquer prelos ilegais surgidos no Rio de Janeiro interditados. Em 1821, a censura é abolida com o fim do monopólio estatal, crescendo, com isso, as oportunidades de leitura a partir do surgimento de várias tipografias (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003).

De acordo com Rodrigo Fialho Silva (2015), a imprensa era vista reservadamente pela historiografia como um artefato produzido por uma elite. Era atribuída à imprensa a responsabilidade de registrar fatos e verdades promovidos pela classe privilegiada da sociedade. Porém, nas últimas décadas do oitocentos, a imprensa é estudada como um artefato de participação política e literária. Entendida como agente de transformação histórica, foi capaz de mobilizar as opiniões públicas

e dar voz aos mais variados atores sociais em momentos significativos da história do Brasil (SILVA, R. 2015).

Nesse sentido, o jornalismo literário brasileiro passou a desempenhar importante papel na sociedade de leitores, quando contempla, além de informações gerais e oficiais, também o entretenimento por meio da leitura, fato observado nos periódicos ao longo do século XIX e no *corpus* desta pesquisa, o jornal **O Leopoldinense**.

Naquela época não era comum a participação da mulher no cenário das letras impressas. J. Lagôa (1882) ficou surpreso ao se deparar com a publicação de uma mulher em **O Leopoldinense**. O escritor relata que em uma manhã, ao abrir o jornal depara-se com uma tradução do romance francês **A Serpente e o Canadano**, cuja autoria era representada pelo pseudônimo Iracema, da Estação de São Sebastião no Rio de Janeiro. A primeira reação do folhetinista, segundo ele, foi deixar o jornal cair-lhe das mãos e balbuciar:

Não conheço!... provavelmente é um pseudônimo creio, mas... um pseudônimo mulheril só uma representante do sexo frágil o procuraria! Nós, os homens, prezamos muito a dignidade de nosso sexo para irmos em um calendário estranho, buscar o que no nosso temos em grande profusão (LAGÔA, 1882, ed. 00047, p.1, c.3).

Sobre a reação de espanto e a indignação relacionada à presença feminina no convívio jornalístico e literário, Constância L. Duarte e Kelen B. Paiva (2009) tecem algumas considerações, especialmente a respeito da estreita relação entre educação e emancipação das mulheres. De acordo com as autoras, do ponto de vista histórico, os caminhos dessa interação podem ser percebidos fora dos afazeres domésticos, inicialmente no magistério, como preceptoras que se encarregavam da educação de jovens em residências brasileiras e na regência de salas de aulas.

Outra forma de ampliar a participação da mulher na vida pública foi a literatura, que se iniciou em espaços públicos e privados denominados de salões¹⁰,

¹⁰ O hábito de se reunirem pessoas de alta condição social e parte da intelectualidade teria sido uma herança do Império, segundo Antonio Luis Machado Neto (1973, p. 159), que destaca o considerável número de salões existentes no Brasil nesse período. Eles eram frequentados por importantes escritores da literatura brasileira. Tal herança se estendeu também ao século XX, que viu florescer e multiplicar o número de salões literários. Com reuniões frequentes e presença de nomes de destaque da intelectualidade brasileira e, às vezes, também estrangeira. DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. **Revista Ipotesi**, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-mulher-de-letras.pdf>> Acesso em 9 abr. 2016.

onde poesias eram declamadas, contos lidos e saraus organizados nas residências de intelectuais, e nas participações em eventos culturais e literários, com publicações em jornais e revistas.

2.2 ASPECTOS LITERÁRIOS

Segundo Corinne Saminadayar-Perrin (2015, p. 288), em **Usos e práticas dos gêneros na escrita jornalística do século XIX**, para análise de uma escrita periódica é necessário uma expectativa genérica porque a genericidade "faz parte da própria dinâmica da produção jornalística que se define como literária e retórica". É no jornal que o genérico da literatura se encontra em todos os sentidos do termo, por ser um produto de consumo imediato. A escrita periódica do século em estudo é carregada de "obsessão metaliterária" (SAMINADAYAR-PERRIN, 2015, p. 296), que traduz uma necessidade de ter sob controle o sistema frágil dos formatos jornalísticos do texto, conservando-os no domínio estético, cultural e institucional da literatura. Nessa perspectiva, o jornal impõe sua própria dinâmica ao sistema literário, podendo em uma mesma página coexistir textos constitutivamente literários com discursos que enfatizam uma oratória reconhecível e objetos verbais de construção heteróclitas, que distanciam das regras gramaticais, criando dificuldades para a identificação genérica.

A estratégia da qualificação genérica, segundo Corinne Perrin, elucida a busca por determinadas formas de escrita jornalística pela filiação nos gêneros tradicionais da literatura, o que gera benefícios, visto que os grandes gêneros se determinam por meio da semântica e da sintaxe, aspectos de uma mensagem efetivada, deixando em segundo plano o ato da comunicação e a prioridade da matriz comunicativa. Além disso, o tipo de classificação genérica marca a estética da obra e a sua inserção na memória cultural partilhada (SAMINADAYAR-PERRIN, 2015).

A concepção tradicionalista de literatura, carregada de simplismo, apresenta-se como um simples testemunho da sociedade no registro dos fatos. Ela não evidencia sua grandeza essencial, que são as realidades objetiva e subjetiva. Se o escritor é capaz de exteriorizar o seu ser no mundo social, é também possível exteriorizá-lo como realidade objetiva. O mundo dos fatos não paira sobre o

indivíduo, porque existe uma dinâmica intensa entre ele e a sociedade, intuída através das interações (VELLOSO, 1988).

A inspiração dessa concepção doutrinária, de acordo com Afrânio Coutinho (1971, p. 2), "vinha do positivismo, sociologismo e naturalismo do século XIX, revelando-se, por isso, superadas e inadequadas em face das atuais tendências da historiografia e críticas literárias". A explicação do fenômeno literário tinha como preocupação o meio social e histórico. O gênero folhetim, o conto, a poesia, o teatro, o ensaio, a crônica, a crítica, as variedades, dentre outros, nas suas ricas revelações presentes, imergem nas ideias surgidas no passado, que conduz a semente originária do presente e do cotidiano.

O jornal **O Leopoldinense** apresenta, em suas publicações, tais gêneros textuais, com peculiaridades inerentes às situações comunicacionais voltadas para o contexto da época, sendo muitos deles carregados de ironia, em uma mistura de narrativa com o gênero literário romântico.

O trecho descrito a seguir, retirado de uma correspondência publicada na chancela de crônica, revela a qualidade e a variedade do estilo individual de seus redatores, condicionados pelo sistema cultural da época, levado semanalmente ao seu público leitor.

Bolas, Sr. Fiscal!

Uma enorme matilha de cães que aí se reúnem a deitar idílios a luar esplêndido que ilumina-lhes as cenas de amor, ameaça de destruição entre as filas de afiado e aburneos dentes as magras canelas dos descuidosos notivagos que se aventuram em busca de um pouco de ar fresco por essas vielas em fora (O TRÂNSITO..., 1891, ed. 00011, p. 1, c. 3)

Nesse recorte sobre um alerta de trânsito perigoso durante a noite em uma determinada rua, observa-se a maneira pessoal do escritor utilizar a linguagem literária, o uso da sua capacidade de criação e a formulação do texto em busca de uma comunicação com resultado estético condicionado pelo sistema cultural da época, utilizando adjetivos próprios dos poetas românticos, traduzindo, com isso, a expressão de uma força socio-histórica e um exagero sentimental de estilo de época do século XIX.

Os assuntos diversificados da folha inicialmente fazem referência aos clamores da lavoura em função do elemento servil. A vida do cidadão comum era retratada com muito desvelo, por meio de narrativas com temas abstratos, como

amores, desilusões, tragédias, fantasias e saudades, sempre utilizando como pano de fundo a cotidianidade. Em meio aos temas de reivindicações trabalhistas, denúncias sociais, fugas e vendas de escravos e tantos outros problemas sociais, seus redatores utilizavam fórmulas simples para que o jornalismo produzido fosse popular e atingisse um público diverso. Os textos literários eram editados regularmente, cumprindo o papel de comunicar o cotidiano inserido nos assuntos mais diversos.

Com apropriação de temas leves nos folhetins e nas crônicas voltadas para o divertimento, conseguiram obter popularidade e alcance de diversos colaboradores e patrocinadores. A partir dos dados referentes ao cotidiano da pequena cidade de Leopoldina, é possível acompanhar seu movimento, sendo, assim, mostrada uma prova da inventividade genérica de suas páginas.

A estratégia do uso da técnica narrativa, cujo enunciado incita uma reação dos leitores, expressa com muita clareza a observação da vida cotidiana de uma localidade, utilizando como gênero textual uma tabela, a redação do jornal, a fim de demonstrar com humor e ironia críticas ao poder público, às mulheres, aos homens e a toda sociedade, uma estratégia criativa utilizada em o jornal **O Leopoldinense**.

Os dados da tabela a seguir ilustram a afirmativa da estratégia narrativa que era utilizada pelo jornal em tela.

TABELA 3 - Dados estatísticos do movimento cotidiano das ruas de Leopoldina em 1881.

Cachorros bravos soltos nas ruas	189
Trem vagaroso	01
Moças que querem casamento	247
Cidadãos devotos de N.S da víspora	107
Lampiões apagados	26
Grupos fazendo algazarra à meia noite	06

Fonte: MOVIMENTO...,1881 ed. 00028, p. 3, c. 4.

A tabela transcrita mostra um processo criativo de gênero textual que identifica problemas cotidianos específicos locais, com dicas dos redatores para possíveis soluções.

Importante ressaltar a definição de Felipe Pena (2016), jornalista e romancista contemporâneo, que faz uma classificação histórica dos gêneros desde a antiguidade proposta por Platão, há quase três mil anos, que se baseava nas relações entre a literatura e a realidade, cujo discurso era dividido em "mimético, expositivo ou misto" (PENA, 2016, p. 18), até a contemporaneidade. A teoria dos gêneros ganhou consistência na área do jornalismo, agrupando obras por combinações estéticas ou organização das relações entre autor, obra e leitor. Entretanto, cabe notar, a tentativa pioneira de classificação de gênero no jornalismo "foi feita pelo editor inglês Samuel Buckeley, no começo do século XVIII, quando resolve separar o conteúdo do jornal *Daily Courant* em *news* (notícias) e *comments* (comentários)" (PENA, 2016,).

O jornalismo encontrou, e encontra ainda hoje, dificuldades em estabelecer um conceito único de gênero, coexistindo certas divergências. Por muito tempo, o critério utilizado para o estudo dos gêneros jornalísticos foi o da separação entre a forma e o conteúdo, gerando a divisão por temas e pela inclusão do texto à realidade, isto é, uma classificação a partir da permissão do texto de informar, de opinar, decifrar e entreter (PENA, 2016).

A primeira sistematização do estudo dos gêneros jornalísticos é feita em terras espanholas, na Universidade de Navarra, inicialmente com os textos divididos em informativos, explicativos, opinativos e de entretenimento e, posteriormente, em narrativos, descritivos e argumentativos. No Brasil, segundo Felipe Pena, foi Luiz Beltrão, o pioneiro dos estudos de folkcomunicação, quem deu o primeiro passo na sistematização dos gêneros literários, seguido posteriormente por José Marques de Mello¹¹. São propostas baseadas nos critérios de finalidade do texto, estilo, modos

¹¹ Palmeira dos Índios (AL), 1943. Jornalista, atuou em jornais diários de Maceió, como correspondente do interior, para os jornais *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas*., Colaborou com o *Jornal do Comercio* e o *Última Hora*, em Recife (PE). Pesquisador em Comunicação. Foi um dos fundadores da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), na qual obteve os títulos de doutor, livre-docente, professor adjunto e catedrático de Jornalismo. Na mesma universidade torna-se, em 1973, o primeiro doutor em Jornalismo do Brasil. Atualmente dá aulas na Universidade Metodista, em São Paulo, é autor de mais de 40 livros sobre comunicação.

Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1373:entrevistas-materias&Itemid=41. Acesso em: 25 mar. 2016.

de escrita, natureza do tema, articulações interculturais, levando em conta o aspecto geográfico, a situação sociopolítica, a cultura, os estilos de produção e as correntes de pensamento (PENA, 2016).

É na literatura que está o melhor exemplo da divisão genérica. A classificação de uma obra literária é feita de acordo com critérios sintáticos, semânticos, formais, contextuais, fonológicos etc., sendo o conteúdo e a estrutura classificados em lírico, épico e dramático. Essa divisão vem desde a Grécia antiga, séculos V e IV a.C., com os filósofos Platão e Aristóteles, que estudaram sobre o que representaria as manifestações literárias da época (PENA, 2016).

Séculos se passaram. Victor Hugo, dramaturgo, poeta, político e principal representante do romantismo francês no século XIX, afirma ser o romance um gênero dominante, surgindo a partir dele formas sensíveis de representação, como as cartas, os diários e as memórias. A verdadeira revolução no conceito de gênero acontece no início do século XX, quando as questões perpassam o texto e passam a se situar na linguagem. Os formalistas russos classificam o romance como gênero mutante, de difícil análise fora do seu contexto (PENA, 2016).

Ultrapassando as fronteiras do discurso literário, as classificações passam a focar todo e qualquer tipo de enunciado, do mais simples ao mais complexo. Pena cita Mikhail Bakhtin, teórico importante para a história e evolução da linguagem humana, que leva o gênero para a condição discursiva e, assim, "os chamados gêneros do discurso podiam ser divididos a partir das funções (científico, técnico, cotidiano etc.)" (PENA, 2016, p. 20).

Os gêneros do discurso sofrem modificações em consequência do momento histórico vivido. Cada circunstância social dá origem a um gênero com características próprias. Mikhail Bakhtin (1997) relaciona a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas da atividade humana, com finalidades discursivas específicas.

Em uma heterogeneidade de gêneros discursivos, classifica-os em dois grupos: os primários e os secundários. Os primários relacionam-se às situações comunicativas cotidianas, espontâneas, informais e imediatas, como a carta, o bilhete e o diálogo cotidiano. Os secundários, geralmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como o teatro, o romance, as teses científicas etc. Os dois, no entanto, apresentam a mesma

essência, ou seja, os enunciados verbais. A diferença está no nível de complexidade em que se apresentam (BAKHTIN, 1997).

Para dar mais sentido à citação anterior e ao gênero do discurso primário, transcreve-se um enunciado cuja notícia era recorrente nas páginas de **O Leopoldinense** e observada em anúncios de fuga de escravos, onde a notícia era dada enfatizando as características de um ser humano como um objeto: " [...] fugiu da fazenda [...] o escravo [...], solteiro, creoulo, baixo, barbado, de bons dentes, fula, de 40 anos, carpinteiro, pernas cambetas, pisa como periquito, falante e muito esperto (FUGIU...,1881, ed. 00011, p. 4, c. 4).

Nesse curioso jogo de palavras, não há preocupação com o seu sentido, quando se descreve de forma natural as características de um ser humano, submetido à escravidão, para divulgar sua fuga. A palavra por si só constitui um ato comunicativo social. Mikhail Bakhtin (2003) informa que, diferentemente do enunciado, palavra e oração são desprovidas de endereço certo, não sendo ditas para alguém e não pertencendo nem se referindo a ninguém, sem qualquer tipo de relação com o dizer do outro. Para o autor, a palavra, além de expressão típica, é carregada de expressão individual, incorporando-se aos discursos a partir de enunciados de outras pessoas. "Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos" (BAKHTIN, 2003, p. 295). Dessa forma, o escritor perde autonomia sobre o enunciado de seu texto, pois na medida em que este é lido e interpretado por outrem, o leitor se apropria subjetivamente deste como enunciado-resposta.

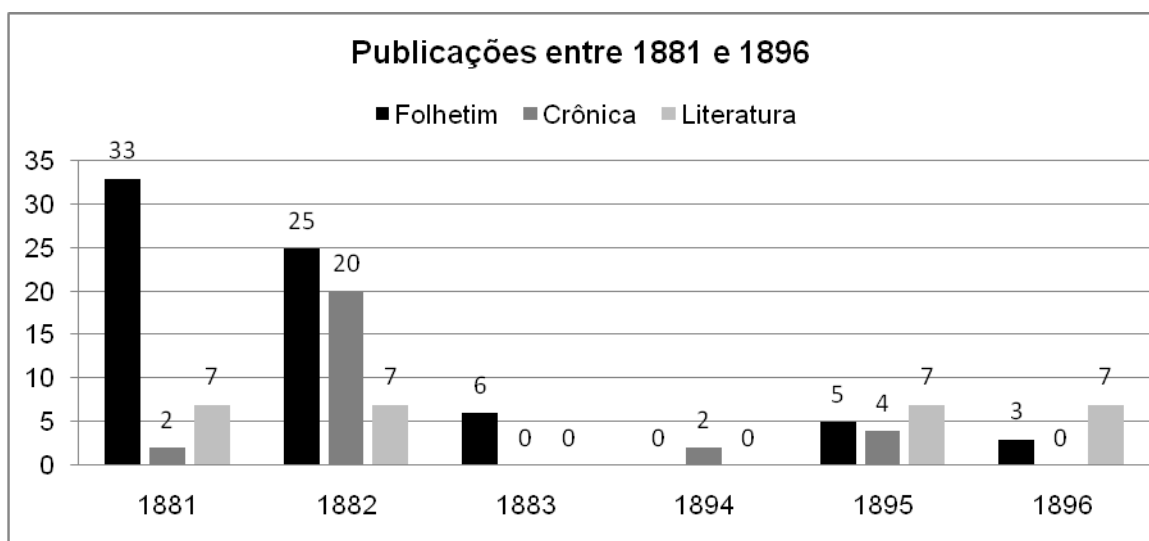
A convivência literária nas páginas dos jornais nas duas últimas décadas do oitocentos, identificada por meio da crônica e do folhetim, é percebida em vários enunciados, nos mais diversos assuntos jornalísticos, como o político, a sátira do cotidiano, as festas religiosas ou carnavalescas. Ela é presença, tanto nos gêneros literários secundários, quanto nos gêneros primários. Para ilustração transcrevo trecho de um texto que relata os assuntos tratados na casa de D. Brígida, uma senhora que tinha o hábito de se reunir semanalmente com as amigas para tomar chá e falar da vida alheia. Era o baú de segredos do lugar. "Dizem que F. brigou com a mulher? [...] por causa dos vestidos que o marido não lhe quis dar?! Mas, não pode ser ele estar bem. Qual o jogo?!... está devendo a todo mundo!... a meu marido deve mais de dez contos. [...] deveras, comadre?" (V.,1894, ed. 00028, p. 2, c. 3).

Este diálogo, um assunto malicioso e perverso encerrado com admiração, revela uma composição livre e irônica dos hábitos e costumes do cotidiano da época.

Limitar o horizonte de análise em um gênero específico é uma forma eficaz de aprofundamento de um estudo. Essa limitação por meio de um recorte de um texto ou tema é uma maneira de ampliar as possibilidades reflexivas. E, também, pode fornecer uma visão mais detalhada para a análise de estratégias discursivas, regras gramaticais, funções e outras classes. Nesse sentido, os gêneros textuais folhetim e crônica formam, como já apresentado, a base deste estudo que, por meio das páginas de **O Leopoldinense** conduz a uma diversidade de práticas de escrita. Textos de conteúdos temáticos que possibilitaram cotejar as letras impressas e explorar os elementos que compunham a vida cotidiana no período estudado. Assim, os gêneros textuais pesquisados identificam uma justaposição entre o jornalismo e a literatura como disciplinas afins.

Cabe ressaltar que a palavra literatura aparece independente dos folhetins e das crônicas, ou seja, transcende os dois gêneros literários. O gráfico a seguir mostra a quantidade de publicações dos gêneros folhetim, crônica e literatura no período pesquisado.

GRÁFICO 2 - Publicações entre os anos de 1881-1896 de folhetim, crônica e literatura em **O Leopoldinense**.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Em 1881, trinta e três textos foram encontrados na coluna designada ao folhetim, 2 na coluna da crônica e 7 textos na destinada à literatura. Em 1882, vinte e cinco na coluna folhetim, vinte na coluna da crônica e 7 na coluna de literatura. Em 1883, são encontrados somente 6 textos na coluna folhetim. Em 1894, encontram-se 2 textos na coluna de crônica. Em 1895, 5 textos na coluna de folhetim 4 na de crônica e 7 na de literatura. Em 1896, 3 na de folhetim, ausência de crônica e 7 na de literatura. Esse levantamento mostra a presença dos gêneros textuais, inicialmente com a predominância dos folhetins, que posteriormente foram substituídos por uma coluna denominada **variedades** que passa abrigar outros gêneros literários.

O jornal se constitui de modelos, seguindo uma tradição das publicações de cunho literário, com o uso de técnicas literárias de construção narrativa. No periódico, as rubricas¹² folhetim e crônica relacionam-se a um gênero literário narrativo em prosa. Esses gêneros textuais publicados no rodapé do jornal **O Leopoldinense** são reveladores dos principais acontecimentos semanais locais, regionais e da Corte, no Rio de Janeiro, descritos por intermédio de um olhar contemporâneo. Em Ewald et al (2006), qualquer texto produzido pode ser composto de um estilo literário com certa particularidade dentro do seu gênero. A crônica, com o passar do tempo, sofre modificações e absorve os textos intitulados de relatos históricos, ensaios e folhetins. De acordo com Afrânio Coutinho (1999), esse gênero modificou com o tempo, assumindo novo sentido na língua portuguesa no começo do século XIX. Enquanto na Europa tinha a forma de relato histórico, no Brasil passa a ser um gênero da literatura unido ao jornalismo.

Em **O Leopoldinense**, há uma mistura de textos dentro de seus espaços, gerando imprecisão quanto ao conteúdo da seção. As crônicas, como se viu, passaram a substituir os folhetins, sendo utilizadas para divulgação de fatos semanais por meio de relatos da vida cotidiana. Na seção seguinte será abordada a temática do jornalismo como gênero literário a partir da análise da interação entre a produção literária e a jornalística.

¹² Termo utilizado para localização no espaço do Jornal dos títulos: folhetim e crônica. O conteúdo destes títulos possuem outros gêneros literários como a carta, o conto, a poesia, especialmente os da crônica.

3 O JORNALISMO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Uma estratégia imprescindível para determinar o funcionamento da literatura no compasso jornalístico é a genericidade. A abordagem genérica permite, segundo Lucia Granja et al (2015), compreender a mudança quando um mesmo formato de texto passa de uma base para outra, como, por exemplo, a modificação do conjunto enunciativo, os destinos da cotextualidade e as diferenças de direção paratextual. Essa compreensão leva a inquietações e a reajustamentos, em uma imposição sobre o ato criativo e receptivo. Assim as autoras colocam a problemática das fronteiras do literário entre literatura e jornalismo no século XIX:

[...] no espaço heterogêneo e heteróclita do jornal periódico, somente uma negociação genérica intensamente recomeçada, pode legitimar certas formas fronteiriças e/ou inovadoras, mas também assegurar o reconhecimento de gêneros tradicionalmente atestados. [...] a inserção das formas literárias no espaço jornalístico apresenta, metodologicamente, uma espécie de modelo reduzido: podemos melhor compreender, nesse quadro restrito que exacerba as tensões, o que se passa na oposição (espontânea) entre gêneros literários, abordagem retórica e análise do discurso (GRANJA; ANDRIES, 2015, p. 306-307).

Elas evidenciam uma relação estreita da interatividade entre a criação literária e a escrita jornalística e consideram, por isso, o jornal um espaço privilegiado para estruturação de novas formas literárias e de criação de uma literatura com identidade e autonomia.

Para classificar cronologicamente a presença da literatura na imprensa, Felipe Pena (2016) se vale das orientações de Marcondes Filho (2000) no livro **Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos**. Aponta que ela tem início nos séculos XVIII e XIX, nos chamados primeiros jornalismo. Por meio de um quadro evolutivo, Marcondes Filho classifica em quatro diferentes etapas a evolução do jornalismo ao longo da época moderna.

O período compreendido entre 1631 e 1789 foi marcado como o da sua pré-história, quando foi caracterizado por uma economia primária, com produção manual em formato de livro. Entre 1789 e 1830, encontra-se o primeiro jornalismo, época marcada pela ebulição do jornalismo político-literário, pela crítica e pela economia precária, cujo comando pertencia aos próprios escritores, políticos e intelectuais. Nesse momento, o jornal se profissionalizou e surgiram as redações como setores específicos, sem fins econômicos, mas pedagógicos e de formação

política. Foi o período da imprensa partidária. O segundo jornalismo, 1830-1900, é o marco da profissionalização dos jornalistas na chamada imprensa de massa, quando surgem as reportagens e as manchetes, o uso da publicidade e a estabilidade financeira das tipografias. Mostra o jornal como uma empresa capitalista.

O sensacionalismo se aflora e a transformação tecnológica exige da empresa a capacidade financeira de autossustentação. Isso interfere mais tarde nas questões dos valores. Marcondes diz que a força do capital se impõe monopolizando o mercado. No terceiro jornalismo, 1900-1960, tem início o monopólio de grupos editoriais fortes, alto número de tiragens e influências políticas e de mercado. O quarto jornalismo, a partir do ano de 1960, se dá quando as informações passam a ser eletrônicas e interativas com os recursos tecnológicos (PENA, 2016).

No século XIX, os principais escritores brasileiros eram também jornalistas, como Machado de Assis, por exemplo. Como o jornal nessa época se encarregava de provocar emoções diárias, por meio dos mais variados assuntos, quer em noticiários, quer na divulgação de folhetins narrativos, suspeitou-se que a literatura, principalmente no campo da ficção, suportaria uma diminuição no gosto dos leitores. Diante dessa perspectiva, e para atender ao público leitor, a linguagem jornalística adapta-se à expressão próxima da oralidade. Uma linguagem coloquial diferente do estilo então vigente entre os escritores.

Em se tratando da categoria literária, o gênero literário, na definição de Amoroso Lima (1969, p. 18), "é um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas". A flexibilidade e o enternecimento do gênero literário são características do jornalismo.

Na questão sobre ser ou não ser o jornalismo um gênero literário, o crítico afirma que a área apresenta o traço diferencial da literatura ao colocar ênfase no estilo, como meio de expressão. Após definir a literatura como "arte da palavra" (LIMA, A., 1969, p. 21) nas acepções em sentido *lato*, em sentido corrente e em sentido estrito, conclui que o jornalismo tem os elementos necessários que comportam sua entrada no campo da literatura, sendo uma expressão verbal com evidência nos meios de expressão. Só deixaria de o ser se a literatura fosse apreciada do ponto de vista estrito, como estética pura ou como ficção.

Para ele, a literatura em sentido *lato* é toda demonstração falada ou escrita, isto é, toda expressão verbal com destaque nas manifestações do pensamento

humano. Essa definição facilita a compreensão do gênero como o da conversação, que, em certas condições, é uma forma de criação estética, mas não de arte da palavra, que, segundo o autor, é mais adequada à natureza própria da literatura, a do senso comum.

A palavra com valor de fim, e não somente com valor de meio, é o diferencial peculiar da literatura em meio às outras artes. De acordo com o estudioso, essa relação do valor da palavra, o meio verbal, é um fim em si, enquanto nas áreas da Ciência, Filosofia e História é um meio.

Quando esse meio, em cada uma dessas atividades mentais, assume uma feição de fim, ou uma importância especial, então já se pode falar de um filósofo-esteta, como Bergson, ou de um matemático-escritor, como Poincaré, ou de um historiador-literato, como Michelet ou Macaulay (LIMA, A., 1969, p. 20).

A literatura é, então, uma expressão verbal com destaque na maneira de anunciar. O autor ainda toma o termo literatura em uma definição sucinta de arte da palavra, de acordo com o âmbito maior ou menor em que se emprega uma expressão. O gênero, como o da conversação, é uma forma de criação estética, não podendo ser compreendida como arte da palavra, sendo que a palavra é a principal diferença da literatura em meio às outras artes.

De acordo com Amoroso Lima (1969) a literatura pura, que é a poesia, dá à arte da palavra uma finalidade em si e também na beleza. O jornalismo não pode ser considerado como um gênero literário se a literatura for considerada como arte da palavra, com um fim essencialmente estético. O autor considera a literatura como tal arte, mas na compreensão da palavra do senso comum, na expressão verbal dos meios sem a exclusão dos fins. A literatura inclui a verdade, o bem, a história, a autobiografia, a filosofia, as ciências, como exemplifica.

Tudo é literatura desde que no seu **meio** de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio de expressão, que é o seu valor de beleza. A beleza é uma **integração** de todos os valores. Não um valor em si. É tudo mais, com uma acentuação primacial na sua forma de expressão, seja a palavra, na literatura, seja o som na música, seja a cor na pintura [...] (LIMA, A., 1969, p.22).

Nesse sentido é que Alceu Amoroso Lima delega ao jornalismo uma senha de entrada para o ambiente literário, considerando-o como gênero literário. Com o

emprego da expressão verbal e realce na forma de anunciar, ter sempre por natureza, um fim que transcenda o meio, o jornalismo é literatura.

Nesse embate, há, no entanto, quem discorde dessa afirmativa. Antonio Olinto (1954) dedica em seu livro **Jornalismo e Literatura** um capítulo sobre as opiniões de André Gide em relação ao jornalismo e literatura. Para o autor, Gide tenta excluir o jornalismo da literatura, negando a ele características de obra de arte, quando faz uma interpretação preconceituosa e com argumentos que partem de um único ponto de vista sobre o assunto.

Segundo Antonio Olinto, o jornalismo para Gide significa tão somente a parte material, externa e morta que, constituída de uma essência, aproxima-se da realidade. É de Gide a seguinte definição: "Chamo jornalismo tudo o que interessará menos amanhã do que hoje" (OLINTO, 1954, p. 42). Gide demonstra incompreensão em relação à nova geração de escritores ávida pelo sucesso e sobrepõe sua geração como eterna, portadora de realidades duráveis. Esse foi o unilateralismo utilizado para julgá-lo, valorizando a sua geração e criticando uma nova geração que, para ele, é uma geração abstrata devido à pretensão de adquirir sucesso imediato (OLINTO, 1954).

Antonio Olinto (1954) comunga suas ideias com Alceu Amoroso Lima, (1969) afirmando ser o jornalismo um gênero literário, definindo-o como "uma penetração no dia a dia, em busca do que possa ter de significativo, de permanente" (OLINTO, 1954, p.11), afirmando que, além da pressão do tempo e do espaço, tem as mesmas oportunidades que a literatura de produzir obras de arte.

O jornalismo já foi chamado de "literatura sob pressão". Pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado. As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa (OLINTO, 1954, p.3).

Em relação aos aspectos que fazem do jornalismo uma espécie de construção literária, o crítico, discorrendo acerca das semelhanças e diferenças importantes para a percepção dos riscos de um jornalismo sem essas compreensões, afirma que "a pressão existe sempre, no poema ou no romance, no ensaio e no conto" (OLINTO, 1954, p. 3). O que difere é que o escritor possui mais liberdade no ato de criação, sofrendo, inicialmente, cargas internas de emoções. A

pressão sofrida é imposta internamente pela necessidade de o escritor concluir sua obra.

Para ele, mesmo que o escritor tenha mais liberdade no ato de sua criação, sofre cargas de emoções internas e externas, uma vez que é acossado por uma série de sentimentos que alimenta no manejo interno de fatos e coisas, possibilitando a concretização de sua obra. A liberdade e a pressão do jornalismo constitui o conjunto de objetos de que o escritor é sujeito e que, ao mesmo tempo, domina e dirige, inter-relacionando a liberdade com a pressão, que é forma própria do jornalismo, com a diferença de que nesse se encontra algo mais contido pelas ocorrências, por fatos estranhos ao homem (OLINTO, 1954).

Ainda de acordo com o estudioso, há escritores bem mais antijornalísticos que André Gide como, por exemplo, William Faulkner¹³, que discorre sobre coisas que valem a agonia e o suor do escritor, como o medo, o amor, a honra, a piedade, o orgulho, a compaixão e o sacrifício, em um romance classificado por Sartre como a consagração de gestos cotidianos, uma vez que traz na simplicidade nuances de um rito litúrgico. Esse autor cria mundos já existentes dentro de nós, partindo sempre da individualidade, do privado para capturar uma parcela mínima de um fato ou acontecimento.

Sua criação surge daquilo que já existe, privando objetos, indivíduos e fatos dos empecilhos que os tornam invisíveis. Mantém a ligação do que já existe ao que o indivíduo tem de mais humano, como aspectos pouco observados, como gestos, palavras e as ações. Dessa forma, Faulkner escreve em sentido contrário ao do jornalismo popular, que, de acordo com Olinto (1954, p. 51), é o de "elevar os acontecimentos a um plano de tal pungência que o menor dos fatos adquira a sua exata importância no esquema geral de uma vida, de um movimento para a frente".

¹³ William Faulkner. 1897, New Albany, Mississipi 1962, Oxford, Mississipi. Prêmio Nobel da Literatura em 1949. Em 1918, participou da Primeira Guerra Mundial como cadete da força aérea canadense, interrompeu seus estudos de literatura e começou a aceitar diversos trabalhos eventuais, alguns dos quais na área do jornalismo. Primeiro romance, *O Soldo do Soldado* (1926). Teve um êxito estrondoso com *Sartoris*, saga familiar iniciada em 1929. No romance *Enquanto Agonizo* (1930) revela seu lado humorístico, que convive com suas visões trágicas. Tornou-se famoso seu retrato de psicopata no romance *Santuário* (1931). Influenciado por James Joyce, Faulkner adotou a técnica do "stream of consciousness", ou seja, a reprodução direta dos fluxos de consciência de suas personagens e mostrou-se ainda mais radical que Joyce na renúncia à cronologia narrativa e à perspectiva do narrador, técnicas que surgem claramente em *O Som e a Fúria* (1929). Escreveu também *Luz de Agosto*, 1932; *Absalão! Absalão!*, 1936, assim como a trilogia sobre a família Snopes *A Aldeia*, 1940; *A Cidade*, 1957 e *A Mansão*, 1959. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/william-faulkner.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

Ainda segundo o crítico literário, outro escritor contrário ao jornalismo de padrões e regras pré-estabelecidos é James Joyce¹⁴, que se preocupa com a forma da criação. Para focalizar melhor a vida, envolve em seus escritos "a pureza primitiva da palavra", quebrando a blindagem em sua volta e cria assim, um mundo voltado "à imagem e semelhança de sua angústia" (OLINTO, 1954, p. 51). Olinto justifica a expressão de antijornalismo dos dois autores, Faulkner e Joyce, para que suas ideias sejam compreendidas em um sentido pejorativo, levando em consideração a superficialidade dos jornais ao considerar as coisas relativas ao ser humano.

Mesmo sendo um tema controverso, o de ser ou não ser o jornalismo um gênero literário, a discussão é fundamental para apontar o quanto literatura e jornalismo ficaram distantes um do outro por muito tempo, sendo independentes, mas com grandes afinidades. Importante é para este estudo demonstrar que o jornalismo pode ter as mesmas possibilidades de produzir obras de arte como a literatura. Em se tratando do jornalismo do século XIX, uma de suas marcas escriturísticas é a poesia e o romantismo que, sem erudição, retrata a vida cotidiana das pessoas comuns e não comuns. O estreitamento entre o jornalismo e a literatura pode ser observado no jornal **O Leopoldinense**, no que se propôs para esta pesquisa, que é a análise dos folhetins e das crônicas, como também em outros gêneros textuais publicados por esta folha. Dessa forma, o jornalismo pode ser considerado gênero literário mesmo na sua efemeridade. Concilia a informação com assuntos do momento atual, objetividade e estilo fazendo uso da arte da palavra do senso comum como meio de expressão. No item seguinte serão feitas considerações sobre os destaques atribuídos nos jornais aos folhetins, seu surgimento, fases, identidade dos autores folhetinescos e os assuntos do cotidiano por eles descritos.

¹⁴ James Joyce nasceu em Dublin na Irlanda (1882-1941). Autor de "Ulisses", obra que inaugura o romance moderno e uma das mais importantes da literatura ocidental. Dotado de experiências literárias conservadoras marcadas pela influência do realismo de Ibsen e pelos simbolistas. Em 1922, publica "Ulisses", cuja história passa-se em um único dia, 16 de junho de 1904, em Dublin. Seus personagens enfrentam situações correspondentes aos episódios da Odisseia, de Homero. Nessa obra, James Joyce reinventa a linguagem e a sintaxe. Radicaliza a linguagem narrativa, explorando processos de associação de imagens e recursos verbais, paródias estilísticas e o fluxo da consciência. Também incorpora teorias da psicanálise freudiana sobre o comportamento sexual. O livro é proibido no Reino Unido e nos Estados Unidos, onde só é liberado em 1936. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/james_joyce/>. Acesso em: 3 jan. 2017.

3.1 OS FOLHETINS E O COTIDIANO

No Brasil, bem como na Europa do século XIX, percebe-se o destaque atribuído ao folhetim. Obras francesas eram corriqueiras nos jornais do Rio de Janeiro, "tanto que Machado de Assis afirmou que escrever folhetins e continuar brasileiro era difícil" (ARNT, 2004, p. 47). No período, ao descobrirem a importância das tipografias, escritores se valem delas para divulgação de suas obras, seja como proprietários ou escritores com domínio do conteúdo, da linguagem dos jornais e das técnicas de impressão.

De acordo com Felipe Pena (2016, p. 28), em sua obra **Jornalismo Literário**, esse veículo de comunicação abrigou um dos principais instrumentos da época, o folhetim, "um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura". Machado de Assis também assegura que o folhetim nasceu do jornal e o folhetinista é consequência do trabalho do jornalista, destacando a desenvoltura dessa criação literária.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consociado com o frívolo. Esses dois elementos, arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalismo e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio. O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; solta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas [...] (MACHADO, apud COUTINHO, 1971, p.109).

Essa nova modalidade de intervenção literária e jornalística lidera as publicações no jornal **O Leopoldinense** nos seus primeiros anos de vida, seguida pelas crônicas. De acordo com Marlyse Meyer (1996, p. 57), o termo folhetim teve seu lugar de nascimento na França "[...] *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o rez-de-chaussée - rés do chão, rodapé - geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento".

Folhetim é um termo que se pode dizer genérico porque inicialmente sugere o espaço geográfico do jornal e seu espírito e, posteriormente, passa a abrigar o folhetim-dramático, a literatura e variedades. Esse tipo de produção foi tão bem recepcionado que ajudou na divulgação e popularização dos principais romances

escritos naquela época, que, com o aval de um grande público, na primeira versão, a jornalística, passariam posteriormente à configuração de um livro.

De origem francesa, "inventado pelo jornal, e para o jornal" (MEYER, 1996, p. 30), o folhetim-romance, como era chamado inicialmente, passa a condicionar a sua vida, tendo sido concebido na década de 1830 por Émile de Girardin¹⁵, que democratiza o jornal privilegiando a participação de todos, e não somente daqueles que podiam pagar valores altos pelas assinaturas (MEYER, 1996). Divulgado em capítulos, tinha o enredo voltado para prender a atenção do leitor e criar certa expectativa, garantindo a possibilidade de acompanhar o desenrolar da narrativa em edições posteriores e formar a sua própria coleção. Segundo Felipe Pena (2016, p. 29) uma das características do folhetim "era o chamado *plot*, o ponto de virada do roteiro [...] A hora do beijo, a descoberta do assassino ou o flagrante do marido" [...].

A primeira fase do romance-folhetim foi no período de 1836 a 1850, época marcada por uma literatura voltada aos problemas históricos e sociais envolvendo mistérios e vinganças nos romances publicados nos jornais em fatias diárias, com sucesso garantido a Eugene Sue e Alexandre Dumas, romancistas franceses do século XIX. Esse importante espaço do jornal era reservado ao entretenimento, em um período de sucesso da ficção, dando vez a novos escritores através de suas narrativas (MEYER, 1996).

Sua segunda fase foi de 1851 a 1871, a chamada Rocambole, que vivencia o reinado do imperador francês Napoleão III, as transformações de Paris e o sucesso em matéria de belas artes a partir de 1857. Época de florescimento na França da imprensa popular, consequência do processo de alfabetização da classe trabalhadora, da industrialização que povoa a cidade e transforma o campo. Com isso, o jornalismo se expande e se insere na vida cotidiana, quando os leitores mostram, então, voracidade em desvelar o mundo.

Uma boa fase da imprensa sob o regime imperial tem início, desse modo, com o processo da industrialização, cujo aumento dos negócios e a pressão da população urbana exercida por um público sensível e intelectualizado, na qual a

¹⁵ De acordo com Meyer (1996) Girardin expôs suas ideias no jornal que dirigia, *Journal des Connaissances Utiles* [Jornal dos conhecimentos úteis], antes de lançar, em julho de 1836, *La Presse*, imediatamente copiado por um rival. Também foi o criador do célebre periódico *Le Voleur* [O Ladrão] que, como o nome indica, vivia de pilhagem de artigos de outros jornais, segundo fórmula bastante seguida no Brasil (GIRARDIN apud MEYER, 1996, p.49).

utilização do poder das forças contrárias à limitação das censuras e coerções policiais, explicam o prestígio e o poder da imprensa (MEYER, 1996).

Mesmo sendo o II Império francês marcado pela censura, por prisões, punições e cotas de multas, essa foi uma época abastada para os jornais. Os temas impressos eram tratados por autores polêmicos de posições políticas opostas, em um modelo de jornalismo político e literário. Participavam tanto os jornalistas ativos, que usavam a tinta e a caneta, quanto aqueles batalhadores que levavam uma vida difícil e fútil em uma cidade modificada pelo processo de industrialização, momento que promove o crescimento da imprensa popular, a imprensa de massa.

Essa, então, passa a se nutrir do fulgor das ruas, dos cafés, dos encontros de literatos, dos políticos e dos palcos, onde eram feitas as interações e divulgações das notícias cotidianas. Nasce, a partir daí, uma nova camada social que desenha e distingue o público leitor da classe burguesa e o público leitor da classe popular, que passa a demandar o seu jornal: "O Segundo Império mostra que, indissociavelmente, o público faz sua imprensa e a imprensa seu público" (BELLET, apud MEYER, 1996, p. 92).

O romance-folhetim, que atingiu inicialmente a população urbana se prolifera, com isso, na população rural, sendo causador de inquietação à classe dominante, que censurava esse tipo de leitura. O governo francês se dizia ter interesse em criar bibliotecas escolares para reconstruir a moral das camadas populares inferiores, mas, por meio das instruções publicadas pelo ministério francês, se percebe uma grande incoerência na sua intenção.

[...] convidei os editores a publicarem, em pequenos volumes de preço baixo, obras sadias de pensamento e de forma, que ensinassem, por meio de exemplos e de narrativas o respeito pela lei, o amor ao país, o sentimento do dever [...] Então, em vez de uma literatura muitas vezes malsã vivendo do escândalo, que atira o espírito no meio de aventuras e de ideias que não são nem do nosso tempo nem de nossos costumes, as pessoas destinadas ao trabalho manual terão livros bem apropriados a suas necessidades morais e profissionais (DARMON apud MEYER, 1996, p. 92).

Esse pensamento era reflexo daqueles que censuravam os romances, caracterizados como livros de estilos ruins e amorais. Existe uma contradição entre a importância dada ao ensino público para uma alfabetização em massa e os pareceres publicados pelo governo, que apontam para a prevalência do poder autoritário, como se vê nos recortes seguintes de Jean-Jacques Darmon.

Quando o povo souber ler [...] o que haverá de ler, se não se exercer a vigilância mais ativa e mais severa? É que ele só lê esses livros, esses jornais [...] que corroem pouco a pouco a autoridade em nome da liberdade, exercitam as más paixões contra o poder [...] esses romances imorais, que, por meio dos folhetins, penetram até no último botequim do último vilarejo e vão inflamar a sensualidade da juventude, inspirando-lhe [...] (DARMON apud MEYER, 1996, p. 93).

Mesmo com a intenção do governo de extinguir os folhetins de baixo custo que entraram na vida das mulheres ricas e pobres, isso já não era mais possível. "É com esses romances de quatro *sous* que elas aprendem a ter vergonha de seus pais, de seus maridos, a se aborrecer com sua existência uniforme, mas honesta e tranquila, e a sonhar com as doçuras ou tempestades de uma paixão satisfeita ou contrariada" (DARMON apud MEYER, 1996, p. 93).

O romance-folhetim ressurgiu, então, após a revogação da lei que exigia o selo para publicação de ficção em jornais, mas passa a ser autocensurado pelos diretores, que, por temor a multas e processos, interferem nos textos. Ele retorna e vai ao encontro de um concorrente, o *fait-divers*, romance baseado no cotidiano da vida real.

Surge, assim, a terceira fase do romance-folhetim, 1871-1914, a do romance dos dramas da vida que, de acordo com os estudos de Meyer, vulgariza o grande folhetim romanesco, o folhetim fantasioso ingênuo, que passa a ser o folhetim da vítima, no qual se apresentam novas mutações do gênero, competindo, dessa maneira, com os vários fatos nos jornais de baixo custo.

Os gêneros literários publicados em **O Leopoldinense** podem justificar o volume dos exemplares e das assinaturas. Os folhetins seguiam a estratégia de continuidade em edições posteriores, atraindo leitores e leitoras, garantindo, portanto, as preciosas e indispensáveis assinaturas. Os autores se utilizavam das letras iniciais do nome, abreviaturas e/ou pseudônimos para identificação: A. Góes, J. Lagôa, J. A. Júnior, S. Petit, Remo de Cerda, Chantilly, Bacuráu, Olnak, Zé da Silva, Júlio d'Elvas, J. A., J. L., L. A., V., ***. Poucos usaram o nome completo, não se podendo afirmar quais os autores o faziam. O último relacionado, os três asteriscos, representa uma assinatura. A tabela a seguir mostra os autores folhetinistas e suas publicações no período em estudo.

TABELA 4 - Nomes e pseudônimos dos folhetinistas de **O Leopoldinense** no período pesquisado com o número de publicações do gênero folhetim.

AUTORES	ANOS					TOTAL
	1881	1882	1883	1895	1896	
J. LAGÔA	2	2	-	-	-	04
ELYSIO BALTHAZAR	15	-	-	-	-	15
DR. ARTHUR VIANA	1	-	-	-	-	01
S. PETIT	8	1	-	-	-	09
CHANTILLY	2	-	-	-	-	02
AZEVEDO JUNIOR	-	2	-	-	-	02
OLNNAK	-	1	-	-	-	01
ZÉ DA SILVA	-	2	1	-	-	03
BACURÁU	-	3	-	-	-	03
J. A.	-	12	-	-	-	12
JÚLIO d'Elvas	-	1	1	-	-	02
J. L.	-	1	1	-	-	02
***	-	-	1	-	-	01
L.	-	-	1	-	-	01
A.	-	-	1	-	-	01
BENTO	-	-	-	3	-	03
RÔMULO DE CERDA	-	-	-	2	-	02
A REDAÇÃO	5	-	-	-	2	07
V.	-	-	-	-	1	01
TOTAIS	33	25	6	5	3	72

Fonte: BN-SOR, **O Leopoldinense** (1881-1896).

Considerações serão feitas em relação aos três autores com números maiores de atuações. O desempenho de Elyσιο Balthazar foi mais considerável. Escreveu **A noiva adúltera**, um folhetim-romance publicado semanalmente em oito capítulos com enfoque nos dramas da vida cotidiana, característica da terceira fase do folhetim. É uma ficção que mostra uma vida mesquinha presente no cotidiano de uma família, a partir da qual o autor lança mão da arte da palavra escrita para fazer oposição àqueles que acreditam em mitos. O palco do romance é uma fazenda às margens do Rio Paraíba, no arraial de Pirapetinga, em Minas Gerais.

Reportam-se aqui alguns fragmentos de **A noiva adúltera**. Folhetim que reporta um casamento por conveniência que tem como consequência a prática do adultério e a traição.

Na varanda estava um homem sentado numa cadeira [...] saboreava um ruim cachimbo [...] seguindo com inebriante sensação as golfadas da fumaça [...] aí está como se ia a minha fortuna se a minha Deolinda casasse com o peralta do Alfredo [...]" (BALTHAZAR, 1881a, ed. 00034, p. 1, c. 4).

A história se inicia com Jerônimo, um pobre velho trabalhador rural. Sentado na varanda, fumava seu cachimbo pensativo, tentando encontrar uma forma de falar para a filha sobre seu casamento. Chama Deolinda, e diz: "- Amanhã, a convite meu, deve aqui vir o futuro noivo que te destinei, é um moço elegante e de fina educação que se torna em tudo credor de tua simpatia" (BALTHAZAR, 1881, ed. 00035, p. 1, c. 1).

A partir da negativa e justificativa da filha, o velho retruca, segurando seus braços agressivamente: "[...] tu não sabes que eu sou teu pai e que tu deves me obedecer em tudo?" (BALTHAZAR, 1881a, ed. 00035, p.1, c. 4).

Deolinda, a filha, se recusa a aceitar o novo pretendente por amar outra pessoa, mas não ousa desobedecer ao pai. Muito desolada, escreve uma carta ao seu grande amor:

Querido Alfredo. - Fatos bem extraordinários se tem passado depois da tua última visita em que imprudentemente nos traímos aos olhos de meu pai, julgou ver nosso amor um crime e com ele a sua ruína [...] Amanhã às dez horas da noite espero-te na horta debaixo da parreira [...] (BALTHAZAR, 1881, ed. 00037, p.1, c. 2).

Quando foi apresentada ao pretendente, ela tenta dissuadi-lo da ideia do casamento, utilizando-se do seguinte argumento:

[...] resta-me ao menos a consolação que pondo em relevo o meu precognito recusar-me-ia com certeza.
 - Que quer dizer? não compreendo.
 - Eu mo explico melhor, se me acompanhar aos pés do altar lembra-se que vai receber para esposa uma noiva adúltera! (BALTHAZAR, 1881, ed. 00036, p. 1, c. 2).

Um romance-folhetim de pura fantasia, sem herói bom ou ruim, com uma personagem principal que é blindada da repressão social, tida como vítima, que acata os pactos sociais, aceitando um casamento imposto por interesses financeiros familiares à custa de sofrimentos e traições amorosas.

A temática desse romance-folhetim é ancorada nas experiências cotidianas vividas no século XIX, época em que, para manter o patrimônio das famílias ou para

resolver um problema patrimonial, abria-se mão do ser em função do ter. Nos outros folhetins, Elysio Balthazar ora faz críticas, ora elogia com humor e ironia um colega de trabalho como: "Predileto discípulo de Rocambole, admiro-te, saúdo-te ao mesmo tempo com entusiasmo porque tem o condão de fazer curvarem-se a seus pés as recatadas [...] que sonharam pelas aventuras românticas" (BALTHAZAR, 1881a, ed. 00049, p.1, c. 4).

J. A., com exposições de assuntos provenientes **da Corte**, faz comentários de discursos políticos, elogios, divulgação de eventos importantes, homenagens e contos. S. Petit, nas publicações intituladas **Contos e histórias** e **Conversemos** discorre sobre a educação e o cotidiano de pessoas comuns, de escolas e acontecimentos diversos.

A nova fórmula de jornalismo, criada após a proibição da publicação do romance-folhetim na França, obteve alto consumo na rubrica de jornal-romance. O modelo foi suplantado pelo *fait divers*, cujo texto se compõe de notícias extraordinárias, divulgadas em forma de romance melodramático. Um exemplo de um *fait divers* em **O Leopoldinense** pode ser observado no recorte a seguir, quando J. A. (1882) fala do aniversário de morte de José Ferreira de Menezes¹⁶, folhetinista na capital do Império.

Ainda os filhinhos [...] choravam com ele a morte prematura de sua mãe e esposa; ainda no lar falavam recordações; ainda como que se via a esposa animar com seus olhares doces e bons ao consorte nas lutas da vida, e a mãe ir, como a ave cuidar dos seus filhos, quando a morte achou propícia a ocasião de derrubar aquela árvore [...] ele que nunca perdera o combate na arena da imprensa, foi dormir o sono da morte [...] (J. A., 1882, ed. 00044 p.1.c.3).

Esse modelo de narrativa visa a gerar reações pessoais e passionais do leitor, cuja intenção é afastar o indivíduo do episódio da narrativa, dando-lhe a sensação de sua própria participação na ação. Para Marlise Meyer (1996), a expressão *fait divers* recobre vários sentidos: o jornalístico, com a publicação de

¹⁶ Jornalista da Gazeta da Tarde, na capital do Império em 1880. Teve a iniciativa de combater a escravidão. Fonte: Ana Flávia Magalhães Pinto. A Gazeta da Tarde e as peculiaridades do abolicionismo... XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS. 27 a 31 julho de 2015. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428106071_ARQUIVO_AnaFlaviaM.Pinto-ComunicacaoAnpuh2015.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

uma notícia, uma conotação pejorativa, uma categoria especial dos acontecimentos, e a forma romanceada dramática do texto.

O folhetim do tipo sentimental é revisitado pelo jornal **O Leopoldinense**, que nasce durante a terceira fase desse tipo de produção. Nele se encontra o tema da vítima e do sedutor, retratado aqui por meio de uma publicação intitulada **O grilo do moinho**, de autoria de Júlio d'Elvas:

Pródiga em sorrisos encantadores para os amigos, tinha um olhar calmo e sereno para os estranhos [...] ouvira protestos de amor [...] deixou-se embeber por tão risonhas perspectivas [...] já o encontrara em outras ocasiões e notara a insistência de seu olhar penetrante [...] mas agora, que ouvira de seus lábios a expressão franca de seu amor alegre-se; vê um futuro brilhante diante dos olhos e a alegria tirar-lhe a calma e o sono [...] (D'ELVAS, 1883, ed. 00002, p. 1, c..2).

É um romance de ficção com apelo popular que reproduz o pensamento do senso comum. O texto retrata o cotidiano, abordando questões sociais como a pobreza, simplicidade e condição feminina: "[...] deixou-se embeber por tão risonhas perspectivas e a noite terminou, quando parecia que ia começar. [...] só lhe restava a solidão da sua casa pobre, o mesmo viver solitário no meio daquelas matas [...]" (D'ELVAS, 1883a, ed. 00002, p. 1, c. 4).

O autor transcreve a idealização de uma relação afetuosa de uma jovem campezina pobre, bonita e romântica que vive de ilusões, alimentando-se de paixão funesta por promessas vãs de um galanteador. Em um encontro festivo na cidade, durante uma noite dançante, ouve promessas de um sedutor e passa a se alimentar do sonho de um futuro casamento. Entrega-se, posteriormente, às lembranças das cenas vividas naquela noite, e, no seu aconchego rural, lugar bucólico e romântico, onde a lua se encarrega de iluminar o terreiro da casa e a mata, o de reproduzir os sons notívagos profundos ao som do canto lúgubre dos pássaros noturnos que se incumbem de quebrar a monotonia da água que toca o moinho, ela suspira de amor e sonha acordada.

Nunca suspeitou que a amasse, mas agora que ouvira de seus lábios a expressão franca de seu amor, alegre-se; vê um futuro brilhante diante dos olhos e alegria tirar-lhe a calma e o sono. É por isso que a essas horas ainda se encontra à janela para encarar a lua, a conversar com as estrelas e a ouvir o murmúrio das águas do moinho (D'ELVAS, 1883b, ed. 00002, p.1, c.3),

O autor enfatiza a paisagem local apropriada, utilizando-se da sua originalidade, um dos elementos que dava tom de regionalismo na trama. Nessa atmosfera romântica, a personagem Estella alimenta-se de um amor impossível, difícil e não correspondido, um amor platônico. Na trama, quando a protagonista descobre que a promessa de amor feita a ela também é feita a uma amiga, desiludida, passa a se considerar uma viuvinha. "Quando lhe chamam grilo do moinho, pede que antes a chamem de viuvinha e a ninguém conta a história de sua paixão funesta" (D'ELVAS, 1883c, ed. 00002, p. 1, c. 4).

As narrativas são relacionadas aos acontecimentos do dia a dia e a presença da paixão simboliza o poético, quando os sentimentos e a idealização são motivados pela fantasia e imaginação. No trecho abaixo observa-se outra passagem carregada da temática sentimental própria do romantismo do século XIX e a valorização dos traços femininos, caracterizando o texto como uma prosa poética: "Um vulto angélico velava aquelas horas mortas encostado à janela [...], o rosto às mimosas mãos embebido em misteriosas meditações. Era Estella [...] pródiga em sorrisos [...]" (D'ELVAS, 1883d, ed. 00002, p.1, c, 4).

O enredo transcorre somente na figura da vítima, a mulher, que, na sua sensualidade, vulnerabilidade e ingenuidade, é capaz de construir castelos de sonhos a partir de palavras vãs de um sedutor galanteador. No epílogo, quando em conversa com uma amiga sobre os segredos de amor, conquistas e decepções, muito comum entre as mulheres, a protagonista descobre que as mesmas juras de amor feitas a ela foram plagiadas pelo mesmo galanteador à sua companheira amiga.

Encontram-se também outros temas recorrentes que perpassam pela experiência negativa da mulher como, por exemplo, o adultério, o casamento por conveniência e a loucura. Reporta-se para ilustração a loucura de uma mãe com a morte de um filho, em um folhetim intitulado **A índia louca**, de autoria de J. A. (1882), no qual é retratado o amor materno.

[...] essa mulher tinha todo o garbo, toda a beleza do indígena [...]

[...] pediu-me mudamente uma esmola.

Dei-a. [...] olhou fixamente para mim e murmurou:

- Meu filho! e desatou uma gargalhada homérica, que veio terminar num choro convulsivo [...] (J. A., 1882, ed. 00054, p. 1, c. 1 - 3).

Inah, a personagem do fragmento citado, era uma índia muito querida por todos, que vivia em uma região campesina. Teve um único filho, que a morte levou precocemente. Desde então, a índia enlouqueceu, fato observado e relatado pelo autor que dizia que, enquanto caminhava pela estrada, ela murmurava monólogos e emitia gargalhadas longas e lúgubres, sendo, por isso, apelidada pela vizinhança de a índia louca. Uma loucura revelada pela crença popular em função da ausência de um ente querido. Tal texto foi apontado pelo autor como uma lenda provinciana.

Os folhetinistas brincam com palavras abstratas como a publicação de Arthur Vianna (1881) em um texto intitulado **Panegírico de S. Dinheiro**: Quem dinheiro tiver fará o que quiser!. A temática é a consagração ao dinheiro como um ser abstrato, retratado pelo folhetinista como a potência mais poderosa no mundo. A seguir, foi transcrito um fragmento retirado da introdução, único trecho legível desse folhetim:

Há no mundo [...] uma potência respeitável, mais poderosa do que a tiara de Leon XIII [...]. Essa potência é bela como Cleópatra [...] é sábia como Salomão, como Sócrates, como Platão; é eloquente como Cícero, como Demóstenes, não tem defeitos; não tem imperfeição, não tem manchas; é brilhante como o sol; é mais doce que o mel; mais terna do que a lua; essa potência [...] é o Dinheiro! (VIANNA, 1881, ed. 00050, p.1, c. 1).

A compreensão do texto anterior se dá a partir da leitura do folhetim **O Dr. Arthur**, escrito por Elysio Balthazar (1881), que revela a admiração do folhetinista pelo amigo Arthur Vianna, autor do folhetim citado anteriormente, pelo encantamento que ele causa às mulheres e pelas suas conquistas afetivas. No início do texto, interessante destacar, há um diálogo em uma plataforma de estação da estrada de ferro, quando um cavalheiro desconhecido pergunta a todos, um a um:

- O Senhor não sabe dar-me notícias do Sr. Arthur Vianna?
- Tem muita saudade dele? perguntou ironicamente um dos passageiros?
- Não... são cá negócios particulares.
- Está bom já sei, é uma filha pedida em casamento
- Por quem é senhor deixe-se dessas ironias, o negócio é muito sério, ora eu lhe conto: esse mancebo pediu-me para inculcar uma pessoa que tivesse no momento uma escrava prendada, e... [...] - Discreta, muito discreta, era, julgo para presentear uma jovem amável e sedutora que...
- Uma prolongada gargalhada interrompeu o nosso homem - mas então disse um dos circundantes, o amigo ignora que o tal Dr. Arthur era nada mais que um cavalheiro da indústria? (BALTHAZAR, 1881, ed. 00049, p.1, c. 1).

Sabendo da notícia da chegada desse ao arraial de Pirapetinga, sua terra, escreve o folhetinista: "faço neste momento fervorosos votos para que este doutor [...] não se lembre de ir arribar aquele encantador arraial onde como aqui iria fazer transtornar as cabecinhas das jovens [...]" (BALTHAZAR, 1881b, ed.00049, p.1,c. 4).

No **Ao Leopoldinense**, título dado ao folhetim de estreia de S. Petit (1881), seu texto está pautado no seguinte contexto: convidado a escrever para o jornal por um amigo de colégio da Corte, quando se encontraram em uma fazenda, depois de se passarem muitos anos, ele recorda o passado, valoriza o silêncio do campo, admira a natureza e aprecia a convivência entre os indivíduos. Em estilo saudosista, olhando através do retrovisor, afirma que a vida nada mais é do que uma comédia e passa a escrever sobre a cidade do Rio de Janeiro: "Bem fazem aqueles que na rua do Ouvidor vegetam uma vida preguiçosa, luxuriante, encostados às portas das confeitarias a lançarem uns olhos cobiçosos àqueles doces enfeitados [...]" (PETIT, 1881, ed. 00055, p.1, c. 2).

Fala, ainda, dos divertimentos noturnos, quando os artistas de teatro arrancam do povo aplausos em delírios. Dessa forma, diz o autor que são felizes as pessoas que desfrutam a vida, sem incômodos. Critica os ocupantes de altos cargos, que, no luxo, desdenham do povo que trabalha. Na política, aconselha a aprovação de uma lei: "a tal lei era ruim, péssima quem sabe?! Tornava-se, pois preciso que nós que ficamos na platéia da nação, vejamos se os atores desempenharam bem os seus papeis" (PETIT, 1881a, ed. 00055, p. 1, c. 3). O autor se utiliza também de metáforas para discorrer sobre as discussões e brigas no ambiente parlamentar, como se pode observar no recorte:

Não haverá muito tempo que as igrejas terão dentro de si urnas eleitorais. E todos esperam que os santos não se arrepiem porque a barriga do cidadão não servirá mais de alvo no estoque, à navalha, do capoeira atrevido insolente e desaforado (PETIT, 1881b,ed. 00055, p. 1, c. 3).

Em **Devaneios**, Chantilly (1881), em uma seção do texto, escreve sobre a comédia teatral intitulada **Moços e Velhos**, do escritor português Rangel de Lima. Faz críticas aos personagens e seus papeis, usando frases metafóricas.

A velha e pretensiosa Quitéria, esse secular castelo em ruínas quase a desmoronar sobre a ardente e romântica cabeça de Luiz Pereira [...], verdadeira armadilha contra todos, não primou pelo lado do capricho [...]. Contudo agradou sofrivelmente (CHANTILLY, 1881, ed. 00069 p.1 c.1).

Em **Elvira e Arnaldo**, de J. Lagôa (1881), é tratado o tema da ambição. Da forma como descrito no texto, tem-se uma ideia de fatos verídicos acontecidos no cotidiano visitado pelo autor, passado em uma família com interesses em um casamento profícuo para a filha. O autor descreve inicialmente Elvira, filha ilegítima de um taberneiro nos seguintes termos: "[...] excelente rapariga, natural e simples, laboriosa e honesta, virgem e linda, casta e pura [...]" (LAGÔA, 1881, ed. 00078, p. 1, c. 1).

Em seguida, descreve o pai, um sujeito que, pela força do trabalho desonesto, juntou algumas economias, e Arnaldo, o caixeiro do tendeiro. Elvira e o jovem caixeiro se apaixonam. Quando seu pai descobre o relacionamento dos dois, despede o funcionário, pois sua intenção era casar a filha com um detentor de fortuna. Mesmo com a proibição, o casal continua se encontrando às escondidas. Certo dia, diz J. Lagôa, quando conversava com um amigo sobre o celibato, sustentando a tese de que um casamento pobre deveria ser insuportável, sendo melhor um casamento inteligente, ouvem a seguinte conversa:

- Minha filha, eu te garanto, que ainda que seja necessário moer-te os ossos à pão, não hás de ter a dita de casar-te com Arnaldo. A moça deu-lhe as costas e retirou-se aos pulinhos dizendo: Hei de casar! [...]" (LAGÔA, 1881a, ed. 00078, p.1, c. 2).

No domingo seguinte após a conversa ouvida pelo autor e seu amigo, "dois jovens eram unidos pelos doces e sagrados laços do himineu". (LAGÔA, 1881b, ed. 00078 p. 1, c. 4). O pai e a mãe não assistiram à celebração do casamento, não contribuíram com nenhum dote ao casal e também não quiseram vê-los na sua casa.

Azevedo Junior (1882), em **Conversemos**, faz uma retrospectiva do ano anterior. Fala da crise da carne verde, em função da retirada do matadouro para outro local, que deixaria a população da Corte sem o alimento indispensável da culinária. Com ironia, escreve sobre os prejuízos de uma população com essa mudança: "Quem passa também por transe dolorosos são os [...] corvos, eles sentem a nostalgia das podridões que devoravam [...]. É bem de crer que algum corvo já tenha protestado, em discursos vermelhos, contra a mudança do matadouro..." (JUNIOR, A., 1882, ed. 00003 p. 1, c. 1).

À política, faz críticas à Câmara dos Augustos, referindo-se aos "digníssimos Srs. Representantes da nação (chapa mais velha do que Matusalém, continua a trabalhar com afinco... preguiçosamente) [...]" (JUNIOR, A., 1882a, ed. 00003, p. 2, c. 1, 2).

Os primeiros reverberos do dia começavam a vasar-se trêmulos e incertos nos moldes aprimorados da natureza. O astro rei se atufafa radioso para as bandas do levante, e uma imensidade de glóbulos dourados tremeluziam-lhe o mais esplendoroso concerto (OLNNAK, 1882, ed. 00011, p. 1, c. 1).

O recorte anterior é o pano de fundo do texto de Olnnak (1882) em **O dia 2 de fevereiro entre nós**. Para escrever sobre o amanhecer no dia em homenagem a São Sebastião e à devoção, o folhetinista retrata com poesia e lirismo a natureza a partir do nascer do dia para, posteriormente, falar do toque da alvorada, saudando com festejos o padroeiro da cidade.

Zé da Silva (1882) escreve sobre a preparação para as festas carnavalescas na cidade de Cataguases. Registra os detalhes, desde a ornamentação das ruas, os carros alegóricos, as fantasias até o momento dos desfiles. Transcreve-se o que o autor comenta sobre o carro alegórico com a temática da educação:

[...] Bem preparado e vistoso era este carro que representava o edifício da Instrução Pública de portas fechadas onde se lia em letras gordas a palavra *Suprimida?!!* Grande número de meninos trazendo as mãos cheias de bilhetes de loteria estavam aglomerados em torno do edifício com os pontos de interrogação e admiração a *terrível* palavra, que lhes facilitou os meios de abraçarem a profissão que então exerciam. Vendiam bilhetes de loteria!!! (SILVA, Z., 1882, ed. 00021 p. 1, c. 4).

Bacuráu (1882), um estudante de férias, se propõe a escrever sobre fatos da política. Dá título ao folhetim de **Palestra política II**. Segundo o autor, palestra política não pode sair do terreno da discussão como a chuva, que teve influência direta nos últimos acontecimentos na política. Utilizando-se de metáforas, escreve o folhetinista: "Ela, depois de mil diabruras, e com o seu cortejo de devastações, foi-se fria, deixando lágrimas a deslizarem-se pelas faces enegrecidas de nossas casas [...]" (BACURÁU, 1882, ed. 00023, p.1, c. 1). Esse trecho reporta a uma crítica ao barão da Leopoldina por ter recebido um não do ministro Martinho Campos¹⁷ em

¹⁷ Martinho Álvares da Silva Campos. Deputado Geral por Minas Gerais/Ministro da Fazenda/Presidente do Conselho de Ministros/Senador do Império por Minas Gerais. Fonte: VEIGA, José Pedro Xavier. **Efemérides Mineiras 1664-1897**. Introdução, 1998, p. 297.

relação ao Banco de Crédito Real, assunto tratado também em uma crônica nos seguintes termos: “O Sr. Barão da Leopoldina¹⁸, depois de uma reconstituente gemada, empertigou-se e perguntou ao Sr Martinho Campos pelo Grande Banco de Crédito Real. O nobre ministro de *Cebolas* ainda não lhe respondeu, porque está se curando de uma célebre constipação [...] (BACURÁU, 1882, ed. 00023, p.1, c. 2).

O folhetim comprova a convergência entre a Literatura e o Jornalismo do oitocentos. Transporta a prosa poética como uma de suas características principais. Em **O Leopoldinense**, o folhetim lidera as divulgações entre os gêneros literários durante o período estudado com setenta e duas publicações. Os autores, identificados por pseudônimos, expressam sentimentos diversos no tratamento dos temas relacionados aos dramas da vida, com enfoque na figura da mulher e sua fragilidade, obediência e resignação por meio do romance-folhetim. Divulgam notícias descritas em forma de melodramas por intermédio dos *fait-divers*. O folhetim sentimental é presença em todas as produções com minúcias nos detalhes com poesia e lirismo.

3.2 AS CRÔNICAS DO DIA A DIA

Na antiguidade, o vocábulo crônica designava uma lista ou rol de ocorrências distribuídos segundo o curso do tempo, em uma sequencia cronológica. Registrava os eventos sem qualquer aprofundamento das causas e interpretações. Nessa acepção, atinge seu ponto alto depois do século XII, quando passa a estreitar laços com a história, ostentando traços de ficção literária. Só no Renascimento é que o termo cede lugar à história. Ao longo do século XVI, cabe notar, o vocábulo continua a ser utilizado no sentido histórico (MOISÉS, 1983).

A palavra crônica tem significado tradicional originário da etimologia grega *khronos*, que significa tempo, sendo a exposição dos acontecimentos de forma cronológica. Antonio de Moraes da Silva (1789)¹⁹ ratifica essa definição no seu

¹⁸ Dr. José de Rezende Monteiro, o Barão de Leopoldina. Era um dos mais considerados e esclarecidos agricultores mineiros, chefe político prestigiado na Zona da Mata. Em 1881 foi o Barão da Leopoldina eleito deputado à Assembléia Geral pelo antigo 9º distrito eleitoral de Minas, mandato que durou até maio de 1888. VEIGA, José Pedro Xavier. **Efemérides Mineiras 1664-1897**. Introdução, 1998, p.488.

¹⁹ Antonio de Moraes da Silva. Filólogo brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, autor de *O Dicionário da língua portuguesa*, o primeiro elaborado por um brasileiro e, contendo a definição de cerca de 180.000 palavras e expressões, o maior de sua época. Para estudar direito foi para Coimbra (1774)

dicionário de lexicografia portuguesa no século XIX, definindo o termo como história escrita conforme a cronologia temporal, isto é, o tempo é a referência principal do texto. Frei Domingos Vieira²⁰ vai um pouco além:

Crônica - Anais pela ordem dos tempos, por oposição à história em que os fatos são estudados nas suas causas e suas consequências - Atualmente, nos jornais, parte em que se contam os principais acontecimentos e se reproduzem os boatos numa terra: crônica política, a parte do jornal em que se referem as novas políticas (VIEIRA apud COUTINHO, 1971, p. 108).

Os requisitos essenciais da crônica são, além da efemeridade, a "ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário, temas do cotidiano e ausência de transcendente" (MOISÉS, 1983, p. 257). O periódico **O Leopoldinense**, para suas comunicações, garimpava ora a excentricidade, ora o insignificante do cotidiano das pessoas, das coisas e dos fatos, visando focalizar a particularidade de um todo.

O autor do texto pode escrever para o jornal ou escrever para publicar no jornal e para ambos os objetivos. As reportagens, o editorial e todas as outras notícias são textos destinados ao jornal e cumprem a missão de informar; já os textos escritos para o jornal passam a cada dia a ser substituídos por outros e, provavelmente, são esquecidos (MOISÉS, 1983), daí a necessidade, talvez, da publicação dos textos literários em partes, convidando a continuidade da leitura.

A crônica é portadora de uma certa ambiguidade, de onde se extrai distorções e atributos, "move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida no jornal ou revista" (MOISÉS, 1983, p. 247). É diferente da matéria substancialmente jornalística, naquilo em que, apesar de se alimentar da cotidianidade, não é tão somente informativa, porque o cronista pretende, como o

mas teve de fugir para a Inglaterra, após ser denunciado à Inquisição por negar os fundamentos da religião católica. Trabalhando como secretário do embaixador português, iniciou estudos de literatura e participou da tradução para o inglês da *História de Portugal*, publicada em três volumes (1788). Paralelamente desenvolveu as anotações e os estudos para a realização do *seu dicionário*, cuja primeira edição foi publicada pelos livreiros Borel & Companhia (1789). MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (UNESP-Araraquara). Disponível em:

<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AntoMSil.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

²⁰ Frei Domingos Vieira. Viveu num convento da Graça, em Lisboa, onde exerceu vários cargos, vindo a falecer, provavelmente, por volta de 1.854. Vieira se tornou conhecido pelo seu dicionário da língua portuguesa, obra que foi publicada postumamente em 1871, denominada Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308876690_104.murakawa_clotilde.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

poeta ou o ficcionista, desentranhar fatos e porções imanentes de seu imaginário para desvelar tramas do cotidiano.

Ainda hoje, apesar das inúmeras pesquisas e publicações, muito se discute sobre a condição da crônica enquanto gênero textual. Luiz Carlos Simon (2011), por exemplo, desenvolveu durante dez anos uma pesquisa sobre o gênero, organizando algumas reflexões sobre a relação entre ela e o jornal, ratificando que o seu estudo como texto literário, em qualquer ensaio sobre o assunto, vai ao encontro da polêmica criada pelo seu veículo condutor que é o jornal.

Para ele, por terem sido as crônicas inicialmente publicadas em jornais, os críticos literários não as privaram de um estatuto artístico, mas o seu percurso conduz estudiosos a recordações inevitáveis dessa conexão, situando-a em um espaço intermediário, caracterizando-a com diferenciação. Esse cuidado é importante, uma vez que os cronistas e as empresas jornalísticas desenvolvem uma relação pormenorizada, compreendendo contratos, cláusulas e prazos (SIMON, 2011).

Sobre a diferença do texto jornalístico e a crônica, chama a atenção de que nesta os textos são mais curtos, se comparados a contos e romances, e o tempo é reduzido para se escrevê-los e encaminhá-los para publicação. Um ponto importante a ressaltar é que existe uma diferença entre o conjunto de textos publicados em uma edição do jornal, se confrontados com o que se considera literatura, cujas diferenças podem ser observadas na ambivalência da crônica, diferente das notícias jornalísticas normais. No entanto, ela está arraigada naquilo que impulsiona as notícias da imprensa, ou seja, o cotidiano. Para o autor, é importante também considerar a variedade de textos que recebem tal denominação:

Crônicas policiais, políticas e esportivas são expressões comuns e constam nos jornais, entretanto, suas afinidades com a qualificação literária são mínimas, exigindo ainda distinções mais apuradas. [...] mesmo nas crônicas em que se identifica com maior nitidez o vínculo com a literatura, algumas divergências são evidentes: há crônicas que são narrativas, estruturalmente semelhantes ou idênticas a contos; há outras que são comentários, com ou sem teor lírico; e há ainda aquelas que mesclam esses procedimentos (SIMON, 2011, p. 24).

O que Carlos Simon afirma pode ser observado nas crônicas publicadas no jornal **O Leopoldinense**, envolvendo uma mistura narrativa, ora conto, ora comentários e, em sua maioria, com teor lírico. Entre os anos de 1881 e 1882, no

espaço dedicado à crônica, publicou-se 18 textos intitulados **Carta da Corte**. Escritos na cidade do Rio de Janeiro, os assuntos tratados eram variados dentro de um único texto em forma de comentários como, por exemplo, para falar do tempo, da morte e dos religiosos, respectivamente: "Como as mulheres o tempo mostra-se inconstante" [...] "sucumbiu o denodado trabalhador" [...] "deixarão o corpo em casa, e irão somente com as almas para um seminário maior (J. A., 1882, ed. 00033. p. 1, c. 2).

Usa a figura de linguagem para tratar dos assuntos cotidianos, principalmente em matérias envolvendo críticas à política e às questões sociais, por exemplo, divertimentos, tragédias, religião, saúde, obituários e outros.

Uma publicação do autor J. A. (1882) compara a inconstância do tempo – ora sol, ora chuva – às mulheres e a um certo deputado que, ora é opositor, ora é governista, como um ministro de estado, referindo-se à sua atuação e à sua possível queda:

Como o tempo, anda a canoa de 21 de janeiro a adornar de bombordo a estibordo, sem saber se endireita, se vai ao fundo. O estado do digno doente inspira cuidado. Se a maioria da câmara não lhe der algum remédio eficaz, como por exemplo, um xarope de moção de confiança, marca legítima, creio que ao escrever a outra crônica, atirarei sobre os leitores a seguinte bomba: O ministério morreu! (J. A., 1882a, ed. 00033, p.1, c.1)..

Além da crítica a um ministro, o texto apresenta um comentário mesclado de ironia com o uso de palavras em sentidos contrários que se quer dar a entender. Em outro recorte dessa mesma crônica, pode-se observar outro comentário recheado de teor lírico quando o autor anuncia o nascer de um novo dia:

Ainda não há dois dias, que a chuva inundava esta Veneza de S. Sebastião, e já hoje tivemos a felicidade de cumprimentar ao nosso amigo sol, que lá de cima fazia-nos barretadas, que produzem no nosso corpo o efeito de um suadouro (J. A., 1882b, ed. 00033, p.1, c. 2).

Textos carregados de leveza, informalidade e irreverência que transporta a prosa poética como uma de suas marcas, que se acredita ter sido provocante e instigante para os leitores da época e muito podem contribuir para os pesquisadores da contemporaneidade.

Retomando a discussão sobre a relação da crônica com o jornal, de acordo com as reflexões de Carlos Simon (2011, p. 24), o crítico literário Antonio

Candido(1992) sinaliza que "não se deve menosprezar o nó entre o texto e seu veículo". Ele afirma ainda que a crônica não nasceu para o livro, que é uma publicação passageira como o jornal e que pode ser lida hoje e no dia seguinte descartada: "não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha" (CANDIDO, 1992, p.14).

Essa concepção enfatiza o reconhecimento das características do jornal pelos cronistas, complementando Carlos Simon (2011, p. 26) que "o que equivale que a transitoriedade do veículo seria incorporada pela própria crônica, revelando, portanto, o que deve ser considerado uma ausência de pretensões no gênero".

Entende-se, nesse sentido, que o autor que se dispõe a publicar crônica em jornal, com a intenção de dar visibilidade às suas produções literárias, deve estar ciente de que o leitor não compra o jornal somente por ela, mas que essa aquisição não deixa de ser um mecanismo para difusão de suas obras.

Os profissionais que se manifestam sobre as relações entre a crônica e o jornal emitem uma ideia de que elas não são construídas por meio de afinidades. Um deles, citados por Simon (2011), Davi Arrigucci Jr., literato, faz a seguinte advertência sobre as divergências: "À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com este um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa" (ARRIGUCCI, apud SIMON, 2011, p. 26). Outro autor também citado por Simon (2011) que trata dessas relações o faz pelo viés jornalístico: Marcelo Coelho, jornalista e professor universitário diz que "[...] a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia" (COELHO, apud SIMON, 2011, p. 26).

O que se observa nesse estudo é que a crônica e o jornal, a partir de um determinado tempo de convivência, passam a ter um relacionamento pouco amistoso, quando cronistas procuram outros espaços para publicação de seus textos literários, usando como uma das alternativas o livro.

Segundo Afrânio Coutinho (1986), o jornalismo se proliferou no Brasil sob a atmosfera do romantismo contribuindo para que o lirismo predominasse nas crônicas, que tinha um dos seus principais objetivos, o entretenimento. Cronistas literários e poetas se confundiam, com as particularidades de poesias narrativas apresentarem ares de crônicas (COUTINHO, 1971). Um exemplo de crônica em

verso, sem identificação de autoria, publicada na rubrica de folhetim, em **O Leopoldinense**. Poema simples composto de treze estrofes de oito versos que ora se transcreve, a primeira e a quarta estrofes.

É tempo! venha a alegria
 Matar este nosso *spleen*!
 Cabriole bem a folia
 É tempo venha a alegria!
 Morre a hipocrisia
 A tristeza tenha fim!
 É tempo venha a alegria!
 Matar este nosso *spleen*!

É hora! os aristocratas
 Veem-se todos ali
 Políticos e democratas
 É hora os aristocratas
 Fazem muitas bravatas
 Ante o povo que ri.
 É hora os aristocratas
 Veem-se todos ali.
 (É TEMPO...,1882, ed. 00014, p. 1, c. 1, 2)

Poemas simples se transcrevem, com humor e ironia, os acontecimentos do carnaval enfatizando que durante os dias de folia devem ser deixadas de lado as diferenças sociais, posições ideológicas e políticas, como também, as convicções religiosas para todos convergirem em um único sentimento, o da alegria.

Outras manifestações dos autores sobre as diversões, em **O Leopoldinense**, são tratadas de formas curiosas nos textos literários escritos para o jornal. Ao final do carnaval de 1882, foi publicada na coluna reservada à crônica, as notícias do carnaval da Corte daquele ano. O texto, carregado de metáforas, ironias e críticas, descreve os blocos dos Zés Pereiras, que saem pelas ruas em despedida do carnaval. Na opinião do autor, a animação é tão grande que a chuva caindo torrencialmente não é capaz de interromper tão acalorado evento: "A chuva que cai não conseguirá arrefecer o entusiasmo dos carnavalescos, simplesmente, porém, constipará a quem estiver de fora apreciando de guarda-chuva aberto [...]" (JUNIOR, J. A., 1882, ed. 00021, p.1, c. 2).

Ao mesmo tempo em que a notícia é positiva e agradável, o cronista coloca uma pincelada de negatividade, criticando aqueles que não entraram no calor da folia e também ironizando as crenças do senso comum, insinuando que a chuva fria pode trazer problemas de gripe. Na descrição dos blocos denominados Tenentes, Democratas e Fenianos, grupos alegóricos do carnaval do Rio de Janeiro da época,

utiliza-se de uma linguagem humorística para tratar da irreverência dos temas, envolvendo críticas desde a mais alta corte ao dogma religioso:

[...] o Zé Povinho viu como se debica a um presidente de conselho e seus colegas no ministério; como se critica o regulamento das amas de leite; o ensino do rosário e do catecismo [...] viu, sentiu e convenceu-se que os seus bons amigos Tenentes, Democratas e Fenianos sabem fazê-lo arrebentar os botões das calças em gargalhadas homericamente populares (J. A.,1882a, ed. 00020 p.1, c. 2).

Em artigo publicado na obra História e imprensa, Ariane P. Ewald et al (2006): **Crônicas folhetinescas: subjetividade, modernidade e circulação da notícia**, as autoras trabalham com outra visão das crônicas publicadas nos periódicos a partir dos meados do século XIX. Descrevem a relação entre o texto produzido, a realidade presente e seu autor, desvelando vínculos de sociabilidade e de intercâmbios sociais, em uma reflexão voltada para as práticas culturais de uma época e o processamento da subjetividade.

Segundo as autoras, a crônica margeava a literatura e pertencia praticamente à historiografia. De origem ligada à Idade Média, cuja preservação da memória por meio de registro oral, era transmitido de forma cantada. O registro dos principais eventos de família de alguns senhores feudais era sistematizado em ordem cronológica, priorizando o que se considerava importante passar para a geração futura, mesmo que fosse corrigindo o passado. Registravam passagens pitorescas da vida cidadina, pequenos episódios trágicos e/ou anedóticos.

Segundo as autoras, a crônica passa a ter caráter literário somente quando incorpora no seu texto situações que envolvem emoções humanas. Com a intenção do autor de trazer presente o passado, a palavra ganha força como instrumento de trabalho, cujas produções eram sustentadas pelas recordações, por observações e expectativas. Assim, ao comentar um fato histórico, eram inseridas as lembranças, as sensações e as emoções.

Os autores das crônicas publicadas no período pesquisado usavam também o pseudônimo, camuflando suas identidades. Vale também ressaltar que os mesmos autores de crônicas também escreviam folhetins, como descrito na tabela a seguir:

TABELA 5 - Nomes e pseudônimos dos cronistas de **O Leopoldinense** no período pesquisado com o número de publicações do gênero crônica

AUTORES	1881	1882	1883	1884	1894	1895	1896	TOTAL
E. BALTHAZAR	2	-	-	-	-	-	-	02
J. A. JUNIOR	-	2	-	-	-	-	-	02
J. A.	-	13	-	-	-	-	-	13
A. GÓES	-	2	-	-	-	-	-	02
AZEVEDO JUNIOR	-	1	-	-	-	-	-	01
SEM IDENTIFICAÇÃO	-	1	-	-	-	-	-	01
RÔMULO CERDA	-	-	-	-	2	-	-	02
A REDAÇÃO	-	-	-	-	-	4	-	04
SEM IDENTIFICAÇÃO	-	1	-	-	-	-	-	01
TOTAL	2	20	-	-	2	4	-	28

Fonte: BN-SOR. **O Leopoldinense** (1881-1896).

Reporta-se o conteúdo e seus autores demonstrados na tabela para conhecimento e análise desse gênero publicado no jornal. Elysio Balthazar (1881) escreve 2 crônicas intituladas **Pirapetinga**, sendo este tão somente o nome de um arraial pertencente à comarca de Leopoldina. Em uma delas, o autor dá início à sua redação apresentando um sumário, mostrando a variedade dos assuntos a serem enfocados no seu texto, cujo pano de fundo é o cotidiano pirapetinguense: "Entra la glória! Companhia Dramática. O Baile [...]" (BALTHAZAR, 1881, ed. 00056 p. 2, c. 3). A estreia de uma companhia de teatro na localidade inspira o cronista a escrever.

Temos cá pela terra uma companhia dramática, dizem (só eles) serem artistas de grande mérito para os quais a arte não tem segredos, desafiam Tabora. Emília das Neves, Vasquez, Furtado e Lucinda, a própria Patti, a heroína do palco italiano, julgo serem capazes de a meter num chinelo... Capiste! (BALTHAZAR, 1881a, ed. 00056, p. 2, c. 4).

Com a chegada desse divertimento, os habitantes da localidade passariam a desfrutar de agradáveis noites, o que traria tranquilidade aos pais de família quanto à epidemia de bailes que, ultimamente, traziam muita irritação aos chefes de família.

A magia dos bailes e as volúpias dos casais apaixonados são descritas pelo autor em uma passagem, quando observava o comportamento de um casal de namorados, que dava a impressão de estarem os dois a voar nos ideais delirantes das mil e uma noites.

[...] no voltear da delirante valsa reclinava a dama negligentemente a formosa cabeça no ombro do gentil cavalheiro, este de quando em vez segredava-lhe ao ouvido [...] não sei, envolvia-a ao mesmo tempo com um desses olhares voluptuosos assim: Como quem quer e não pode. A dama

corava e sorria assim: Como quem pode e não quer (BALTHAZAR, 1881, ed. 00056b, p. 2, c. 4).

O autor exprime uma linguagem textual utilizando do tempo que lhe é concedido, a palavra, com tratamento das informações observadas no cotidiano, oferecendo no pequeno espaço de jornal alimento literário, na intenção de se comunicar com o leitor e de lhe apresentar leituras prazerosas. Ewald et al (2006, p. 244) afirmam que "o coloquialismo da linguagem escrita aproxima o cronista e o leitor pelo tom de oralidade. O relato do circunstancial, por sua vez, caracteriza-se pela captação de um breve instante, mas que ganha significância no quadro geral da crônica".

A crônica transporta uma ideia central – o entretenimento – e possui também a intencionalidade de transformar o cotidiano, o qual descreve em episódios que despertam o interesse dos leitores naquele momento vivido. Em uma edição de março de 1882, o redator faz uma divulgação de uma grande corrida de cavalos para melhoramento da raça cavalar na província mineira com muito entusiasmo, valorizando a produção da região, na seção de crônica (O REDATOR..., 1882, ed. 00021) e, ao mesmo tempo, J. A. Junior (1882), **Da Corte**, faz uma ferrenha crítica, chamando a atenção do leitor para uma briga envolvendo representantes políticos, fato acontecido por meio de discursos com retórica pouco amigável na câmara dos deputados entre um conservador e um liberal, dando a entender que a briga tenha chegado às vias de fato, com trocas de frases nada amistosas e tampouco parlamentares:

Está vendo, leitor, o que fazem aqueles a quem tu confias um diploma? [...] Eles não cuidam dos interesses do município, cuidam simplesmente de ver quem sabe jogar uma cabeçada, ou abrir o ventre a um colega, pondo-lhe as tripas à mostra! A que grau vai descendo o parlamento brasileiro! Uma escola de cabeçadas e navalhadas dentro em breve! (JUNIOR, J. A., 1882a, ed. 00021, p.1, c. 4).

A descrição da ocorrência da festa do sexagésimo aniversário da Imperatriz do Brasil de autoria de J. A. (1882) também exemplifica o talento dos escritores leopoldinenses, com abuso da ironia, como se pode observar no seguinte trecho:

As fortalezas, os vasos de guerra dão a estas horas as salvas de estilo cumprimentando a Imperatriz [...] Arriam-se as bandeiras, que descem triunfantes, e vão esconder-se nas gavetas [...] os monarquistas, quando deitarem-se logo à noite pedirão a Deus que conserve a preciosa saúde da

veneranda princesa, não se esquecendo, porém de pedir pela deles (J. A., 1882, ed. 00022 p. 2, c. 1-3).

Leopoldina foi o último local da visita de D. Pedro II e D. Tereza Cristina, em 30 de abril de 1881, ponto final da longa peregrinação pela província de Minas Gerais. Em 21 de abril, o jornal publica uma matéria em questão na ordem do dia, fazendo comentários sobre a recusa da Câmara Municipal em arcar com as despesas para tal evento. O redator favorável à decisão tomada pelos legisladores afirma que é injusto transgredir as leis fazendo uso de verbas municipais para "empregá-las para fins por mais nobres que sejam alheios ao mesmo orçamento" (A PRÓXIMA ..., 1881, ed. 00028, p.1, c.1).

A descrição desse fato ocupa todo o espaço de uma página do jornal. Em defesa, por um lado das circunstâncias atuais da Câmara e por outro a importância de uma recepção festiva aos dois, é narrado um acontecimento histórico com a presença habitual da ironia.

[...] recepção festiva a Suas Majestades é dos estilos, mas não é indispensável, será um ato de cortesia, mas ninguém sofre com a falta dele. Satisfará a vaidade do imperante, se é que a tem, mas não contribuirá para o progresso local e nem responderá a uma só das suas necessidades (ACOLHEMOS... 1881, ed. 00028, p.1, c.3).

Devido ao poder público municipal não ter envidado esforços para o recebimento do hóspede imperial por ordem de um orçamento curto, a redação do jornal sugere que receber o Imperador oficialmente é uma questão de educação e cavalheirismo e ratifica o posicionamento da câmara com sugestões àqueles que sentem honrados com a presença das personalidades que tomem a obrigação da hospedagem por custa própria. Nos termos do recorte anterior, observa-se uma tendência liberal do autor, preconizando a liberdade individual de externar seu pensamento.

Em uma crônica sem identificação de autoria, para falar da constante chuva na cidade do Rio de Janeiro o cronista usa da retórica com expressões de ironia e eufemismo. "Já não sabemos a quantos dias o sol não nos mostra a sua amável careta, que ilumina esta leal cidade [...] Olha-se para o céu, e um nevoeiro denso, cerrado, encobre-nos o azul límpido da atmosfera [...]" JÁ NÃO..., 1882, ed. 00014, p. 3, c. 4). Na sequência discorre sobre a cidade de Petrópolis, um local agradável de se viver e visitar, dando ênfase à vida simples e à vida requintada, nos termos

seguintes: "Naquele paraíso estão os nossos homens que sentem nas algibeiras do frak uns tantos patacos tilintarem sonoramente". (PETRÓPOLIS..., 1882, ed. 00014, p. 3, c. 4). Voltando a falar do Rio de Janeiro, descreve sobre uma solicitação do Conselheiro Dantas em relação à saúde pública responsabilizando a cada freguesia "livrar a humanidade do lento e penoso ato de morrer".

O ministério do Império identificado na respeitável pessoa do Sr. Rodolpho E. Dantas acaba de reformar a Junta Central de Higiene. Doravante a Junta chamar-se-á <<Baluarte inexpugnável contra todas as moléstias>> [...] Coveiros! tratai de arranjar outro emprego! a morte foi abolida... para quem não esticar a canela (DEIXEMOS..., 1882, ed. 00014, p.3, c. 4).

O texto traz em seu enunciado elementos significativos que desvela o contexto e os acontecimentos cotidianos da época, com críticas às desigualdades sociais, ao poder e o tratamento dado à saúde pública. O uso de recursos de expressão como as figuras de linguagem dá significado, expressividade e amplia o sentido do texto literário tornando-o agradável e fácil de se ler.

É interessante observar nas páginas do periódico, em uma transcrição de uma notícia de repúdio enviada por um correspondente, o discurso do redator do jornal, que se mistura ao discurso do autor, dando a impressão de ser uma única pessoa que escreve: "Para responder à S.Ex. ninguém pode ser mais apto de que um lavrador e fazendeiro, que conhecendo a matéria na prática pudesse vir explicar em poucas palavras, toscas, positivas e filhas da sua situação agrícola" (NA GAZETA..., 1883, ed. 00029, p.1, c.1,2). O próximo parágrafo segue em primeira pessoa:

Ora, eu interpretando os sentimentos de meus colegas lavradores como eu e, o que mais é, possuidores de escravos; venho pedir licença à S.Ex. para ponderar-lhe algumas considerações que S. Ex. não sabe e nem pode saber, porque não está no nosso caso e não conhece o que é a lavoura no Brasil (PARA..., 1883, ed. 00029, p.1. c, 1, 2).

Nesse trecho, a ideia passa a ser conservadora, entendida como uma visão negativa em relação a uma transformação social. Nesse sentido, a identidade informada pode não corresponder à realidade do escritor, não se dispondo aqui de fontes para esclarecimento de tais realidades.

J. A. (1882) escreve também sobre o final do carnaval. Recorda o som barulhento das baterias dos blocos Zés Pereiras, as altas gargalhadas ouvidas dos foliões, os casais que dançavam o ritmo doce das valsas, os foliões que beberam e

aproveitaram durante os três dias de folia. No final, descreve a quarta-feira de cinzas quando os beatos, com orações, vão pedir a Deus pelas almas daqueles que participaram e, ainda, continuam sonhando com os festejos carnavalescos e a entrada da quaresma.

Sem que os carnavalescos o peçam, os beatos tomam amanhã a cruz de cinzas, que o vigário pinta na testa dos fiéis, que escutam respeitosamente estáticos aquelas palavras bíblicas [...] vamos entrar na quaresma, no reinado do bacalhau, das confissões, dos jejuns e *tutti quanti* os leitores quiserem fazer e... comer (J. A., 1882b, ed. 00020, p. 1, c. 4).

J. A. Junior (1882) aborda em uma única crônica vários temas como a conservação da via férrea, uma alteração nas vendas de bilhetes de loterias devido a fraudes, uma seção de votação na Câmara dos Deputados que termina em gritos, agressões, apartes e tinidos da campainha tocada pela presidência da seção. Transcreve-se um trecho sobre o assunto conservação da linha férrea que ligava a estação deste município à do Rio de Janeiro:

Amabilíssimo leitor!

Dou-te os parabéns pelo restabelecimento da saúde da via férrea Pedro II, a qual esteve bastante, seriamente arriscada de morrer de... desmoronamento. Agora podes vir da Leopoldina, tendo a certeza que vens à Corte, e não para o outro mundo (JÚNIOR, J. A.1882b, ed. 00021, p.1, c. 2).

Descrevendo a festa do sexagésimo aniversário da Imperatriz do Brasil, J. A. (1882) utiliza-se da crítica e da ironia e, segundo ele, levado pela curiosidade que é própria das mulheres, acompanha o ritual da comitiva festiva. Observa os carros com a presença de ministros, senadores e deputados da terra e de outros países e conta aos seus leitores: "[...] grandes homens desciam das carruagens com um garbo e certo *chic*, de admirar [...] quase todos são idosos [...] sempre hão de ter um reumatismo, um calo precioso [...]" (J. A., 1882a, ed. 00022, p. 2, c. 2).

Cabe também destacar desse mesmo cronista o texto cujo enunciado é uma interpelação feita pelo Sr. Barão da Leopoldina em relação ao pedido dos fazendeiros de proteção e ajuda para o Banco Real, ao ministro da fazenda, Sr.

Martinho Campos²¹. Segundo J. A. (1882), o Sr. Barão proferiu o discurso com argumentação despreocupada de retórica, sem rodeios para tratar do assunto. Após o pronunciamento, com a expectativa dos presentes, o Sr. Ministro dá o seu parecer, dizendo não estar disposto a proteger tal instituição bancária e sugerindo que os fazendeiros tratem seus negócios com o Banco do Brasil, utilizando-se da seguinte justificativa: "Aquela 'gente' é muito tratável, muito simpática [...], muito bem criada. E até é um banco que não 'esfola' em questões de dinheiro" (J. A., 1882, ed. 00026, p. 1, c. 4).

Quando chega o mês de maio, J. A. (1882) inicia a crônica com uma linguagem poética nos seguintes dizeres: "O mês em que as flores abrem-se aos clarões da alvorada" (J. A., 1882, ed. 00035, p. 2, c. 4). Em seguida, faz críticas às donas de casa que acreditam que os dias são maiores nessa época do ano, sugerindo que elas precisam entender que eles aguentam as constipações, isto é, os resfriados. Para finalizar, o autor relata o aparecimento de notas de vinte reis falsas que circulam na corte, fabricadas por alguém que teve a ideia de tentar fugir da pobreza e acaba fugindo da sociedade. Conclui opinando sobre a qualidade das notas: "muito mal feitas, mal pintadas, assim mesmo a dizer: Eu sou falsa! (J. A., 1882, ed. 00035a, p. 2, c. 4).

Azevedo Junior (1882) escreve da Corte sobre a volta às aulas dos estudantes mineiros que saíram das fazendas para se formarem doutores nas escolas do Rio de Janeiro. O enfoque ressalta o sentimento de deixar a família para a convivência em república estudantil e a não aceitação do modelo de escola vigente. "[...] estudantes que choram, que suspiram, porque hoje reabriram-se as portas das prisões, recomeçando o cativoiro dos livros, os desafios atrevidos [...] a figura sinistra do professor [...] a lousa negra como a tormenta [...]" (JÚNIOR, A., 1882, ed. 00011, p. 3, c. 1).

A. Góes (1882), em **Corte 10 de Arquimedes de 94**, aborda assuntos diversos nessa publicação, mas o objetivo é divulgar a corrupção instalada no país. Inicia com um sumário dos assuntos a serem tratados; em seguida, descreve uma reunião no senado, ocasião em que foi relatada uma fraude no relatório apresentado pelo ministério da fazenda, cujos valores numéricos de duas prestações com as

²¹ Martinho Álvares da Silva Campos. Deputado Geral por Minas Gerais/Ministro da Fazenda/Presidente do Conselho de Ministros/Senador do Império por Minas Gerais. VEIGA, José Pedro Xavier. **Efemérides Mineiras 1664-1897**. Introdução, 1998, p. 297.

mesmas despesas apresentavam diferenças. Discorre sobre a fase de transição por que passam as instituições temporárias e as instituições espirituais e a decadência da política, correlacionando com a decadência das instituições espirituais: "A religião vigente, imposta pelo estado [...], tende a desaparecer pelo indiferentismo como que é tratada [...], porque está destruída pela base, não se acha de acordo com as especulações hodiernas" (GÓES, 1882, ed. 00029, p. 1, c. 3).

Por fim, faz um comentário sobre o resultado de um relatório da escola Politécnica apresentado ao ministro do Império, com acusações ao corpo docente do não cumprimento dos deveres, praticando fraudes, utilizando-se de parcialidade nos exames finais. Os assuntos diversificados de A. Góes (1882) seguem correlacionados ao tema proposto que é a corrupção (GÓES, 1882a, ed. 00029, p. 1, c. 3).

"Semana de festas, matizada de gozos, espargindo sorrisos em todas as almas a semana que se passou. Doces eflúvios, alegrias cristalinas, perfumes, crepitações de desejos de gozos, murmúrios de esperanças que voam, tentações de pecar..." (SEMANA..., 1894, ed. 00018, p. 2, c.1). Este trecho é um recorte de uma Crônica-Bi-Semanal escrita pela redação do jornal, que retrata as alegrias de uma semana de festas e faz uma previsão da semana vindoura, que sem a diversão será marcada pela melancolia, saudade, tristeza, silêncio e aborrecimentos cotidianos e, ainda, a semana seguinte se pautará pelas eleições. "Em vez da música sublime da orquestra, dos tons festivos do sacro bronze dos bailes; [eleições] fecham a semana [...]" (A SEMANA..., 1894a, ed. 00018, p. 2, c. 1).

As crônicas atribuídas à redação são intituladas ora criminal, ora elegante. As criminais relatam notícias de brigas e crimes ocorridos na região, enumerando a ordem dos fatos, não constituindo um texto literário. As elegantes tratam das festas particulares organizadas entre amigos nas suas residências. Esses textos possuem lirismo e características românticas do século XIX: "Um belíssimo grupo de mocinhas, qual ramalhetes de mimosas flores ao qual bando de maviosa passarada, imprimia ao salão [...] uma paisagem olímpica, paisagem de sonho [...]" (COM que..., 1895, ed. 00060, p. 2, c. 2).

Os principais acontecimentos da vida cotidiana e o contexto das duas últimas décadas do oitocentos são transportados por intermédio das notícias veiculadas nesta seção pelas crônicas onde os assuntos são tratados com informalidade, irreverência, ironia e lirismo. Temas diversos retratam o cotidiano do ser humano

individual, social, econômico e político no periódico. O entretenimento e a intencionalidade das crônicas de **O Leopoldinense** evidenciam o estilo de vida de duas províncias no final do oitocentos, a de Minas Gerais e Rio de Janeiro, em episódios de interesses comuns como as diversões, com enfoque nas festas religiosas, no carnaval, nas festas particulares, festas culturais. Na política e na economia, são ressaltados os escândalos da Corte e dos ministérios.

Na próxima seção será focalizado o cotidiano a partir de um pensamento historicamente elaborado pela literatura visitada em o jornal **O Leopoldinense**.

4 ESCRITAS DO COTIDIANO: pessoas e lugares

Para se pensar o cotidiano literário, os exercícios de criações e artes na escrita jornalística e/ou em quaisquer outros espaços de "prática escriturística", (CERTEAU, 1998, p. 224), fez-se necessário um embasamento teórico sobre a história, a invenção e as artes de fazer do cotidiano. Para tal, contribuíram para este estudo, os fundamentos compreendidos a partir da leitura das obras de: Agnes Heller (2014), **O cotidiano e a história** e Michel de Certeau (1998), **A invenção do cotidiano**. As propostas desses autores orientam e norteiam a temática, que é o cotidiano pensado historicamente por meio da escrita literária no jornal **O Leopoldinense**.

Segundo Agnes Heller (2014), o cotidiano e a história conduzem elementos que tornam possível considerar o próprio cotidiano, além do senso comum. Para Michel de Certeau (1998), toda atividade humana pode ser cultura; no entanto, ela, às vezes, pode não ser reconhecida como tal, uma vez que, para haver cultura, é necessário que as práticas sociais possuam significados. Os dois autores citados se assemelham na abordagem das ideias sobre o cotidiano e o não-cotidiano, sendo que o sentido de prática, para Certeau, é a transformação do mundo a partir das ações humanas e, para o juízo de Heller, a prática desses exercícios são atos que dão o significado à existência.

A vida cotidiana, de acordo com Heller, é a de todo ser humano, pois todos estão dentro dela e do homem como um todo. Entretanto, são os indivíduos mais simples os mais importantes criadores e contadores de histórias, que, com pureza e exotismo, por meio dos hábitos e costumes diários, fazem descortinar informações para a construção de uma história fácil e agradável de se contar, na medida em que nela são depositados todos os seus sentidos, como as capacidades intelectuais e manipulativas, as paixões, os sentimentos e as ideologias de uma época.

A estudiosa considera ainda que a vida cotidiana se constitui por meio da vida do homem inteiro, com o envolvimento de todos os aspectos do ser humano particular e do genérico. O indivíduo único diz respeito à vida cotidiana, à linguagem e à particularidade e o genérico remete à humanidade como um todo. Em **O cotidiano e a história** (2014), aborda elementos para se considerar o próprio cotidiano objeto de superação do pensamento, que o distingue entre os dois tipos de sujeitos descritos por ela.

Quando o cotidiano é pensado teoricamente, envolve a descoberta do não-comum no que já foi produzido. Para Heller (2014), a vida cotidiana se constitui e se reproduz no próprio indivíduo e na própria sociedade por meio de artifícios que se caracterizam pela reprodução: a ação do homem sob o objeto, isto é, a objetivação. A vida cotidiana é heterogênea no que diz respeito ao conteúdo, significado ou importância das atividades exercidas pelos indivíduos e também é hierárquica quando se trata da organização do trabalho e composição da vida particular.

A forma real da hierarquia se modifica de acordo com as diferentes estruturas socioeconômicas como, por exemplo, o trabalho que, em tempos remotos, ocupou posição hierárquica dominante. Para os grupos de trabalhadores, como os servos, essa hierarquia foi duradoura, visto que toda a vida cotidiana e outras formas de atividades se formavam em torno da organização do grupo.

A objetivação está presente no cotidiano do senso comum sendo, portanto, a responsável pela criação das condições da vida do homem em uma sociedade com seus valores, hábitos etc. Para Heller (2014), a vida cotidiana é a construção e o desenho do próprio indivíduo e, por conseguinte, da própria sociedade, por meio das objetivações.

Nesse sentido, o cotidiano são as ações rotineiras dos indivíduos no seu dia a dia. A cotidianidade é, teoricamente, a descoberta do incomum do dia a dia reproduzido, cuja essência representa o não-cotidiano. Heller (2014, p. 10) discorre também em seus estudos acerca das relações entre a ética e a vida social: "o sistema dinâmico das categorias da atividade e do pensamento cotidiano". Nessa abordagem, descreve sistematicamente a estrutura da vida comum do homem, esclarecendo que o indivíduo não é capaz de se identificar com a sua atividade humano-genérica a tal ponto que possa se desligar completamente das coisas que o cercam diariamente. A biografia cotidiana do homem é a sua vida completa, imanente em sua individualidade e personalidade.

A substância essencial da sociedade é o homem, capaz de conduzir a própria história, sendo que esta explicita a essência humana. As tramas diárias são desenhadas por meio do homem representado como ser particular e genérico, visto que ele é produto e propagador das suas relações na sociedade. Heller nomeia como partes orgânicas da vida cotidiana o trabalho, o lazer, a vida privada, a organização social, a interação, o intercâmbio por meio dos grupos primários (a

família, a comunidade de origem) e, ainda, a purificação, designada por ela como ética ou moral. Contudo, é importante destacar que existe uma certa hierarquia, que varia conforme as diversas estruturas econômico-sociais são estabelecidas.

Os discursos publicados nas páginas do jornal **O Leopoldinense** refletem um ambiente marcado pela heterogeneidade, com vozes enunciadoras já pertencentes a outros discursos advindos de vozes anteriores, elaborados e reelaborados a partir das motivações particulares, sentimentos e paixões, que são manifestações humano-genéricas, pois, nesse caso, não se pode falar do homem enquanto sujeito solitário, mas em interação e, também, de modo particular, pois da individualidade faz parte a genericidade.

Nesse sentido, a partir das tramas do cotidiano desenhadas pelo homem, o jornal, por meio de manifestações heterogêneas e humano-genéricas do momento vivido, contribui com informações das múltiplas vozes motivadas pelos sentimentos genéricos.

Um artigo de Azevedo Junior (1882), representante da publicação em uma Exposição Industrial Nacional no Ministério da Agricultura, ilustra as relações sociais da época. Aborda os produtos expostos e o orgulho observado nos participantes do evento em presenciar a produção brasileira. Enumera, além disso, os artefatos produzidos pelas fábricas, os trabalhos artesanais e os artísticos. O trecho a seguir descreve uma seção de produtos observada pelo articulista: "[...] além de muitos objetos que fora longo enumerar distingue-se numa mesa um jantar apetitoso, succulento, mas... de cera [...] a canja, salada, sardinhas, castanhas assadas, que não gastou nem fogo, nem temperos" (JUNIOR, A., 1882, ed. 00003, p. 1, c. 1).

Pensar o cotidiano com Michel de Certeau é fazer uma inversão de perspectiva, conduzindo a atenção daquilo que se recebe como produto para inspiração anônima. O autor considera que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não é essencialmente reconhecida como tal, pois, "para que haja cultura, não basta ser autor dos exercícios sociais, é importante que essas práticas tenham significado para quem as realiza" (CERTEAU, 1994, p.142). A prática cotidiana de leitura implica estratégia, fabricação, assimilação e domicílio, isto é, o lugar e a ordem da disposição de elementos.

Para o teórico, é preciso considerar mais de perto essa arte de fazer os fatos da sociedade ou os produtos da cultura, já que, segundo ele, "o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada" e, portanto, não passiva (CERTEAU,

2004, p. 38). Percebe-se nesse princípio uma desordem da oposição entre produção e consumo, na medida em que o leitor passa a ser encarado também como produtor de sentido no ato de ler. Certeau considera a leitura um ato funcional de consumo das ideias.

O autor dá à leitura um significado individual e particular quando considera o leitor um produtor que nasce a partir da leitura de um texto, modificando-o e reapropriando-o. Para apropriação de uma realidade vivida, considerando a voz do povo que, segundo o autor, "não existe voz 'pura' porque ela é sempre determinada por um sistema familiar, social etc. e, codificada por uma recepção" (CERTEAU, 1998, p. 222), escrever é uma prática mítica, e o mito, um discurso fatiado que se pronuncia sobre os métodos heterogêneos da sociedade que as articula de forma simbólica.

Sobre o cotidiano, corroborando com Heller e Certeau, Mary Del Priore (2016), no prefácio de seu livro **Histórias da gente brasileira**, explicita que investigou o cotidiano no passado do povo brasileiro, com o intento de preencher lacunas deixadas por uma história contada por meio de exaltação de grandes acontecimentos e vultos famosos, contribuindo, desse modo, com uma nova forma de escrever a história. Segundo ela, deve-se buscar no dia a dia relatar os fatos na forma verbal de gerúndio, "inventando, produzindo e ganhando", porque, para a autora, é nesse tempo verbal que se passa a vida real (DEL PRIORE, 2016, p. 9).

Por meio da essência do cotidiano, isto é, do não-comum, e a partir da observação, da percepção e do encantamento por pequenos detalhes, encontra-se significativos feitos. Ao observar os menores detalhes de uma obra, de um retrato, de um rabisco, de uma garatuja, de um fragmento de texto e até de uma caricatura, por meio de informações tangíveis, pode-se inventar, construir e produzir histórias da vida cotidiana individual ou coletiva (DEL PRIORE, 2016).

Dar voz às comunidades de outrora em lugares comuns, buscando compreender por meio de pequenos detalhes o fazer e o ser de seus personagens que, em cujas mãos se encontram objetos que também são atores históricos, podem, a partir da sua utilização, facilitar a compreensão da máquina da vida material. Segundo Del Priore, não se pode entender os objetos como simples significado ou uso, mas como

marcados pela intenção de seu criador, e depois de seus detentores, eles são o signo de uma ação. Sua historicidade nos convida a escrevê-los na sucessão da vida coletiva [...] Arrancados de seu silêncio, de sua quietude, eles nos acenam com descobertas imprevisíveis. É a história de nosso cotidiano que se expressa através de artefatos concretos (DEL PRIORE, 2016, p. 10)

Pode-se destacar nas análises dos três autores citados em relação ao cotidiano alguns aspectos que os distinguem: Heller (2014) aborda as práticas exercidas nos percursos dos atos da vida; Certeau (1998) considera o mundo da vida como algo pré-existente, quando as ações do homem, no campo das ideias, transforma o cotidiano; e Del Priore (2016) destaca que a história da vida é produzida quando se observa, inventa e objetiva a realidade.

Quanto ao papel transformador, a partir da ação humana, pode-se perceber sua presença na conceituação dos três autores. Para eles, o homem, por meio de práticas peculiares ou da vivência por inteiro no mundo da vida, exerce ações e as transformam, reconfigurando o cotidiano.

A prática do cotidiano do oitocentos nas narrativas apresentadas pelo jornal em estudo, foi retratada a partir de observações das particularidades e dos matizes utilizados pelos escritores para as construções literárias do período vivido.

Segundo Mikhail Bakhtin (1997), a comunicação só acontece por meio de gêneros do discurso. A língua é, portanto, utilizada sob a forma de enunciados em todas as esferas da atividade humana, que refletem suas especificidades e finalidades, principalmente por sua construção composicional. O tom irônico e sarcástico no contexto de um enunciado com entonação expressiva é um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do autor com o objeto de seu discurso.

A entonação, condutora da marca individual de quem produz um discurso escrito, é registrada no tom deixado pelos homens das letras por meio das páginas de **O Leopoldinense**. Na descrição de fatos acontecidos em uma festa religiosa, Chantilly (1881), em **Devaneios**, afirma que

a lua, a desmaiada e límpida Diana [...] alumiava com sua tibia a quieta e pacífica freguezia [...] Era um dia de festa. Não se festejava, porém o LIX ano da nossa independência; era simplesmente [...] um festejo religioso. Nesse dia [...] a flor da rapaziada [...] deixou os seus modos sisudos e pacatos, para atirar-se aos prazeres de Momo e de Baccho, deixando esquecidos os domínios de Morpheu; estavam dispostos os rapazes, e se muitos foguetes e pistolões queimaram, mas beberam (não os fogos, alcool: têm bom gosto! (CHANTILLY, 1881, ed. 00069, p. 1, c.1).

A produção de um texto é precedida de outros atos de criação, já que é partindo de velhos conceitos que se têm a posse de novos. Quem produz não é o primeiro que rompe com o silêncio do mundo (BAKHTIN, 1997). Nesse sentido, pode-se afirmar que é a partir dos acontecimentos anteriores que advém o ato criativo de uma produção, quando há uma combinação de velhos precedentes.

Em se tratando do pragmatismo, outra característica que facilita a reprodução dos seres humanos, destaca-se o seguinte: o autor trabalha com o texto sob o ponto de vista pragmático e, por serem as práticas de seus personagens ausentes de teorias explicativas, ele se baseia apenas no pensamento empírico, sem fundamentos teóricos que possam confirmar sua prática. A prática que se reproduz com constância em um texto do senso comum passa a ser considerada correta e verdadeira quando é reproduzida com frequência (BAKHTIN, 1997) Uma amostra da edição 00011 de **O Leopoldinense** ilustra o sentido pragmático de algumas publicações:

[...] - eis o que são as mulheres, objetos de todas as aspirações da alma, sonho de todas as glórias, causa única de todos os grandes esforços do homem. [...] apresse-te enquanto é tempo. - A felicidade é uma coisa que custa-nos tanto a vir as mãos, que, logo que podemos, que está em nós gozá-la, devemos fazê-lo, como se ela estivesse para partir em continente (J. L., 1883, ed. 00011 p.1, c. 3, 4).

Esse fragmento é de um texto publicado no periódico, cujo objeto é uma orientação a um amigo sobre a felicidade. O autor o aconselha a se casar e a aceitar o amor enquanto ele persiste. Enleva as mulheres valorizando-as e conceitua a felicidade usando todo o seu conhecimento e empiria cotidiana. Nesse trecho também estão os juízos provisórios, aqueles pensamentos empíricos baseados na experiência cotidiana individual e social, confirmados como verdadeiros por meio da prática e do senso comum.

O jornal **O Leopoldinense** adequa os gêneros do discurso de acordo com as situações comunicativas, como, por exemplo, na expressão Amabilíssimo leitor!, utilizada para elogiar e criticar, ao mesmo tempo. Discorrendo sobre o restabelecimento de uma via férrea, o autor utiliza a palavra nesse sentido, tornando-a um enunciado com significado concreto, que é o seu conteúdo: "Amabilíssimo leitor! Dou-te os parabéns pelo restabelecimento da saúde da via

férrea Pedro II, a qual esteve bastante e seriamente arriscada de morrer de... desmoronamento" (JUNIOR, J. A., 1882c, ed. 00021, p. 2, c. 1).

Compreendendo o enunciado, de acordo com os estudos bakhtinianos, como uma unidade discursiva estritamente social, provocadora de atitude responsiva pelo sujeito que escreve, supõe-se que todo e qualquer enunciado é produzido para alguém com uma intenção comunicativa pré-definida (BAKHTIN, 1997).

No texto a seguir, intitulado **De máscara na cara**, exibido no periódico em 11 de fevereiro de 1883, observa-se o reflexo do enunciado por meio do conteúdo e estilo da comunicação, considerando-se primeiramente a vida cotidiana e, posteriormente, a forma individual da escrita, o vocabulário e a composição frasal e gramatical.

Se todos pagar viessem!...
 ... Serviço profuso e vario
 Sandwiches, licor, croquetes
 Balas d'estalo, sorvetes.
 Empadas e pão-de-ló!...
 ...Era tudo oferecido
 Aos ilustres assinantes,
 Por pagens encasacados
 com luvas d'um botão só!
 (DE MÁSCARA..., 1883, ed. 00007, p. 3, c. 2).

O pequeno texto versificado²² refere-se à cobrança das assinaturas do periódico dos assinantes em débito com a empresa jornalística, assunto frequentemente encontrado nas edições do jornal, com variações apenas do gênero do discurso, ora poema, ora aviso, requerendo, assim, uma "atitude responsiva ativa" (BAKHTIN, 1997, p. 291) por parte dos receptores da mensagem. Estabelece, desse modo, um diálogo comunicativo entre a redação do jornal e seus leitores, pois na relação entre o sujeito e o mundo se cria a possibilidade do diálogo e na perspectiva deste, o movimento de ida e vinda, de modificação recíproca.

O diálogo, na concepção bakhtiniana, não se limita apenas à comunicação entre pessoas colocadas face a face, mas abrange todo o processo de comunicação verbal e não verbal. O discurso é pensado como um espaço marcado pela heterogeneidade de várias vozes, vindas de outros discursos: o de um interlocutor

²² Carlos Drumond de Andrade, sempre inventivo, cunhou o termo versiprosa para nomear a duplicidade incômoda da crônica em versos, ou seja, "crônicas que transferem para o verso comentários e divagações da prosa. Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser". MOISÉS, Massaud, **A criação literária**. São Paulo: Editora, 1983.

posto em cena pelo enunciador ou o do enunciador, que se coloca em cena como um outro. Nesse sentido, o sujeito traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado e compreendido diferentemente.

A linguagem está sempre em movimento, sempre inacabada, susceptível de renovação pela dependência da compreensão que ocorre no diálogo, no qual se constitui a singularidade, pelo fato de a intersubjetividade ser anterior à subjetividade e de a relação entre interlocutores ser responsável pela construção de sujeitos produtores de sentidos.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz; o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* [...] (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Pensar a leitura a partir dos pressupostos teóricos bakhtinianos é tomá-la como uma prática social, em que autor e leitor se inter-relacionam em uma situação de enunciação. O leitor, ao tomar parte do discurso, assume uma posição ativa e ajustável ao concordar ou não com o enunciado do escritor. Para Bakhtin (1997), toda compreensão de um enunciado é de natureza ativamente ajustável (mesmo quando o outro se cala) e carregada de resposta. Nesse momento, o ouvinte, ou leitor, torna-se falante.

A compreensão passiva é apenas um momento abstrato no qual o indivíduo se prepara para uma resposta ao enunciado ouvido ou lido, que pode vir imediatamente à ação ou permanecer como uma compreensão responsiva silenciosa, o que Bakhtin (1997) denomina compreensão responsiva de efeito retardado: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 1997, p. 291).

O que não é de se estranhar é a quantidade de anúncios com tais variedades estilísticas em **O Leopoldinense**, cujo conteúdo, estilo e construção dos enunciados, aparentemente não planejados, têm a capacidade de determinar como produto o resultado do que se escreve, como um anúncio sobre a falta d'água:

O Bairro das Tabocas é a 'menina dos olhos' da câmara municipal. Depois de dar alinhamento à sua única rua mandou inundá-la d'água fresca e cristalina. O caminho tem 0,50 metros de largura. Nesse espaço fica o rego profundo onde escoam-se o aquoso alimento! Os peixinhos brincam à tona d'água como as crianças por volta da noite a porta da igreja do Rosário. Os transeuntes noturnos falseiam o passo e esmagam a cabeça dos prateados lambaris [...] (FALTA..., 1883, ed. 00023, p.1, c.3).

O autor do anúncio mistura a definição do vocábulo rua, de Raphael Bluteau (1728, p. 390), como o espaço em que correm coisas líquidas, como água da chuva, das fontes que nela escoam e indivíduos que nela transitam, para denunciar a falta d'água em um bairro.

Na observação bakhtiniana, o estilo é um "epifenômeno"²³ do enunciado, ou seja, não se planeja escrever com determinado estilo, este acaba sendo um produto acidental (BAKHTIN, 1997, p. 284).

Elysio Balthazar (1881) em **O Leopoldinense** envia uma carta ao amigo J. Lagôa, folhetinista, pedindo-lhe para tecer considerações sobre **A noiva adúltera**, um dos seus escritos, obtendo a seguinte resposta:

Caro Balthazar - recebi sua Noiva Adúltera e sobre cujo escrito pediu-me um juízo crítico. Bateste à má porta [...] porque não sendo o meu nome conhecido na república das letras, o meu julgamento de nada pode te servir, nem tão pouco influir em qualquer forma sua produção [...] Começo pelo título do teu romancinho [...] Este nome não lhe cabe. Poderá existir noiva adúltera? [...] entendo eu que pode porque noiva não quer dizer a mulher que só está para casar, noiva é ainda a mulher depois de casada e durante o noivado, ora, é verdade que a mulher que está para casar não pode ser adúltera, porque adúltera é somente a mulher que viola a fé conjugal, mas, também entendo que depois de celebrado o casamento a noiva pode cometer o adultério e, por conseguinte pode existir - noiva adúltera. (BALTHAZAR, 1881, ed. 00034, p.1, c. 2).

Seguindo a observação bakhtiniana, o estilo desse texto é um epifenômeno, isto é, um produto acidental e complementar, cuja análise gira em torno apenas do título do romance, sem atender àquilo que lhe foi solicitado.

Finalizando as análises sobre a vida cotidiana e a heterogeneidade nos discursos dos gêneros textuais em **O Leopoldinense**, parte-se para uma conceituação do vocábulo rua seguida de discussão sobre os assuntos da vida cotidiana revelados nas páginas do jornal em tela.

²³ No sentido geral, é um fenômeno secundário que não afeta a existência do fenômeno principal. DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

4.1 O ESPAÇO DAS RUAS IMPRESSAS

De acordo com o **Vocabulo portuguez & latino**, de Raphael Bluteau (1728, p. 390), o vocábulo rua representa o espaço entre casas nas cidades, vilas e aldeias, nos jardins entre os renques de árvores e entre canteiros para passagem de gente. Sua origem provém do francês *rue*, que nasce do verbo grego *ruo*, ou *reo*, o mesmo que *fluo* em latim. Em português, é *corro* (falando em coisas líquidas), em que corre a água da chuva, dos poços e fontes que derramam pelas ruas. Significa também os indivíduos que correm pelas ruas, formando uma corrente de pessoas em busca dos negócios.

Antonio de Moraes da Silva (1789, p. 647) reformou e acrescentou vocábulos ao **Dicionário da lingua portugueza**. Na sua definição, acrescenta "estrada para chegar ao muro inimigo coberto das baterias dos cercados, renque, correnteza de casas e árvores". Já no **Dicionário da lingua brasileira**, Luiz Maria da Silva Pinto (1832, p. 119) a define como espaço descoberto entre as casas nas cidades por onde as pessoas transitam e entre as fileiras das árvores nos quintais e jardins.

João do Rio (1951, p. 2), em seu livro **A alma encantadora das ruas**, define tal palavra como

[...] um fator de vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdã, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é agasalhadora de misérias. [...] A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. [...] A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia a ela. A rua é transformadora da língua. [...] A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem estar, comodidade e até impressões selvagens. [...] A rua nasce como o homem, de um soluço, de um espasmo [...]. (RIO, 1951, p.2).

Esta seção, desse modo, versa sobre a temática do espaço e das personagens comuns e desconhecidas que aparecem nos folhetins e nas crônicas. Espaço que, aparentemente simples, é carregado de simbologia e complexidade quando retratado pelos homens das letras leopoldinense, contribuindo para a história local e a literatura.

Para conceituar espaço, busca-se apoio em Eloisa Pereira Barroso (2012, p.1), em um artigo que identifica as crônicas de João do Rio (1951) como importante fonte de captação do dinamismo da vida urbana e todos os sentidos que são atribuídos à cidade, criando uma "cidade texto". Ela explicita que, no início do século

XX, a literatura brasileira se caracteriza por um sentimento no qual insurgem escritores que marcam a linguagem da ficção no Brasil. Por não ter a literatura compromisso com o real, ela "subverte a ordem instituída, espreita e revela o fetiche vigente na vida urbana [...]" (BARROSO, 2012, p.1).

A construção da história passa pela compreensão do sentido do fazer do homem e da sua inclusão no processo histórico. Nesse sentido, a interdisciplinaridade da literatura com a história conduz a uma possibilidade de compreensão dos experimentos vividos no cotidiano, pois a arte e os saberes são dinâmicos e transformados ao longo da vida, admitindo, por isso, características próprias de um momento histórico. A literatura, interagindo com o discurso histórico, dá condições ao pesquisador para compreender como os habitantes de uma localidade, cidade ou rua constroem suas vidas e projetam suas experiências e aspirações no espaço que ocupam.

As expressões em cima, embaixo, à direita e no alto exprimem regiões sociais convencionais e locais. Em **O Leopoldinense**, para identificação de uma rua, Tableau (1881), na coluna de noticiários, faz referência às mulheres prostitutas que saem à noite à procura de homens. O autor do texto se utiliza de recursos como "[...] anteontem às 9 h da noite... descia... pela rua Direita, mui pensativa, uma Camelia da rua de baixo" (TABLEAU, 1881, ed. 00034, p. 2, c. 4). A rua direita é designação real de uma rua central da cidade de Leopoldina, mas a denominação de rua de baixo tem o sentido de gradação ou hierarquia de extratos da camada social da época, o que, na contemporaneidade, é demarcado espacial e socialmente quando se quer falar sobre o centro e a periferia.

Uma rua definida em dicionário como "estrada para chegar ao muro inimigo [...]" (SILVA, A. 1789, p. 647) remete a crises, conflitos, guerras e contradições presentes na vida cotidiana urbana. Em **O Leopoldinense**, os textos tecem uma imagem da cidade e de suas ruas, mostrando a realidade social na expressão cultural das pessoas comuns e as experiências da vida, situando o tempo histórico a partir da valorização do cotidiano.

A realidade social vivida naquela época pode ser percebida em pequenos anúncios como "A Câmara Municipal vai mandar intimar os habitantes da rua Municipal para não deixar correr as águas para a rua"; "[...] por falta de casas para alugar e por não poderem pagar as multas a que ficaram sujeitos, ver-se-ão os moradores daquela rua obrigados a emigrarem para Cataguases" (DIZIA-ME...,

1882, ed. 00019, p. 3, c. 3) ou, ainda, em um texto da seção livre do jornal, quando o representante da igreja reivindica o direito de nomear representantes para a comissão de recepção de Suas Majestades Imperiais. "Que a irmandade do Santíssimo Sacramento nomeie, dentre os seus, ou de pessoas estranhas, uma comissão que a represente na recepção de Suas Majestades Imperiais [...]" (TEIXEIRA, 1881, ed. 00028, p. 3, c. 2).

Os sons, os ares e os cheiros vindo das ruas, bem como os instrumentos de trabalho, as festas, os hábitos e os costumes da vida diária dos indivíduos, são os elementos condutores de memórias, informativos registrados nas páginas de **O Leopoldinense**.

Buscar informações de outrora pode descortinar diante de olhares histórias agradáveis de se ouvir, ler, contar e reproduzir: é, pode-se dizer, uma objetivação, cuja intenção é a apropriação de instrumentos presentes no cotidiano do senso comum para transformá-los e/ ou reproduzi-los em novos conhecimentos ao longo do tempo.

4.2 GENTE COMUM NO FINAL DO OITOCENTOS: o tempo e as pessoas

As relações sociais, o estilo de vida e o modo de sobrevivência, de lazer e diversão podem ser observados nas páginas do jornal ora analisado. Os textos jornalísticos produzidos focalizam personagens comuns que circulam no cotidiano, informando, consumindo, instruindo e se divertindo.

As características da vida cotidiana são representadas por um conjunto de atividades que permitem a reprodução do indivíduo, com referências às suas particularidades humanas. Nesse sentido, essas características expressam a forma de sobrevivência em uma sociedade heterogênea e hierárquica. Mary Del Priore (2016) contribui para essa investigação com a obra **Histórias da gente brasileira**, quando reconta a história em uma perspectiva da simplicidade da vida cotidiana e dá visibilidade aos anônimos que construíram nosso país.

Nas páginas de **O Leopoldinense**, tem-se a oportunidade de resgatar historicamente o processo das práticas cotidianas envolvendo escravos nos primórdios da história do município de Leopoldina, a partir de episódios vividos pela população da referida localidade. Os anúncios de escravos fugidos e de escravos à

venda reproduzem essa história em uma perspectiva reveladora a respeito do tratamento dado ao ser humano:

Fugiu da fazenda [...], o escravo [...], pardo de 45 anos presumíveis, alguns cabelos brancos, andar vagaroso, cheio de corpo; tem nos sobr'olhos um sinal quase imperceptível, produzido por um coice que há tempo levara. Levou roupa algum tanto fina, e chapéu do Chile (aba larga) (ESCRAVOS..., 1881, ed. 00034, p. 3, c. 3).

E, ainda, no anúncio de outro proprietário de fazenda:

[...] mulato, magro, baixo, nariz afinado, bons dentes, cabelo anelado [...] de pernas cambotas, os dedos grandes de ambos os pés para fora e quando anda as juntas dos pés estalam [...] Tem na perna direita três feridas, onde duas estão quase sãs e uma no tornozelo aberta. Fala um pouco atrapalhado e ligeiro. A idade regula vinte e tantos anos e também fugiu com chapéu de couro (ESCRAVOS..., 1881a, ed. 00034, p. 3, c. 3).

As características dos escravos fugidos descritas nos anúncios publicados podem ser percebidas em sentido pejorativo, uma vez que esses seres humanos são tratados como coisas, com depreciação ou diminuição do ser, ao contrário da divulgação de escravos para venda. Nessas publicações, os escravos passam a ser pessoas recebendo elogios poéticos ao referenciar as características físicas para a concretização da venda e a obtenção de lucro, como se pode observar no seguinte fragmento: "[...] escravos de ambos os sexos, bonitas figuras, os quais vende por preços mui conveniente ao comprador" (ESCRAVOS..., 1881a, ed. 00034, p. 3, c. 4).

Na cidade de Leopoldina, a praça do Rosário foi o local de lançamento da pedra fundamental da cidade. Nela se ligavam três ruas: a rua Direita, hoje Gabriel Magalhães; a rua do Rosário, hoje rua Tiradentes; a rua Riachuelo, hoje Joaquim Ferreira Brito, que segue para o cemitério novo (RODRIGUES; CANTONI, 2004).

Em **O Leopoldinense** são descritos, além dos acontecimentos do dia a dia dos habitantes, os fatos ocorridos com os visitantes em diferentes ruas. Um episódio curioso é publicado no periódico quando a população é sobressaltada à meia noite com o som de um bacamarte na rua do Rosário.

Um cavalheiro muito conhecido na cidade desfere um tiro. Vários curiosos surgem e um transeunte, aproveitando a oportunidade, passa a proferir, na tentativa de esclarecer o fato, um discurso convicto, utilizando-se das seguintes frases: "- Mulheres, Mulheres! cada uma delas tem à flor dos lábios um favo de mel, o néctar sagrado - A ambrosia (!) celestial. Uma linda morenita espigada, rosto miúdo, de

voz expressiva e insinuante é a pólvora causadora da explosão popular" (NA NOITE..., 1882, ed. 00026, p.1, c. 2).

Ditas por um estranho no local, o discurso leva os curiosos, pressentindo um escândalo, a se retirarem imediatamente daquele local. Assuntos como esse são temas leves que envolvem acontecimentos cotidianos, como os escândalos e fatos diversos, sempre arrolados nas páginas do periódico.

Ao pesquisar sobre o surgimento de uma rua central e principal de uma localidade, logo é percebida a existência da relação cidadão/país e a utilização de recorte de pessoas memoráveis da época para nominá-la. A rua Municipal, primeira denominação da rua Cotegipe, foi reverenciada pela redação do jornal em tela por ocasião de uma visita de S. Alteza Imperial, o conde D'Eu²⁴. O conteúdo da publicação revela a memória fundante de uma rua principal, mostrando os primeiros sinais de urbanização de um espaço:

O chiar dos carros que levam café à estação, o monótono grito das máquinas do trem de ferro, o tropel de algum cavalheiro nas calçadas, um agudo assovio de certa loja, o desafinado e lúgubre cantar de um vendedor de bilhetes de loteria e um eterno aprendiz de piston na rua Municipal, eis os acordes sons que deleitam de contínuo os ouvidos dos pacíficos habitantes (MANSÃO...,1882, ed. 00063, p. 1, c. 1).

Acredita-se que a alteração do nome tenha sido em homenagem ao Dr. João Maurício Wanderley²⁵, o barão de Cotegipe, pela importância de sua atuação política durante o Brasil Império em uma região importante para o desenvolvimento da agricultura e pecuária do país, beneficiada pelo governo provincial com diversas sesmarias. Segundo Mario de Freitas (1984), a rua foi projetada pelo mais primitivo serviço de engenharia, com pás, enxadas e foices manejados por escravos e trabalhadores braçais.

A rua foi desenhada partindo de um caminho desbravado pelos primeiros posseiros colonizadores que chegaram na região, cuja rota foi seguindo pegadas de onças pintadas e outros animais selvagens, que se transformaram em um trilho de

²⁴ Gastão de Orleans, o conde D'Eu, nascido em Paris (1842). Obteve o título de conde ao nascer, concedido por seu avô, o rei Luis Felipe. Participou da guerra do Paraguai junto ao exército brasileiro. Foi casado com a princesa Isabel, filha do imperador do Brasil D. Pedro II, autora da Lei Áurea que pôs fim à escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888. DEL PRIORE, Mary. **O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde D'Eu.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

²⁵ Deputado Geral pela Bahia, Dr. João Mauricio Wanderley (depois Barão de Cotegipe), ocupou a pasta da Guerra e da Marinha; Foi também Ministro da Fazenda entre outras atribuições importantes. VEIGA, José Pedro Xavier da. **Efemérides Mineiras (1664-1897)**, Belo Horizonte, 1998, p. 297.

terra batida, convertendo-se, posteriormente, em rua. Nesse local de passagem, em meio a um denso matagal, foi se constituindo sensivelmente a alma da rua.

Segundo o autor citado, ao lado de um estreito córrego de águas cristalinas, de palmeiras imperiais, aglaidas, quaresmeiras, árvores frutíferas e pássaros de várias espécies, diversas moradias foram construídas. O espaço bucólico fez suspirar vários poetas e escritores que tiveram a oportunidade de conhecê-la ou de nela residir. Nas memórias de Mario de Freitas (1984), tal ideia se confirma:

As noites, na casa que mantínhamos sempre aberta e de luzes acesas, era um convite às tertúlias ou bate papos, como hoje se diz. E quando a calmaria descia sobre a cidade já adormecida, recebíamos o ar embalsamado pelas aglaidas que floresciam pela rua... (FREITAS, M., 1984 p. 25).

O *glamour* dessa rua deveu-se à exuberância da beleza natural, com frutas colhidas com "engenhoso aparelho de procedência francesa e de comprovada utilidade" (FREITAS, M., 1984, p. 29), para que fossem vendidas com aparências perfeitas. A vida cotidiana da localidade não era tão somente glamorosa relatada por Mario de Freitas, mas também carregada por percalços próprios da individualidade e da heterogeneidade humana, gerando satisfação ou insatisfação em seus habitantes, como, por exemplo, a rua do Buraco, hoje rua das Flores, seguimento da rua Barão de Cotegipe, tão citada em **O Leopoldinense** pelo descaso das autoridades em relação à sua conservação.

Lampião [...] ascendido às 14 horas da tarde, ficam apagados logo às 7 da noite. Quando ocorre o eclipse, as pessoas incumbidas de levar correspondência ao correio, de ordinário erram o caminho, perdem o tino e vão dar com o costado a rua do Buraco... (O LAMPIÃO..., 1882, ed. 00002, p. 3, c. 2).

Esse recorte mostra a insatisfação e a insegurança dos moradores em relação à precariedade do serviço de iluminação, ocasião em que o redator aproveita para criticar ironicamente os serviços de obras públicas. A insegurança proveniente da região pertencer à mata Atlântica, ainda pouco desbravada, era constante:

O cangussú! [...] horroroso animal célebre por suas grandes façanhas, é a maior onça pintada de malha miuda que se tem visto [...] foi apanhada às margens do Rio Doce em Minas [...] Causou grandes estragos em criações

e pessoas, que desapareceram devorados em suas garras [...] (O CANGUSSÚ...,1882, ed. 00004, p. 3, c. 3)

Para ilustrar e complementar o contexto sobre a iluminação precária citado em **O Leopoldinense**, buscou-se no texto de Luiz Eugênio Botelho (1967) em **Leopoldina de hoje... e de ontem** o registro de uma carta de sua autoria enviada a um amigo, desenhando a Leopoldina iluminada pelos lampiões a querosene, com detalhes observados ainda em sua infância.

Segundo o autor, os lampiões eram acendidos logo ao cair da noite e apagados pela madrugada, um a um. O encarregado desse serviço, além da sua limpeza, como a retirada dos besouros, cupins e moscas que ali se acumulavam, percorria a pé toda a cidade carregando uma escada e todo o material destinado à sua conservação. Suas características são descritas pelo autor nos seguintes termos: [...] era um italiano de longas barbas, alegre e forte, que ainda trazia, nas faces, aquele rubor característico dos europeus recém-chegados, mas já era antigo morador da cidade, onde tornara-se populíssimo (BOTELHO, 1967, p.132).

A iluminação de todo o espaço urbano de Leopoldina era de responsabilidade desse único indivíduo até a iluminação a querosene ser substituída por gás acetileno, momento em que o serviço torna-se para o italiano mais leve e simples. A escada foi substituída por uma vara com pavio aceso na extremidade: era só aproximá-la do bico de gás e estava aceso o lampião; para apagá-lo, bastava uma virada na chave geradora geral e as ruas silenciavam com o romper da madrugada (BOTELHO, 1967).

Em meio à insegurança e à precariedade da iluminação dos lampiões a querosene, a escuridão das ruas muito contribuía para os transeuntes apreciarem os vagalumes saindo dos matos, iluminando o espaço e divertindo a meninada, que brincava de pique-esconde nas sombras das árvores debaixo de um céu salpicado de estrelas (BOTELHO, 1967).

Em **O Leopoldinense**, as ruas são mencionadas sempre por ocasião dos movimentos festivos, nos momentos de lazer, nas tragédias da vida humana e também na divulgação dos assuntos de interesse social e comercial.

O suicídio de um jovem escravo em uma árvore na rua Municipal é assim descrito pelo redator do jornal:

[...] ao percorrer os terrenos incultos situados além da sargeta da rua Municipal, viu sob a copa das ramas de secular arvoredado agitar-se no espaço a forma alva de um corpo humano. [...] pessoas, porém, arrastadas pela curiosidade, agrupam-se em roda da árvore e nela avistam suspenso o cadáver de João, escravo fugido [...], tinha apenas 25 anos de idade [...] (NA NOITE..., 1881, ed. 00033, p. 2, c. 4).

Essa rua, hoje Barão de Cotegipe, a principal da cidade, liga-se a duas praças, local onde foi estabelecida a estação de trem da cidade, concentração de grande parte do comércio de outrora, com lojas, bancos e outras atividades, e também na contemporaneidade. Em **O Leopoldinense**, as ruas são destacadas como espaços de divertimento e trabalho, onde se pode vivenciar momentos felizes: "Da rua Municipal, seguiram os imperantes até a igreja Matriz, aí fizeram orações e recolheram-se [...]" (DA RUA..., 1881, ed. 00031, p. 2, c. 4). Esse fragmento se refere ao cortejo pelas ruas durante a visita da família imperial nesta localidade. Pouco tempo depois, é registrado na mesma rua um momento triste, um suicídio: "[...] da rua Municipal, viu sob a copa das ramas de secular arvoredado agitar-se no espaço a forma alva de um corpo humano" (SUICÍDIO..., 1881, ed. 00033, p.2, c. 4).

Merece destaque outra rua central, rua da Gramma²⁶, que hoje tem a denominação de rua Manoel Lobato, um dos principais palcos erguidos para os primeiros passos da cidade, que surgiu entre montanhas verdejantes dentro de uma faixa de Mata Atlântica na zona da Mata mineira. Nasce no embalo do berço, sede de uma fazenda do mesmo nome, cuja área era inicialmente formada por uma vegetação rasteira. O leopoldinense Barroso Junior (1943) dá o tom à beleza do lugar e esclarece que foi Bernardo José da Fonseca, sesmeiro ou posseiro, que fundou a fazenda:

Bernardo José da Fonseca fez a sede da sua propriedade aos pés da majestosa muralha granítica, contra forte ciclópico da Serra dos Puris. Deu a essa sua posse o nome de fazenda da Grama por existir entre as matas que bordejavam o riacho do Feijão Cru uma várzea toda coberta de grama (JUNIOR, B., 1943, p. 30).

A rua da Gramma emerge do segmento de um bairro no coração de uma fazenda, cuja área era coberta por um tapete de gramado verde, tendo como visual o Morro do Cruzeiro, ponto turístico da cidade. Seus moradores tiveram a

²⁶ A palavra segue a grafia da época.

oportunidade de vivenciar os contrastes e a beleza da natureza. Domínio de ações sociais capazes de despertar fortes reações, emoções, orações, músicas e imagens.

Cabe notar ainda que assuntos como trabalho, lazer, ordens, desordens e ameaças repetidas são notas relevantes nos noticiários do periódico **O Leopoldinense**. Há nele a divulgação da violência noturna das ruas e dos bairros, como também assuntos de utilidade pública e críticas à ação do poder público constituído, como se pode observar na seguinte frase, quando noticia um ato de violência na rua da Gramma: "a impotência da força pública, prova quão perigosas são as excursões noturnas pelos arrabaldes, após o sol posto" (DESORDENS..., 1882, ed. 00007, p. 2, c. 4), explicitando uma selvageria acometida na referida rua.

A violência nesse período era praticada por hábitos noturnos, no momento em que os lampiões eram apagados. As solicitações de providências para repressão aos atos, como furtos, brigas, armadilhas de grupos rivais, bandidos nas ruas centrais e também para as badernas e ameaças recorrentes nas principais ruas da cidade, eram feitas através do noticiário do jornal que, criticando a impotência da força pública no combate ao terror e pânico, o faz sem o menor escrúpulo, com a convicção de livre-arbítrio de seus redatores, como se apreende na seguinte frase encontrada numa edição do mês de janeiro: "Nada deste alvedrio nos demoverá" (NOTICIÁRIO..., 1882, ed. 00007, p. 2, c. 4).

A veracidade desses fatos, segundo o redator, "está no terror pânico levantado entre os habitantes do bairro da Gramma onde descreve: "[...] campeia altanada uma multidão de sicarios e todas as noites no bosque do atalho estaciona um grupo de malfeitores à pista de três indivíduos que delataram seus crimes" (A PROVA..., 1882, ed. 00007, p. 3, c. 1), isto é, um amotinado de matadores de aluguel que faziam emboscadas todas as noites em um beco da referida rua aos indivíduos delatores de crimes praticados.

Nesse local, não diferente dos outros, os conflitos surgiam após as festas religiosas na capela ali situada: "o lazer dos devotos da pinga sempre tinha um final com desagrado, nas tavernas da Gramma". A motivação era sempre torpe: por exemplo, durante uma cantoria descontraída, o erro de uma nota musical virava motivo de confusões. Misturavam-se os pinguços aos transeuntes e curiosos em uma confusão às escuras. "Os grumarins, rifles e bengalas petropolitanas volitavam com os cacos de garrafas desertadas das prateleiras da taverna" (ROLO..., 1882, ed. 00051, p. 2, c. 3). Nessa miscelânea de pessoas em desentendimento às

escuras em meio a armas, aos sabres, porretes e gritos das senhoritas cortesãs – donzelas da roda de costumes civilizados, libertinos, devassos e de vida luxuosa –, muitos transeuntes e curiosos saíam feridos, quando não detidos pela polícia.

A agressão ao ser humano, quando silenciosa, é tão nefasta quanto a física. O tema da violência subjetiva é recorrente nas páginas do jornal **O Leopoldinense**. Nos anúncios que envolvem fugas de escravos, ela é percebida:

O abaixo assinado bem gratificará quem apreender e levar em sua fazenda [...]: Felipe, preto, altura regular, grosso de corpo, testa larga, nariz chato, pé pequeno, cambota das pernas, bons dentes, barba aparada e tem em uma das pernas sinal de ferida, levando um chapéu de couro (O ABAIXO..., 1881, ed. 00034, p. 3, c. 3).

As informações das características físicas herdadas dos familiares eram evidenciadas, como também as deformações e/ou as marcas no corpo e cicatrizes deixadas pela labuta do trabalho escravo.

Em contraponto à violência subjetiva ou física da época retratada nas páginas do jornal **O Leopoldinense**, destacando as pessoas e as ruas de Leopoldina, várias foram as festas organizadas por seus habitantes nas capelas da cidade. O entusiasmo, a alegria e a fé eram grandes e contagiantes. A sociedade enfeitava os altares com muito gosto e zelo na simetria da iluminação. As frentes das casas dos moradores eram ornamentadas com arcos de flores de variadas cores, surpreendendo os organizadores das festas pelo capricho e desvelo. Grandiosas procissões transitavam nesse ambiente festivo, saindo das capelas e percorrendo várias ruas com música, ladainha e brilhantes sermões comparáveis ao ato pelo reverendíssimo vigário da época.

No período do carnaval, são dedicadas várias colunas ao evento. Os blocos de rua, o carnaval dos salões, os caricatos, as fantasias, os Zés Pereiras, a crítica aos governantes e todas as formas de brincar o carnaval, principalmente da Corte, no Rio de Janeiro, e de Leopoldina e Cataguases, em Minas Gerais, eram assuntos tratados, colocando em evidência uma herança cultural material e imaterial.

Enquanto J. A. e J. A. Júnior (1882) escrevem da corte, tecendo elogios à criatividade dos organizadores das festas e dos blocos carnavalescos das ruas do Rio de Janeiro, Zé da Silva (1882), do interior mineiro, conta sobre a ornamentação da cidade de Cataguases, durante os três dias de festa, discorrendo também a respeito da animação e do sucesso do desfile dos carros alegóricos e suas

representações críticas, utilizando-se, para isso, de páginas inteiras e várias edições. As diversões esportivas, como as corridas de cavalos, eram praticadas naquela época nos arredores da Onça, um bairro afastado do centro da cidade. Os ensaios para os eventos oficiais eram regados a lanches oferecidos pelos organizadores, cuja intenção, além da diversão, era comercial, sendo o público significativo.

[...] o público leopoldinense algumas vezes aliado ao que é útil e agradável, mostra-se entusiasmado, pois também antevê com a consecução das corridas um germen de futuro progresso para o país, visto ser esta empresa a primeira deste gênero que se estabelece no mais rico município de Minas Gerais, na linda cidade que é sede do maior distrito eleitoral da província (CONFORME..., 1882, ed. 00040, p.1, c. 2).

Evento realizado no Sport Leopoldinense tinha o objetivo, além da diversão, o aprimoramento da raça de cavalos na região. Organizado festivamente com a presença de grande público, o torneio hípico contava com a participação de importantes proprietários de fazendas.

Um dos caminhos importantes do norte, partindo da capital federal nos anos oitocentistas, era a Rede Ferroviária da Leopoldina, nome dado em homenagem à duquesa de Saxe²⁷. Eram quilômetros de estrada percorridos para se chegar na estação de São Sebastião da Leopoldina. O percurso da viagem era um espetáculo panorâmico, cuja paisagem se insere no interior da Zona da Mata. Naquela época, quem parasse na Estação da Leopoldina, tinha a oportunidade de conhecer um povoado incipiente surgido em 1831, que passa a ser distrito de São Manoel do Pomba em 1837 tendo, de acordo com Barroso Junior (1943), o seu primeiro representante da câmara municipal, o vereador Antônio José Monteiro de Barros, proprietário da fazenda Paraíso.

A partir do florescimento das fazendas de suas cercanias nasce Leopoldina e, para as pessoas realizarem seus ofícios divinais e exonerar dos princípios religiosos, ergueu-se no alto dos Pirineus a primeira matriz religiosa, como descreve Barroso Junior (1943, p. 13): "[...] fundadores doaram à capela de S. Sebastião terras nos

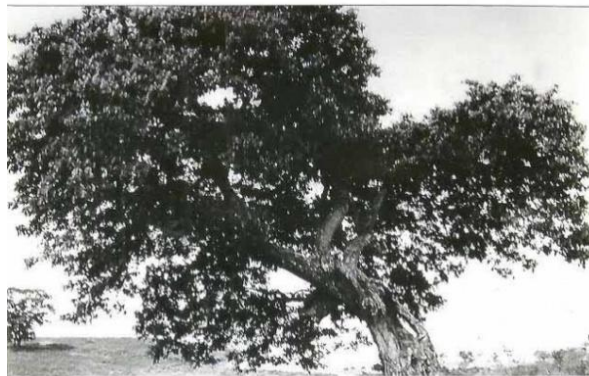
²⁷ Leopoldina, imperatriz brasileira (Áustria, 1797 - Rio de Janeiro, 1826). Filha de Francisco I e Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo, arquiduquesa da Áustria, casou-se com o príncipe D. Pedro, herdeiro do trono português e depois imperador do Brasil. Mãe de D. Pedro II . Editora Guanabara. Koogan, Rio de Janeiro, 1996, p. 1320.

confins das suas sesmarias, ao redor da tosca ermida ereta no alto dos Pirineus, sobranceira e serena, o primeiro marco da vitória sobre o gentilismo".

O ribeirão do Feijão Cru, que atravessa toda a área povoada, circula pelo lado poente, e o Pirineus desponta no oriente majestoso, com sua parede natural circundando o perímetro urbano, tendo debaixo da vista as Tabocas, com seus casarios bem singelos. Ali se ergueu macabra e ofensiva uma forca, cujo sentido era a punição de crimes praticados por escravos, de denominação inicial de Morro da Forca no alto das Tabocas, hoje bairro dos Pirineus.

Nesse local, segundo Barroso Junior (1943) foram executados três escravos acusados de assassinato de seus senhores. A história nomeia um indivíduo chamado Fortunato como o carrasco. Segue a imagem da árvore da forca encontrada no sitio eletrônico do atual Jornal Leopoldinense:

FIGURA 4 - A árvore da forca



Fonte: Disponível em: <<http://leopoldinense.com.br/noticia/1057/a-arvore-da-forca>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

Nativa em um pasto no alto do morro, área ainda não habitada, cuja morte foi causada por um raio e cortada posteriormente por profissionais do poder público municipal, segundo os habitantes antigos do bairro. Histórias são contadas pelos moradores mais velhos do Alto das Tabocas, nomeando o local de mal assombrado, uma vez que quem por ali passava à noite contava ter visto vultos e ouvido sons bizarros.

Assim descreve Luiz Rousseau Botelho (1976), que registra em seu livro **Alto Sereno**, no qual retrata a sua vida de menino nessa região, uma das lendas locais, a do Chico Cabeludo, indivíduo sexagenário, humilde morador do bairro, branco e de

pouca fala. Essa história, de acordo com ele, era contada pelos mais velhos para aterrorizar as crianças consideradas desobedientes:

O Chico Cabeludo era o terror [...] Contavam que ele nas sextas feiras virava porco, e saía pelas ruas pegando e comendo meninos arteiros; que ele roncava e sacudia um dente grande que tinha pendurado a boca. Depois subia o morro, e virava gente outra vez e no lugar que ele passava deixava um cheiro de enxofre (BOTELHO, L. R, 1976, p. 28).

No recorte transcrito, analisado conforme as categorias de fontes materiais da divisão das fontes históricas citadas por Barros (2012), os lugares e os ambientes naturais são importantes condutos para compreensão da sociedade que tenha no espaço vivido e do ambiente por ela utilizado. Essa fonte transmite uma herança cultural de antigas práticas e representações utilizadas em uma época passada, que resiste na contemporaneidade sob outra forma de se educar uma criança.

O folclorismo sobreviveu por muito tempo na região sudeste da zona da Mata mineira. Em Leopoldina, as cavalhadas, uma representação dramática, era uma das formas de divertimento do século XIX (GARCIA, 1965).

Outra modalidade de diversão recorrente na sociedade leopoldinense do oitocentos é a briga ou corrida de galos. Nos termos do jornal, "degolação de galos" (HOJE..., 1882, ed. 00022, p. 4, c. 4), divulgada por meio de anúncios no jornal, espaço utilizado para anunciar as datas, os horários e a localidade do evento. O bairro da Gramma era palco desse acontecimento, que reunia um grande público.

Na coluna de noticiário previamente à data do evento, a redação fazia uma explanação sobre as regras, as preferências para os participantes e o desfecho, descrito com a utilização da seguinte expressão: "O galo morto... [...] também devorado!". (DEGOLAÇÃO..., 1882, ed. 00023, p. 1, c. 1).

[...] serão corridos 3 galos, sendo 2 no chão e 1 na corda, os do chão é para um cavalheiro de olhos vendados retirado 20 passos a retaguarda ir degolar o galo com uma espada [...] cada cavalheiro só terá 5 minutos para a perseguição do infeliz galo" (GRANDE..., 1882, ed. 00022, p. 4. c. 4).

De acordo com Luiz Gonzaga Motta (2002) no artigo **Para uma antropologia da notícia**, as notícias dos jornais são narrativas abertas capazes de conduzir o leitor a completar o seu significado, como acontece em textos literários, porque em sentido simbólico são carregadas de histórias e chegam a invadir o campo dos

mitos. O autor considera a notícia como um lugar de ambiguidades culturais pela existência das presenças contraditórias do real/imaginário e da história/fantasia.

Mesmo aquelas notícias de significação restrita, mesmo aquelas que conseguem ser mais objetivas e conseguem despir-se de toda a fabulação, se consideradas como fragmentos de um conjunto maior de notícias, podem adquirir um sentido narrativo, e, portanto mítico, estimulando a fantasia, a imaginação, os desejos e as utopias dos leitores [...] (MOTTA, 2002, p.14).

As notícias do cotidiano vão além da informação transmitidas em narrativas, impregnadas que são por elementos ideológicos do autor, capazes de instigar o imaginário de quem as recebe.

Em um empório situado à rua do Rosário, número 39, da cidade de Leopoldina, é retirado todo o estoque da cachaça para venda a varejo. Em **O Leopoldinense** essa notícia é dada nos seguintes termos: "devido a elevação de impostos sobre vendas de aguardentes, deixa de ter à venda este líquido, conservando, porém, a quantidade para obsequiar os seus fregueses [...] continua a ter sortimento" (ATENÇÃO...,1882, ed. 00019, p. 4, c. 2).

Na edição seguinte, o jornal publica outra notícia sobre problemas enfrentados pelo proprietário do empório referente à venda da cachaça, mostrando que, a partir de um desentendimento de um freguês junto ao revendedor da bebida, aquele tem uma atitude inusitada de sair insistentemente gritando pela rua a todo instante: "Abaixo o imposto da cachaça!" (AGRESSÃO..., 1882, ed. 00020, p. 2, c. 4).

Por meio de uma abordagem antropológica de uma notícia com fundamentos na acepção dos sentidos, conforme Motta (2002), visando ao estudo do cotidiano de um espaço público, percebe-se que a antropologia de uma rua é exatamente o que ocorre nela no dia a dia e seus personagens.

Em uma rua da cidade de Leopoldina, já citada anteriormente, com a primeira denominação de rua do Buraco, residiu uma família cujas filhas foram batizadas com os seguintes nomes: "Rosedá, Amarilis, Miosotis, Dália e Violeta" (BOTELHO, L. E.1967, p.149). Segundo o autor esses nomes influenciaram a mudança do nome da rua para rua das Flores. Outro autêntico caso sobre nome das pessoas é o de um reformador e afinador de piano pertencente a uma família tradicional do município em tela que, no exercício de sua arte, restaurava e dotava de plena harmonia qualquer piano. Sua dedicação era tanta que o levou à obsessão de registrar cada

um de seus filhos com nomes de fabricantes estrangeiros de pianos: "Geyer, Steinway, Ronisch, Bechstein, Pleyel, Chidmayer e Trautuen Alves Tavares" (BOTELHO, L. E. 1967, p. 150). Os dois últimos têm a seguinte grafia Schiedmayer e Trautwein.

O Jornal **O Leopoldinense**, com a colaboração de seus atores escritores transitou pelas ruas, praças e bairros da cidade e região e mostrou, por meio de variados gêneros textuais, partindo de uma leitura dos fatos cotidianos, a imagem de uma sociedade oitocentista, sua linguagem cultural e sua forma de pensar, de expressar e de interpretar o mundo.

Por fim, a Casa da Barateza e da Felicidade, empório de propriedade dos proprietários do periódico **O Leopoldinense** divulga:

Olhai! Olhai!
Examinai!
Como isto é bom como é de Lei!
Que é da pechincha
Que estás sempre a anunciar,
Está na rua do Rosário
Quem quiser vá lá buscar!
(A CASA..., 1883..., ed.00009, p. 3, c. 4).

Com uma linguagem simples, o jornal reporta acontecimentos da sociedade leopoldinense no final do século. Além da divulgação, provoca emoções, sentimentos e paixões com poesia e lirismo a partir das tramas do cotidiano de personagens, lugares, as relações sociais, estilo de vida, sobrevivência e lazer, por intermédio das notícias, dos anúncios, dos folhetins e das crônicas, conduzindo a uma memória coletiva e social.

CONCLUSÃO

Um passado revisitado e materializado a partir do garimpo de informações nas páginas do jornal **O Leopoldinense** no período compreendido entre 1879-1896. A leitura desse documento histórico permitiu traçar os elementos de uma sociedade composta por elites letradas e proprietárias de grandes fazendas e de escravos. Artefato aparentemente simples, mas de significativo valor cultural para a da Zona da Mata mineira no final do século XIX, **O Leopoldinense** foi a primeira folha local de Leopoldina. Surgiu na extensa rota percorrida pelos trens da estrada de ferro em caminhos de tropeiros, contribuindo para a aproximação das notícias entre o interior da província mineira e o Rio de Janeiro.

Em um amplo repertório de fatos e opiniões narrados em suas páginas, percebe-se posições políticas opostas, pautadas no liberalismo, no que diz respeito à defesa do avanço da economia e da liberdade social, pugnando pela liberdade de expressão e dos direitos humanos, e no conservadorismo, quando são evidenciadas posições contrárias à libertação dos escravos em massa, mostrando-se, assim, favoráveis à lei do Ventre Livre.

Apropriando-se, nas notícias, dos instrumentos presentes no cotidiano, os discursos literários acabavam por representar os comportamentos sociais e padrões da vida social. Demonstravam o papel secundário ocupado pela mulher na família e na sociedade e valorizavam o regionalismo e incentivavam a instrução pública, primária e agrícola, por meio das sensíveis prosas, ou seja, havia uma preocupação de natureza política em suas folhas.

A liberdade de expressão, tão primada pelos redatores e colaboradores do jornal, com posicionamentos contra ou a favor de determinados assuntos, como, por exemplo, o da emancipação dos escravos e suas implicações na lavoura cafeeira, era camuflada com o uso de pseudônimos. Estas assinaturas apontam para a existência de uma prática comum na imprensa da época e funcionava como um código de participação política na arena pública.

As identidades camufladas dos autores, cronistas e folhetinistas transitavam pela província de Minas Gerais e pelo Rio de Janeiro, sendo formadas por colaboradores provenientes de duas regiões diferentes, sendo elas então conhecidas como **autorias híbridas**. As escritas literárias são mescladas de sentimentos românticos procedentes dos mineiros interioranos e saudosistas e

outros que migraram para o Rio de Janeiro e se tornaram modernos homens das letras que de lá escreviam para **O Leopoldinense**, alimentando um intenso e constante fluxo de notícias.

A inspiração dos autores dos textos produzidos para o jornal **O Leopoldinense** aponta enredos de aventura e suspense, união e prazer, heróis e vítimas, fortuna e ruína, exaltação da natureza, melancolia e sonhos. Dá-nos, portanto, a percepção de que eles também leram a obra *Sinclair das ilhas*, escrita em 1803 por Elizabeth Helme, romancista e educadora inglesa, romance que inspirou escritores brasileiros como Machado de Assis e José de Alencar. As personagens dos folhetins podem ser comparadas às do livro citado, que influenciaram a polifonia de vozes nos enunciados dos textos do jornal **O Leopoldinense**.

Nas páginas de **O Leopoldinense** são retratadas as experiências do dia a dia dos redatores, compartilhadas pelos correspondentes da região da Zona da Mata mineira e da Corte, no Rio de Janeiro. O periódico participou, com reserva, de momentos políticos marcantes no cenário nacional, como a libertação dos escravos e os embates em defesa da lavoura cafeeira entre os monarquistas e os republicanos.

Procurei no percurso desta pesquisa compreender o jornalismo como gênero literário e identificar os elementos capazes de revelar uma época, além das contribuições do gênero folhetim e crônica para compor o cotidiano de publicações literárias. Os gêneros textuais com situações comunicacionais de cunho narrativo são percebidos nessas colunas. Os enunciados desses gêneros abrangem as tramas do cotidiano que, sem se enfeitar de altos sistemas do pensamento, transmitem conteúdos filosóficos pautados no contexto daquela época a partir do cotidiano vivido.

As narrativas compostas de linguagem direta e espontânea, cuja apreensão do texto pelo leitor pode se dar imediatamente, sem qualquer análise sobre a temática, indicam o estilo da oralidade apropriado pelos escritores, que fizeram do cotidiano o seu cardápio diário.

Os textos literários identificados em **O Leopoldinense** são compostos por assuntos diversos, como a vida cotidiana estruturada por sistema dinâmico das atividades e pensamentos cotidianos, pois tratam de amores, paixões, divertimentos, rumores e fofocas, com teor para compreensão da vida social nos aspectos mais

simples da vida, e o emprego da crítica, da sátira, da ironia e analogia sobre a política, a mulher e a religiosidade, por exemplo.

A partir da leitura e análise do periódico, afirmo que este, além de ser um instrumento de orientação, formação e diversão, é também um agente histórico mobilizador das opiniões públicas, um espaço privilegiado para a literatura, capaz de provocar emoções por meio de fatos miúdos, toques de humor e poesia, ao retratar pessoas simples da vida cotidiana.

Os textos de diversos gêneros oferecem subsídios suficientes para a composição de um quadro literário e histórico da sociedade leopoldinense no final do século XIX. A efemeridade dos assuntos não é tão importante em benefício da qualidade do estilo, variedade, astúcia, graça e ironia na análise de fatos do cotidiano. O importante é a percepção de que o jornalismo pode apresentar as mesmas possibilidades de sensações das obras de arte e da literatura.

A colunas do **folhetim** e **crônica** retratam o cotidiano impresso do oitocentos e a utilização desses como documento histórico e contribuem para exploração de épocas e vidas passadas. Mesmo sendo tratados como produtos efêmeros, lidos e esquecidos, os jornais são mais do que rápido entretenimento: são fonte de pesquisa provida não somente de fatos, mas de aspectos literários, filosóficos e poéticos, nos quais sobressai a imaginação criadora com apreensão do cotidiano e a descrição objetiva da vida individual e social do oitocentos.

Estudar literatura por meio de fontes primárias requer dupla atenção. A primeira diz respeito à subjetividade de tais fontes e sua intencionalidade, ou seja, as narrativas contidas nos folhetins e crônicas tinham várias funções ao compor o repertório do jornal estudado. Evidenciavam os códigos de conduta, retratavam a sociedade hierarquicamente organizada a partir das relações de trabalho pautadas na escravidão e na economia cafeeira, demonstrando as inclinações de pensamentos conservadores. A segunda requer uma habilidade metodológica no tratamento do jornal, ou seja, diante dos múltiplos desafios de leitura, é necessário demarcar os caminhos que conduziram a pesquisa, aqui evidenciados pelo levantamento quantitativo dos **folhetins** e **crônicas** e suas análises qualitativas.

As informações, as notícias, os anúncios, as propagandas e os gêneros textuais nas rubricas de **folhetim** e **crônica**, entre outros, são fontes ricas para o estudo da literatura brasileira, no âmbito regional e local, com um repertório que conduz ao reconhecimento do jornalismo como gênero literário.

REFERÊNCIAS

A CASA da barateza. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00009, p. 3, c. 4. 25 fev. 1883.

A FOLHA tem uma tiragem. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 5 c. 2. 1 jul.1883.

A NOSSA folha, vivendo. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00004, p.1, c.1, 2. 21 jan.1883.

A POLÍTICA é achar uma forma. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 5, c. 1. 1 jul.1883.

A PROVA mais evidente. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00007, p. 3, c. 1. 22 jan. 1882.

A PRÓXIMA visita de suas majestades. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00028, p.1, c.1. 21 abr.1881.

A REDAÇÃO confiada a um só homem. **O Leopoldinense**, Leopoldina,1883, ed. 00029, p. 5, c.1,3. 1 jul. 1883.

A SEMANA de festas de alegria. **O Leopoldinense**, Leopoldina,1894a, ed. 00018, p. 2, c.1. 9 set. 1894.

A SOCIEDADE anônima. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00039, p.1, c. 1. 21 maio 1882.

A 20 do passado. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00074, p.1, c.1- 4, 3.dez.1882.

ACOLHEMOS com cavalheirismo. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00028, p. 1, c. 3. 21 abr.1881.

AGRESSÃO brutal, deu-se. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00020, p. 2, c. 4. 9 mar. 1882.

ARNT, Hérís. Jornalismo e ficção: as narrativas do cotidiano. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, UERJ, v. 2, n. 3, p. 47-52, 2004.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (APM). **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1892, ed. 00013. 10 abr. 1892. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 19 ago. 16.

_____. **O Leopoldinense**, Leopoldina 1880, ed. 51. 7 nov. 1880. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 19 ago. 16.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 45-55, 2006.

ATENÇÃO, o abaixo assinado. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00019, p. 4, c. 2. 9 mar. 1882.

BACURÁU. Palestra política II. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00023, p.1, c.1. 23 mar.1882.

_____. Palestra política II. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00023, p.1, c. 2. 23 mar.1882.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. _____. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALTHAZAR, Elisyo. A noiva adúltera. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00034. p. 1, c. 2. 12 maio 1881.

_____. _____. 1881a, p.1 c. 4. 12 maio 1881.

_____. _____. 1881b, p.1, c. 2. 12 maio 1881.

_____. _____. 1881, ed. 00035. p.1, c. 1. 15 maio 1881.

_____. _____. 1881a, p.1, c. 4. 15 maio 1881.

BALTHAZAR, Elisyo. A noiva adúltera. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00036. p. 1, c. 2. 19. maio 1881

_____. _____. 1881, ed. 00037. p.1, c. 2. 22 maio 1881.

_____. O Dr. Arthur. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00049. p.1, c.1. 3 jul. 1881.

_____. _____. 1881a, p.1, c. 4. 3 jul.1881.

_____. _____. 1881b, p.1, c. 4. 3 jul.1881.

_____. Pirapetinga. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00056. p. 2, c. 3. 31 jul. 1881.

_____. _____. 1881a, p. 2, c. 4. 31 jul. 1881.

_____. _____. 1881b, p. 2, c. 4. 31 jul. 1881.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, n.12, p.129-159, maio/ago. 2012.

BARROSO, Eloísa Pereira. A Alma encantadora das ruas do Rio de Janeiro. **Cordis. Cronistas, escritores e literatos**, São Paulo, n. 9, p. 85-116, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/14405/10504>> Acesso em: 5 mai. 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

BIBLIOTECA NACIONAL (BN/ SOR). **O Leopoldinense**, Leopoldina, (1881-1896). Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em 20 set. 2015.

_____. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1894 ed. 19. 16 set. 1894. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervodigital/leopoldinense/706957>> Acesso em: 19 ago. 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL (BN/SOR). O Leopoldinense, **Leopoldina**, 1883, ed. 00004, p.1, c.1, 2. 21 jan. 1883. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervodigital/leopoldinense/706957>> Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, (1880-1889). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=>. Acesso em: 25 nov. 2015.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. V. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=15269>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**, 1638-1734, aulico, anatomico, architectonico ... , 1712 - 1728. v. 7 Coimbra: Collegio das artes da companhia de jesus,. 1728, p. 390. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 5 mai. 2017.

BOTELHO, Luiz Eugênio. **Leopoldina de outrora** (Historiografia). Pequeno ensaio concretizado em crônicas ligeiras e notas. Belo Horizonte, 1963.

_____. **Leopoldina de hoje... e de ontem**, Minas Gerais, zona da Mata, 1967.

BOTELHO, Luiz Rousseau. **Alto sereno**. Belo Horizonte: Editora Vega, 1976.

BRASIL, Bruno. **Diário do Comércio (Rio de Janeiro)**. Biblioteca nacional digital. Brasil, 17, ago. 2015. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 23 jun.2016.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira** v.1 e 2, São Paulo: Itatiaia, Belo Horizonte,1992.

_____. O francês como língua de desenvolvimento. In: _____. **O francês instrumental, a experiência da universidade de São Paulo**. São Paulo: Hemus, 1977.

_____. **Formação da literatura brasileira** v.1 e 2, São Paulo: Itatiaia, Belo Horizonte,1975.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 5. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2004.

_____. _____. 3. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

_____. _____. 2. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1994.

CHANTILLY. Devaneios, **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00069. p.1 c.1, 24 set.1881.

CIDADE de Leopoldina. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1880, ed. 51, p. 1, c. 1- 4. 7 nov. 1880.

COM que graça. **O Leopoldinense**, Leopoldina,1895, ed. 00060, p. 2, c. 2. 9 set. 1895.

CONFORME anunciamos, teve. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00040, p.1, c. 2. 25 maio 1882.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COUTINHO, Afranio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1999.

_____. _____. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

_____. **A literatura no Brasil: Teatro. Conto. Crônica. A nova literatura**. VI. 6. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A, 1971.

DA RUA municipal. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00031, p. 2, c. 4. 1 maio 1881.

DE MÁSCARA na cara. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00007, p. 3, c. 2. 11 fev.1894.

DEGOLAÇÃO de galos. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00023, p.1 , c. 1. 23 mar. 1882.

DEIXEMOS, porém aquela. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00014, p.3, c. 4. 19 fev. 1882.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**: Colônia, São Paulo: LeYa, 2016.

_____. **O castelo de papel**: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde D'Eu. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DESORDENS e ameaças repetidas. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00007, p. 2, c. 4. 22 jan. 1882.

D'ELVAS, Júlio. O grilo do moinho. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00002. p.1, c. 2. 7 jan. 1883.

_____. _____. 1883a, p.1, c. 4. 7 jan. 1883.

_____. _____. 1883b, p. 1, c. 3. 7 jan. 1883.

_____. _____. 1883c, p. 1, c. 4. 7 jan. 1883.

_____. _____. 1883d, p. 1, c. 4. 7 jan. 1883.

DISCURSOS parlamentares do conselheiro. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00011, p. 4, c. 4. 17 fev. 1881.

DIZIA-ME ontem, que a câmara. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00019, p. 3, c. 3. 9 mar. 1882.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Revista Ipotesi**, 2009, p. 12-19. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-mulher-de-letras.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2002. p. 157.

É GERENTE da folha o senhor. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1894, ed. 00019, p.1, c. 1. 16 set.1894.

É PARA nós motivo de júbilo. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00011, p.1-4, c. 1- 4. 17 fev. 1881.

É TEMPO, venha a alegria. **O Leopoldinense**, Leopoldina 1882, ed. 00014, p. 1, c. 1, 2. 19 fev.1882.

ENTRA hoje no quarto ano. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00078, p.1, c. 1. 1 jan.1883.

ESCRAVOS fugidos da fazenda. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00034, p. 3, c. 3. 12 maio 1881.

ESCRAVOS à venda. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881a, ed. 00034 p. 3, c. 4. 12 maio 1881.

EWALD, Ariane P. et al. Crônicas folhetinescas: subjetividade, modernidade e circulação da notícia. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. p. 237- 259.

FALTA d'água no bairro. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00023, p.1, c. 3. 27 maio 1883.

FAULKNER, Willian; OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Ministério da Educação e Cultura, 1954. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/william-faulkner.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

_____ ; PENA, Felipe. **Jornalismo e literatura**. Ministério da Educação e Cultura, 1954.

FINDOU o 1º semestre do quarto ano. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 5, c. 1. 1 jul.1883.

FONSECA, Costa Sobrinho. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00074. p.1, c. 3. 3 dez. 1882.

_____. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882a, ed. 00074. p.1, c. 3, 4. 3 dez. 1882.

FREITAS, Marcus Vinicius de. A literatura na província: "todos os gêneros". In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). **A província de Minas 2**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 221-233.

FREITAS, Mario de. **Leopoldina do meu tempo "memórias"**. Belo Horizonte: Gráfica Bandeirantes Ltda., 1984.

FUGIU da fazenda São Sebastião. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00011, p. 4, c. 4. 17 fev. 1881.

GARCIA, Funchal. **Do litoral ao sertão**. Biblioteca do Exército, 1965.

GÓES, A. Corte 10 de Arquimedes de 94. **O Leopoldinense**, Leopoldina. 1882, ed. 00029. p. 1, c. 3. 13 abr. 1882.

_____. _____. 1882a, p. 1, c. 3. 13 abr. 1882.

GRANDE corrida de galos. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00022, p. 4, c. 4. 19 mar. 1882.

GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. **Literaturas e escritas da imprensa, Brasil/França: Século XIX**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2015.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. _____. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOJE! domingo, hoje. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00022, p. 4, c. 4. 19 mar. 1882.

IHB - Instituto Hahnemanniano do Brasil. **Estatuto Social**. Disponível em:
<<http://www.ihb.org.br/interna.asp?p=quemsomos&ol=1>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

J. A. Da Corte. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00020. p.1, c. 1. 12 mar. 1882.

_____. _____. 1882a, p.1, c. 2. 12 mar.1882.

_____. _____. 1882b, ed. p.1, c. 4. 12 mar. 1882.

_____. _____. 1882, ed. 00022 p. 2, c. 1-3. 19 mar. 1882.

_____. _____. 1882a, p. 2, c. 2. 19 mar. 1882.

_____. _____. 1882, ed. 00026. p. 1, c. 4. 02 abril. 1882.

J. A. Carta da Corte. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00033. p.1, c.1, 2. 27. abr.1882.

_____. _____. 1882a, p.1, c.1. 27. abr.1882.

_____. _____. 1882b, p.1, c. 2. 27. abr.1882.

_____. Corte 2 de maio. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00035, p. 2, c. 4. 7 maio 1882.

_____. _____. 1882a, p. 2, c. 4. 7 maio 1882.

_____. Corte 10 de maio. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00038, p. 2, c. 2. 18 abr. 1882.

_____. Logrado! **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00042. p.1, c.1. 1 jun. 1882.

_____. José Ferreira de Menezes. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00044. p.1, c. 3. 8 jun.1882.

J. A. A Índia louca. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00054. p.1, c.1-3. 23 jul. 1882.

_____. Na Província. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00061. p. 1, c.1. 3 set.1882.

_____. Sob o Cipreste. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00070. p. 1, c. 1. 5 nov.1882.

J. L. À Guido de Souza Nogueira: uma felicidade em perspectiva, **O Leopoldinense**, Leopoldina, ed. 00011. 1883, p. 1, c. 3, 4. 11 mar.1883.

JÁ não sabemos há quantos. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00014, p. 3, c .4. 19 fev. 1882.

JOYCE, James; OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Ministério da Educação e Cultura, 1954. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/james_joyce/>. Acesso em: 3 jan. 2017.

JUNIOR, A. Conversemos. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00003. p. 1, c. 1. 18 jan. 1882.

_____, _____. 1882a, p. 2, c.1, 2. 18 jan.1882.

_____. Da Corte. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00011. p. 3, c.1. 5 fev.1882.

JUNIOR, Barroso. **Leopoldina e seus primórdios**, [S. l.: s. n.], 1943.

JUNIOR, J. A. Da Corte. **O Leopoldinense**, Leopoldina 1882, ed. 00021, p.1, c. 1. 16 mar.1882.

_____. _____. 1882a, p.1, c. 4; p. 2, c. 1 16 mar. 1882.

_____. _____. 1882b p.1, c. 2. 16 mar. 1882.

_____. _____. 1882c, p. 2, c. 1. 16 mar. 1882.

KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Editora Guanabara. Koogan, Rio de Janeiro, 1996.

LAGÔA, José Maximiano. A emancipação e a lavoura. **O Leopoldinense**, Leopoldina, ed. 00028. 1881, p. 2, c. 2. 21 abr. 1881.

_____. Visita imperial. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00031. p.1, c. 4. 1 maio 1881.

_____. Iracema. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00047. p.1, c. 3. 18 jun.1882.

_____. Elvira e Arnaldo. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00078. p. 1, c. 1. 26 nov.1881.

_____. _____.1881a, p.1, c. 2. 26 nov.1881.

_____. _____.,1881b, p.1, c. 4. 26 nov.1881.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA. Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Ensaios. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1969.

LIMA, Rangel de. Colaboração dispersa pelos jornais e revistas O Século, O Diário ilustrado, Comercio de Lisboa, Perfis contemporâneos. Aspectos variados da atividade literária e artística da segunda metade do século XIX e início do XX.

Revista **Artes e Letras**, 1872. Disponível em:

<http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=249%3Aespoliofranciscolima&catid=49%3Aaquisicoes&lang=en>. Acesso em: 19 mai. 2017.

MACHADO, Luja; CANTONI, Nilza. Trem da História. **Jornal Leopoldinense**, 2016, Não paginado. Disponível em: <<http://leopoldinense.com.br/coluna/141/a-imprensa-em-leopoldina-mg-entre-1879-1899>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

MANSÃO de paz e de sossego. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00063, p.1, c. 1. 1 out. 1882.

MELLO, José Marques de. Comunicação está na modernização da sociedade, mas pesquisa no Brasil ainda reproduz modelos externos. **Desafios do desenvolvimento**, 2010, ano 7. Edição 63, 19 out. 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1373:entrevistas-materias&Itemid=41> Acesso em: 25 mar. 2016.

MENEZES, José Ferreira de. A Gazeta da Tarde e as peculiaridades do abolicionismo de Ferreira de Menezes e José do Patrocínio. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS. 27 A 31 JULHO DE 2015. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428106071_ARQUIVO_AnaFlaviaM.Pinto-ComunicacaoAnpuh2015.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa, crônica, ensaio, conto, romance, novela, crítica, teatro. São Paulo: Cultrix, 1983.

MOREIRA, Luciano Silva da. Imprensa periódica e vida política. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). **A província de Minas 2**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.65-80.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Para uma antropologia da notícia. **Index**, vol. XXV, n. 2, Jul/dez. 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercomarticle/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

MOVIMENTO da cidade. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00028, p. 3, c. 4. 21 abr.1881.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Lexicografia portuguesa no século XIX: o dicionário de Antonio de Moraes. **Alfa**, São Paulo, UNESP- Araraquara, v. 50, n. 2, p. 55-67, 2006. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308876690_104.murakawa_clotilde.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

NA GAZETA de notícias. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 1, c. 1, 2. 1 jul.1883.

NA NOITE de ontem. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00026, p.1, c. 2. 2 abr. 1882.

NA NOITE de 24 passado. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00033, p. 2, c. 4. 8 maio 1881.

NETO, Antonio Luis Machado. **Estrutura social da república das letras** (Sociologia da vida intelectual brasileira, 1870 - 1930). São Paulo: EDUSP, 1973.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **Instrução, mito político e formação de elites na zona da Mata mineira (1895-1930)**. Leopoldina: Edição do Autor, 2011.

NOTICIÁRIO, desordens e ameaças. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00007, p. 2, c. 4. 22 jan. 1882.

O ABAIXO assinado bem gratificará. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00034, p. 3, c. 3. 12 maio 1881.

O CANGUSSÚ acaba de chegar. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00004, p. 3, c. 3. 12 jan. 1882.

O CONDE e a condessa D'eu. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 5, c. 1. 3. 1 jul. 1883.

O ELEMENTO servil. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 1, c. 1. 1 jul. 1883.

O LAMPIÃO da praça. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00002, p. 3, c. 2. 5 jan. 1882.

O LEOPOLDINENSE, publicação. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1894, ed. 00019, p.1, c. 1. 16 set. 1894.

O LEOPOLDINENSE, 17 de julho. **O Leopoldinense**, Leopoldina 1883, ed. 00029, p. 5, c.1, 2. 1 jul. 1883.

O REDATOR faz uma análise. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00021, p. 2, c.1. 12 mar. 1882

O TRÂNSITO pelas ruas. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1891, ed. 00011, p. 1, c. 3. 1 mar. 1891.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Ministério da Educação e Cultura, 1954.

OLNNAK. O dia 2 de fevereiro entre nós. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00011, p. 1, c. 1. 5 fev.1882.

ORA, eu interpretando os sentimentos. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p.1, c. 2. 1 jul.1883.

PACHECO. O elemento servil no Brasil considerado debaixo do seu verdadeiro ponto de vista. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p.1, c.1- 4, p. 2, c. 1, 2. 01 jul.1883.

PARA responder à sua excelencia. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 1, c. 1, 2. 1 jul.1883.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

PERMITA sua excelencia. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 1, c. 1. 1 jul.1883.

PETIT, S. Ao Leopoldinense. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00055, p.1, c. 2. 28 ago. 1881.

_____. _____. 1881a, p.1, c. 3. 28 ago. 1881.

_____. _____. 1881b, p.1, c. 3. 28 ago. 1881.

_____. Contos e Histórias VII. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00070, p.1, c.1. 1 dez. 1881.

_____. _____. 1881a, p.1, c. 4. 1 dez. 1881.

PETRÓPOLIS, caiu-me do bico da pena. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00014, p.3, c. 4. 19 fev. 1882.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. A Gazeta da Tarde e as peculiaridades do abolicionismo... XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS

HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS. 27 a 31 julho de 2015. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428106071_ARQUIVO_AnaFlaviaM.Pinto-ComunicacaoAnpuh2015.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**, 1775-1869, Typographia de Silva, 1832, p.119 Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up>> Acesso em: 5 mai. 2017.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. 7 ed. Coimbra: Almeida S/A, 2007, p. 87.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas Recordações**, [s. n.] 1944.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional/Departamento do Livro, 1951.

RODRIGUES, José Luiz Machado; CANTONI, Nilza. **Nossas ruas, nossa gente**. SENAI, Rio de Janeiro, 2004.

ROHAN, Henrique Baurepaire de. A emancipação do elemento servil, considerada em suas relações morais e econômicas. **O Leopoldinense**, 1882, ed. 00029, p.1, c. 1- 4, p. 2, c. 1, 2. 1 jul. 1883.

ROLO, ante-ontem. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00051, p. 2, c. 3. 2 jul. 1882.

SAMINADAYAR-PERRIN, Corine. Usos e práticas dos gêneros da escrita jornalística do século XIX. In: **Literaturas e escritas da imprensa**: Brasil/França, século XIX. GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (Orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. p. 287-308.

SANTIAGO, Silviano. Presença da língua e da literatura francesa no Brasil: para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros. **Letras**, Santa Maria, UFF, Niterói, v.19, n. 2, p.11- 25, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12007/7421>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

SEMPRE neutra e indiferente. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 5, c. 2. 1 jul.1883.

SEMANA de festas matizada. **O Leopoldinense**, Leopoldina,1894, ed. 00018, p. 2, c.1. 9 set. 1894.

SILVA, Antonio de Moraes da. **Dicionario da lingua portuguesa**,1755-1824. Oficina Simão Teodoro Ferreira, 1789, p. 647. Disponível em:
<http://www.brasiliana.usp.br/search?&fq=dc.contributor.author%3ASilva%2C%5C+Ant%C3%B4nio%5C+de%5C+Moraes%2C%5C+1755%5C-1824>. Acesso em 5 maio 2017.

SILVA, Antonio de Moraes da. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em:
 <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100#page/1/mode/1up>>
 Acesso em: 5 mai. 2017.

SILVA, Rodrigo Fialho. O tom e o traço: Apontamentos historiográficos sobre a imprensa no Brasil e em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. **Revista Escritas**, v. 7, n. 1 p. 18 - 43, 2015.

_____. Disfarces públicos e desafetos privados: a cultura política do anonimato na imprensa mineira oitocentista (1823-1881). **Mal-Estar e sociedade**, Barbacena, Ano VI, n.11, p. 101-116, jul./dez. 2013.

SILVA, Z. Rabecadas de Cataguases. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00002, p. 4, c. 1. 7 jan. 1883.

_____. Cataguases. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00021, p.1, c. 4. 16 mar. 1882.

_____. Cataguases, conclusão. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00022, p. 1, c.1- 4. 19 mar. 1882.

SIMON, Luiz Carlos. **Dois ou três páginas despretensiosas**: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: EDUEL 2011. <<http://books.scielo.org>>.
 SUICÍDIO na rua municipal. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00033, p. 2, c. 4. 8 maio 1881.

TABLEAU. Tem graça! **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00034, p. 2, c. 4. 1 maio 1881.

TEIXEIRA, Luiz Lopes Pe. Imperial Recepção. **O Leopoldinense**, 1881, ed. 00028, p.3, c. 2. 21 abr. 1881.

TEMOS conta que pagar. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1882, ed. 00043, p. 1, 2, c. 3. 4 jun. 1882.

V. D. Brígida. **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1894, ed. 00028, p. 2, c. 3. 25 nov. 1894.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **Efemérides Mineiras**, 1664-1897. Introdução, 1998, p. 297.

_____. _____. 1664-1897. Introdução, 1998, p. 488.

VELLOSO, Mônica Pimenta. 1988. A literatura como espelho da nação. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988. Disponível em: <http://fcb_monicaveloso_literatura_espelho_nação.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

VIANNA. Arthur dr. Panegírico de S. dinheiro... **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1881, ed. 00050, p.1, c. 1. 7 jul. 1881.

VIEIRA, Bento José. Findou o 1º..., **O Leopoldinense**, Leopoldina, 1883, ed. 00029, p. 5. c. 2. 1 jul. 1883.

VIEIRA, Domingos, frei. **Grande dicionário português** ou Tesouro da lingua portuguesa, 1871. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308876690_104.murakawa_clotilde.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.